

Orgs. | Júlio César Pinheiro do Nascimento | Roney Ricardo Cozzer



# EDUCAÇÃO: ENSINO RELIGIOSO E CONSTRUÇÕES EDUCACIONAIS A PARTIR DA TEOLOGIA



**EDUCAÇÃO: ENSINO RELIGIOSO E CONSTRUÇÕES  
EDUCACIONAIS A PARTIR DA TEOLOGIA**

### ***Comissão Editorial***

Ma. Juliana Aparecida dos Santos Miranda  
Ma. Marcelise Lima de Assis

### ***Conselho Editorial***

Dr. André Rezende Benatti (UEMS\*)  
Dra. Andréa Mascarenhas (UNEB\*)  
Dra. Ayanne Larissa Almeida de Souza (UEPB)  
Dr. Fabiano Tadeu Grazioli (URI) (FAE\*)  
Fernando Miramontes Forattini (Doutorando/PUC-SP)  
Dra. Yls Rabelo Câmara (USC, Espanha)  
Me. Marcos dos Reis Batista (UNIFESSPA\*)  
Dr. Raimundo Expedito dos Santos Sousa (UFMG)  
Ma. Suellen Cordovil da Silva (UNIFESSPA\*)  
Nathália Cristina Amorim Tamaio de Souza (Doutoranda/UNICAMP)  
Dr. Washington Drummond (UNEB\*)  
Me. Sandro Adriano da Silva (UNESPAR\*)

\*Vínculo Institucional (docentes)

Júlio César Pinheiro do Nascimento  
Roney Ricardo Cozzer  
(Organizadores)

**EDUCAÇÃO: ENSINO RELIGIOSO E CONSTRUÇÕES  
EDUCACIONAIS A PARTIR DA TEOLOGIA**



Catu, Ba  
2021

© 2021 by Editora Bordô-Grená  
Copyright do Texto © 2021 Os autores  
Copyright da Edição © 2021 Editora Bordô-Grená

TODOS OS DIREITOS GARANTIDOS. É PERMITIDO O DOWNLOAD DA OBRA, O COMPARTILHAMENTO E A REPRODUÇÃO DESDE QUE SEJAM ATRIBUÍDOS CRÉDITOS DAS AUTORAS E DOS AUTORES. NÃO É PERMITIDO ALTERÁ-LA DE NENHUMA FORMA OU UTILIZÁ-LA PARA FINS COMERCIAIS.

*Editora Bordô-Grená*  
<https://www.editorabordogrena.com>  
[bordogrena@editorabordogrena.com](mailto:bordogrena@editorabordogrena.com)

*Projeto gráfico:* Editora Bordô-Grená  
*Capa:* Keila Lima de Assis  
*Editoração:* Editora Bordô-Grená  
*Revisão:* Anderson de Almeida Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecário responsável: Roberto Gonçalves Freitas CRB-5/1549

E24

**Educação:** [Recurso eletrônico]: ensino religioso e construções educacionais a partir da teologia / Organizadores Júlio César Pinheiro do Nascimento; Roney Ricardo Cozzer . – Catu: Bordô-Grená, 2021.

1572kb, 181fls.

Livro eletrônico

Modo de acesso: Word Wide Web

<[www.editorabordogrena.com](http://www.editorabordogrena.com)>

Incluem referências

ISBN V.I: 978-65-87035-44-4 (e-book)

1. Teologia. 2. Educação. 3. Transdisciplinariedade. I. Título.

CDD 200.71

CDU 2

Os conteúdos dos capítulos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos autores.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
<i>Evandro Roque Rojahn</i>	
I. A (DE) GRADAÇÃO DAS CONDUTAS NO SALMO 1:1: UM SERMÃO PRÁTICO ACERCA DA CORRUPÇÃO PROGRESSIVA DOS BONS COSTUMES	11
<i>Júlio César Pinheiro do Nascimento, Roney Ricardo Cozzer, Samuel Cândido Henrique e Evandro Roque Rojahn</i>	
II. A EDUCAÇÃO, A BÍBLIA E A EDUCAÇÃO CRISTÃ	29
<i>Samuel Cândido Henrique, Evandro Roque Rojahn, Júlio César Pinheiro do Nascimento e Roney Ricardo Cozzer</i>	
III. ESCOLA DE TEOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (EETAD): CONSIDERAÇÕES SOB PERSPECTIVAS DO TEÓLOGO JULIO LAZZARI	41
<i>Júlio Cezar Lazzari Júnior</i>	
IV. ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: UMA PROPOSTA ÉTICA	57
<i>Ezequiel da Silveira de Souza</i>	
V. A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA EDUCAÇÃO CRISTÃ DE QUALIDADE	71
<i>Dárcio José Damiano da Silva</i>	
VI. GRUPOS JUCAICOS RELIGIOSOS/POLÍTICOS NO PERÍODO DO IMPÉRIO ROMANO	85
<i>Ulicélio Valente de Oliveira</i>	
VII. IGREJA E ESTADO	105
<i>Claudio Ernani Litig</i>	
VIII. TRANSDISCIPLINARIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO RELIGIOSO	123
<i>Roney Ricardo Cozzer, Júlio César Pinheiro do Nascimento, Samuel Cândido Henrique e Evandro Roque Rojahn</i>	
IX. O REINO, A IGREJA E O ESTADO SEGUNDO OSCAR CULLMANN	137
<i>Evandro Roque Rojahn, Samuel Cândido Henrique, Roney Ricardo Cozzer e Júlio César Pinheiro do Nascimento</i>	
X. A TEOLOGIA DA SALVAÇÃO: A PRÁTICA DO APELO EVANGELÍSTICO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS	159
<i>Wellerson David Baptista e Márcia Ferreira Sales</i>	
SOBRE OS ORGANIZADORES	177

## PREFÁCIO

Ao pensar no papel do teólogo na atualidade logo alguns imaginam um indivíduo, homem ou mulher, que dedica sua vida na busca de uma melhor compreensão sobre Deus, alguém provavelmente envolvido com assuntos relacionados à alguma denominação eclesiástica, seita ou religião específica. Contudo, há muito tempo o papel do teólogo na sociedade vem se tornando mais amplo. Tal amplitude se dá segundo o fluxo das pesquisas e avanços filosóficos, científicos e sociais.

O teólogo evolui juntamente com os avanços científicos e tecnológicos. Já nos primeiros séculos do cristianismo o teólogo dá passos decisivos nos campos da pedagogia, ciência e filosofia e conforme avançam as pesquisas seculares, o teólogo avança sempre apresentando respostas às demandas sociais e políticas sempre tendo como base a Escritura Sagrada. Portanto, não estranhe ao perceber os pensadores da Teologia abordando assuntos que vão muito além da religião e da igreja, tais como, a política, educação, economia, sociedade, ciência, filosofia etc.

Aqui procuramos apresentar ao estimado leitor algumas reflexões e apontamentos sobre a teologia dialogando com a educação e a sociedade a fim de buscar respostas espirituais e práticas aos anseios e preocupações da sociedade nas primeiras décadas deste novo milênio. O papel do teólogo é servir a Deus na sua geração, isto é, na sociedade do seu tempo sem, contudo, deixar de lado a fidelidade ao texto sagrado. Deus concedeu ao teólogo a graça e a sabedoria para servir ao bem público e nesta modesta obra o leitor poderá se beneficiar do dom de Deus por meio do labor teológico.

Prof. Evandro Roque Rojahn

Doutorando em Teologia



# CAPÍTULO I

---

# A (DE) GRADAÇÃO DAS CONDUTAS NO SALMO 1:1: UM SERMÃO PRÁTICO ACERCA DA CORRUPÇÃO PROGRESSIVA DOS BONS COSTUMES

THE (DE) GRADATION OF CONDUCTS IN PSALM 1: 1: A PRACTICAL  
SERMON ABOUT THE PROGRESSIVE CORRUPTION OF GOOD  
CUSTOMS

Júlio César Pinheiro do Nascimento<sup>1</sup>

Roney Ricardo Cozzer<sup>2</sup>

Samuel Cândido Henrique<sup>3</sup>

Evandro Roque Rojahn<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade FUMEC; Pós-graduado em Teologia, Leitura e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Conflitos pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Liderança Corporativa pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Projetos Sociais pela FABAPAR; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior com Ênfase em EAD pela Faculdade IPEMIG; Pós Graduado em Direitos Humanos e Ressocialização pela Faculdade Dom Alberto; Pós Graduado em Prevenção à Violência Doméstica pela FAVENI; Pós Graduando em Direito Militar pela Faculdade Dom Alberto; Graduado em Tecnologia e Gestão da Segurança Privada pela Universidade FUMEC; Graduado em Tecnologia em Segurança Pública pela PMMG; Graduando em Educação Física. É Terceiro Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais. Contato: professorjullao@outlook.com | Currículo Lattes disponível para acesso em: <http://lattes.cnpq.br/3273557003731752>.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), formado em Psicanálise e licenciado em Pedagogia e História. Docente, conteudista e coordenador pedagógico no Centro de Ensino Superior FABRA.

Contato: roneyricardoteologia@gmail.com | Lattes <http://lattes.cnpq.br/3443166950417908>.

<sup>3</sup> Doutorando em Educação/Políticas públicas com ênfase em Representações Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira-Inglês, Pós-graduado em Direito Público, Pós-graduado no Novo Testamento. Graduado em Teologia, Filosofia, Letras-Português e Direito. É advogado. E-mail: samuelhenriquec@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre em Leitura e Ensino da Bíblia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento. Graduado em Arte, Letras, Filosofia e Teologia. Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7810556561003076>.

## RESUMO

O ser humano é relacionável. A habilidade de interagir ativa e passivamente com outros de sua espécie os fazem ímpar em meio às criações de Deus. A sociabilidade do homem permitiu, ao longo das eras, e possibilidade do fortalecimento e manutenção da raça. As interações permitiram a convivência em comunidade e a sobrevivência ante aos desafios da evolução. Ao passo que o homem se desperta para a fé e se inclina para ao caminho da justiça, através de uma vida devota a Deus e à sua palavra, surgem em seu interior dilemas éticos acerca da conduta cristã ideal. Seja em condutas praticadas em público, seja em particular, o verdadeiro cristão sente-se compelido a fazer uma escolha de vida que não comprometa seu decoro pessoal e tampouco a macular o estandarte de fé que ostenta. Este artigo busca analisar a (de) gradação das condutas observadas no Salmo 1:1, e quais suas implicações para o cristão.

**Palavras-chave:** (De)gradação. Salmo 1:1. Bons Hábitos. Relacionamentos.

## ABSTRACT

The man is relatable. The ability to interact actively and passively with others of his kind makes him unique in the midst of God's creations. The sociability of man allowed, throughout the ages, the possibility of strengthening and maintaining the race. The interactions allowed coexistence in community and survival in the face of the challenges of evolution. As man awakens to faith and inclines himself to the path of justice, through a life devoted to God and his word, ethical dilemmas arise about ideal Christian conduct. Whether in public practice or in private, the true Christian feels compelled to make a life choice that does not compromise his personal decorum, nor does it tarnish the standard of faith he bears. This article sought to analyze the (de) gradation of behavior observed in Psalm 1: 1, and what are its implications for the Christian.

**Keywords:** (De)gradation. Psalm 1:1. Good Habits. Relationships.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que comunidade a qual o homem está inserido tem poderes suficientes para partilhar sua bagagem cultural e inculcar seus valores em cada cidadão. Além disso, alguns subgrupos desenvolvem as próprias políticas e éticas, que por sua força, também restam por influenciar aquele.

Nesse sentido, cabe ao homem permanecer sóbrio e vigilante para julgar com entendimento sobre a qual grupo e as quais valores deseja se ligar, absorver e multiplicar. Ainda que esteja decidido a rumar em direção ao alvo da vocação, o ser humano pode ser atraído, confundido e conquistado por pessoas ou situações tentem afastá-lo de Deus.

Destarte, é necessário que o indivíduo aja com maturidade e sagacidade a fim de conseguir discernir entre um mero contato social (interação comunitária) e uma armadilha “não física”, pronta a arrebatá-lo.

O objetivo deste estudo é observar de maneira prática a corrupção progressiva apresentada no Salmo 1, versículo 1, e avaliar o risco e a (de) gradação daquele que opta por estreitar laços íntimos com pessoas que estão com a conduta pessoal corrompida. A discussão proposta gira em torno das orientações expressas no Salmo 1:1 como “norteadoras de condutas” ao homem que deseja ser bem-aventurado.

Em meio à argumentação apresenta-se a ideia de que o ser humano, que é sociável, influenciável e influenciador, pode decidir de maneira inteligente acerca do perfil de pessoas com as quais deseja conviver.

## O INDIVÍDUO E SUA INTERAÇÃO COM A COMUNIDADE

O ser humano é um ser sociável. Sua capacidade de interagir com tudo aquilo que está ao seu redor tem garantido a preservação de sua espécie e a transmissão de sua cultura. Aliançar-se permitiu que, ao longo das épocas, fossem possíveis novas conquistas de terras, poder e riqueza. Por exemplo, através das grandes navegações, a popularização de todos os continentes foi possível. Pela reunião de pessoas do mesmo interesse foi possível aos seres humanos viajarem pelo espaço sideral. Logo, é sabido que

tais empreendimentos seriam impossíveis de se realizar sem a participação de várias pessoas no processo.

Se tais grandiosas movimentações e conquistas se deram através do esforço coletivo alcançado através dos relacionamentos dos grupos e associações, é notório que tudo se inicia nos relacionamentos interpessoais. Boas associações garantem a oportunidade de aumentar-se a força através da união de esforços e militância comum. Destarte, é de suma importância que o ser humano se relacione com outros seres humanos em seu cotidiano. Não é saudável que permaneça desligado do restante da comunidade, alheio ao que acontece ao restante, pois o ser humano é “um ser de relação”. Nesse sentido, Leitão *et al.* (2006), afirma que:

A questão dos relacionamentos interpessoais, e de sua inerente dimensão emocional, é crucial para a vida associada, pois são esses processos interativos que formam o conjunto de sistemas que a organizam. As condições em que ocorrem tais relacionamentos definem a forma de convivência entre os seres humanos, que são seres de relações, e destes com a natureza. Fazem a diferença entre sofrimento e bem-estar e definem como a vida social é construída em seu cotidiano. (LEITÃO *et al.*, 2006, p. 884)

As relações interpessoais sadias necessitam usualmente serem passadas pelo crivo da idoneidade. O que as difere dos acordos comerciais é a aplicabilidade do sentimento, que traz humanidade às relações. As emoções permitem ao indivíduo buscar ligações que aqueles que estão ao seu redor, permitindo que sensações e conceitos subjetivos o oriente na busca pelos que melhor o apraz. O amor, como afirmado por Leitão *et al.* (2006), é o gestor na conduta de aceitar o outro. Nesse entendimento ele afirma que:

Assim, não existe ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. [...] E a emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor, sem preocupação com a visão cristã desse termo, mas sim com algo que é constitutivo da vida e fundamento da vida associada. Nesta, nos comportamos pelo sentir/pensar/agir e não apenas pelo pensar/agir como pressupõe o racionalismo. Nesse sentido, o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como ser legítimo no convívio social. (LEITÃO *et al.*, 2006, p. 889)

Ainda nesse contexto, Leitão *et al.* (2006) expressa que o referido sentimento não pode ter seu sentido afastado do social, ao mesmo tempo em que é inerente ao relacionamento humano “[...] E tal base biológica da relação, que tem fortes implicações com o uso da palavra e do diálogo, não pode ser afastada da natureza dos relacionamentos humanos e de suas vinculações com o que é social” (LEITÃO *et al.*, 2006).

Desde as origens descritas no capítulo 2 do livro em Gêneses, a partir do versículo 18, há a manifestação da necessidade do homem de se relacionar. Quando se observa a afirmação contida no referido versículo “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; [...]”<sup>5</sup>, percebe-se esta carência, e não só isso.

Há uma preocupação do Criador com tal importância, uma vez que tal afirmação não se dá como resposta a um questionamento por parte do primeiro homem criado, Adão, mas sim, como forma de manifestar o pleno entendimento de salutar convivência. Obviamente, nota-se nos versículos que sucedem que a primeira relação social entre pessoas da mesma espécie se deu concomitantemente à criação estupenda da mulher.

À ordem dos fatos, assim como descrita na Bíblia, o homem primariamente se relaciona com Deus. Em outro momento, Adão é inserido no seu primeiro contexto social: a relação com Eva, sua ajudadora idônea<sup>6</sup>. Nesse entendimento, inicia-se o ciclo social da humanidade, tendo como base um anterior relacionamento com Deus, e como coluna a sua iniciação física através de uma célula familiar.

Obviamente, vale se destacar este ponto, haja vista esta decisão do Criador em apostar em uma célula social familiar não ser aleatória, diante do seu poder de criar “outras realidades” paralelas às de Adão, ou ainda outros “Adãos”. Aprouve a Deus vislumbrar importante que aquele se desenvolvesse e aprimorasse sua capacidade de se comunicar, preocupar, abdicar, entender, ensinar, cuidar, aprender e proteger a partir daquele

---

<sup>5</sup> <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em 26 Mar. 2021.

<sup>6</sup> <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em 26 Mar. 2021.

núcleo explicitamente idôneo, conforme a parte b do versículo 18 do mesmo capítulo “far-lhe-ei uma ajudadora idônea”.

Segundo Weiszflog (2015), a palavra idoneidade, originada do Latim “*Idoneus*”, é o atributo daquele “que é digno, honrado e de honestidade inquestionável”. Tal adjetivo traz significância ímpar para aquela com a qual Adão se relacionaria. De maneira extensiva, e sem aplicar-se o texto fora do contexto, pode inferir-se a necessidade de tal atributo também estar nas demais pessoas as quais o homem deseja se relacionar.

Ignorar isso é o mesmo que relutar contra a inerrância bíblica, pois atributos relevantes ao relacionamento, como a idoneidade, são expressos em vários contextos e eras bíblicas. Concomitante a este entendimento, há também manifesto nas Escrituras Sagradas exemplo de antagonismo a este pensamento por parte de alguns personagens, suas graves consequências.

## O CRISTÃO E A IMPORTÂNCIA DE RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS SAUDÁVEIS

É salutar o entendimento de que o indivíduo estabeleça parâmetros para que os relacionamentos interpessoais, aos quais ele desprenderá sentimentos, não o conduzam ao sofrimento nem a decadência. A maturidade da existência permite que cada pessoa possa, mediante suas experiências pessoais (físicas e espirituais) e leitura da Palavra, fazer boas escolhas no tocante ao público que deseja ter ao seu redor.

Obviamente que a vida em comunidade não possibilita ao sujeito conviver apenas com as pessoas com que se deseja, entretanto, quando a seara abordada é a vida íntima, a interação passa ao patamar de condicionada: depende da vontade do indivíduo para que se desenvolva.

Nesse sentido, entende-se que caso não haja o mínimo de juízo de valores éticos e morais, assim como juízo de conduta cristã, o cristão estará demasiadamente cercado em seu recato por pessoas que vivem de maneira subversiva e contrária às crenças daquele. Ética e convivência, segundo Cortella (2015), estão diretamente ligadas. Nesse entendimento, o autor afirma que:

É impossível pensar em ética se a gente não pensar em convivência. Afinal, o que é ética? Ética é o que marca a fronteira da nossa convivência. Seja com as outras pessoas, seja com o mercado, seja com os indivíduos. Ética é aquela perspectiva para olharmos os nossos princípios e os nossos valores para existirmos juntos. (CORTELLA, 2015, p. 105)

Associar-se por sentimentos, a pessoas insensatas, por exemplo, seria capaz de conduzi-lo por um caminho de retrocesso intelectual a ponto de, de acordo com as Escrituras Sagradas, torná-lo mau, fazer com que “se dê mal” ou ainda que seja destruído. Exemplo desta reclassificação pejorativa está explícito em<sup>7</sup> Provérbios 13:20:

Quem anda com os sábios será sábio, mas o companheiro dos insensatos se tornará mau. (**versão Nova Versão Internacional** )

O que anda com os sábios ficará sábio, mas o companheiro dos tolos será destruído (versão Almeida Corrigida e Fiel)

Quem anda com os sábios, será sábio; Mas o companheiro dos loucos achar-se-á mal. (versão Sociedade Bíblica Britânica)

Existem demais passagens que trazem o entendimento sobre o desserviço da caminhada daquele que escolheu servir a Deus, junto a pessoas que não professam a mesma fé, a exemplificar:

2 Coríntios 6.14<sup>8</sup>: Não vos ponhais debaixo de um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade, ou que comunhão tem a luz com as trevas? 2 Coríntios 6.15<sup>9</sup>: Que harmonia há entre Cristo e Belial, ou que parte tem o crente com o incrédulo. 2 Coríntios 6.16-17<sup>10</sup>: Que consenso há entre um santuário de Deus e ídolos? Pois, nós somos um santuário do Deus vivo, como Deus disse: Habitarei neles e andarei entre eles; serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Por isso, Sai do meio deles e separai-vos, diz o Senhor [...]

Provérbios 12.26<sup>11</sup>: O homem honesto é cauteloso em suas amizades, mas o caminho dos ímpios os leva a perder-se.

---

<sup>7</sup> <http://www.biblionline.com.br/tb/pv>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>8</sup> <http://www.biblionline.com.br/tb/2co/6>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>9</sup> <http://www.biblionline.com.br/tb/2co/6>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>10</sup> <http://www.biblionline.com.br/tb/2co/6>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>11</sup> <http://www.biblionline.com.br/tb/pv/12>. Acesso em 26 Mar. 2021



Provérbios 14.7<sup>12</sup>: Desvia-te do homem insensato, porque nele não acharás lábios de conhecimento.

Provérbios 17.16<sup>13</sup>: De que serviria o preço na mão do tolo para comprar sabedoria, visto que não tem entendimento?

Desta forma, torna-se perceptível a incompatibilidade da harmonia entre uma pessoa que experimentou uma nova vida com Deus e as condutas e companhias íntimas de pessoas não dadas à fé genuína<sup>14</sup>.

## SALMO 1:1 – A (DE) GRADAÇÃO DAS CONDUTAS AS QUAIS O INDIVÍDUO QUE TEME AO SENHOR DEVE EVITAR

Um escritor pode fazer uso de várias linguagens à medida que comunica as suas ideias. Na Língua Portuguesa existe alguns recursos especiais para a comunicação de ideias em texto, e um destes recursos é a figura de linguagem. Há várias figuras, como por exemplo, a do Eufemismo, que é a suavização de termos (ao substituir-se nas sentenças o termo “morreu” pela expressão “partiu dessa para uma melhor”). Outro exemplo de figura é a Metáfora, que se faz pelo emprego de uma palavra por outra, em sentido conotativo (por exemplo, quando ao invés de afirmar que uma pessoa é exímia em algo, afirma-se que tal pessoa “é fera”).

Além dos exemplos apresentados, dentre tantos outros, existe a figura de linguagem Gradação. Segundo Cegalla (2008), gradação é uma ferramenta onde o autor apresenta uma sequência lógica de fatos até que seja atingido um clímax. Um exemplo conveniente seria a sentença “Que seu destino seja reduzido a pedaços, migalhas, poeira, em fagulhas, em átomos, em nada”. A expressão “nada” é o clímax da sentença: o desejo máximo de quem a escreveu ou proferiu.

O Salmo 1:1 expressa as seguintes afirmações:

---

<sup>12</sup> <http://www.bibliaonline.com.br/tb/pv/14>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>13</sup> <http://www.bibliaonline.com.br/tb/pv/17>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>14</sup> Para este estudo, considera-se aquela que tem como origem e destinatário Jesus Cristo, filho de Deus, conforme descrito em Hebreus 12:2

Salmo 1.1: Bem-aventurado o homem que não *anda segundo o conselho dos ímpios*, nem se *detém no caminho dos pecadores*, nem se *assenta na roda dos escarnecedores*. (Grifo nosso)

É possível perceber uma apresentação de condutas progressivas expostas pelo autor, as quais o “bem-aventurado” deve se abster. A percepção do risco de praticá-las é possível ao homem através do juízo e paralelo que este faz com a realidade dos seus valores, família, contexto ao qual está inserido. Nesse sentido, Meneghetti (2008) afirma que:

Substancialmente, qualquer ciência e civilização perderam a dimensão do homem, segundo o projeto originário da vida, uma vez que o ser humano é carente da própria verdade interior conforme o projeto da natureza, ele encontra-se disperso e caótico. Nenhum homem sabe mais o que é certo e o que é errado: cada um, quando deve emitir um juízo de bem ou mal, imediatamente uniformiza a própria mente àquilo que aprendeu na família, àquilo que diz a sociedade ou àquilo que prega uma religião. (MENEGETTI, 2008, p. 08)

A partir desta visão, observam-se as condutas tipificadas no referido texto.

### ***Não andar segundo o conselho dos ímpios***

O texto sagrado em questão, Salmo 1:1 afirma que “bem-aventurado é o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios [...]”. Eis que a primeira sentença do referido versículo é cabal em sua diretriz. É notório que o homem temente a Deus idealizado no referido texto está em movimento. Não mero movimento cinético que a cinesiologia se encarregaria de explicar, mas movimento de vida, decisório, existencial.

Andar segundo “alguma interferência ruim externa” é diferente de estar dominado pelo poder ou senhorio daquele ou daquilo que provoca tal interferência. Há a caminhada, inicialmente planejada e executada pelo “homem que teme ao Senhor”, e em dado momento desta, pode haver o conselho ímpio disseminado no intento de alterar as raízes, tornando os próximos atos maus.

O termo “ímpio”<sup>15</sup>, extraído do Latim “*impiorum*” a partir da Vulgata<sup>16</sup>, segundo Weiszflog (2006), significa aquele “que não tem fé, ateu, cético, descrente”. A partir do instante que a interferência externa é trazida por uma pessoa que não tem fé, o homem que teme ao Senhor pode ter os seus juízos de valores influenciados. Pode-se inferir que não necessariamente ouvir tais conselhos o conduziria a estagnação, mas fatalmente o levaria a decidir de maneira equivocada.

Uma pessoa de boa reputação pode ter o valor desta relativizado diante das questões propostas por aqueles que não praticam a fé genuína. Por exemplo, quando uma pessoa decide preservar sua castidade e recato sexual até seja consumado o casamento, pode ter o seu planejamento relativizado e banalizado diante das astutas afirmações de pessoas que não tem fé. “Isso é coisa do passado”, ou então “Nos dias de hoje não funciona mais”, ou até mesmo “Todo mundo na sua idade age diferente, ninguém espera mais” são tipos de afirmações que, se tomadas por quem ouve como regra moral, naturalmente chocar-se-iam com os direcionamentos das Escrituras.

### ***Não se deter no caminho dos pecadores***

A segunda parte do versículo em questão afirma que bem-aventurado é o homem que “... não se detém no caminho dos pecadores [...]”. Ora, mas como tal afirmação não seria conflitante com as atitudes do Filho de Deus, uma vez que desprende grande parte do seu ministério convivendo com os pecadores?

Jesus conviveu com pecadores conforme descrito em Mateus 9:10 “Estando ele a mesa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram com Jesus e com seus discípulos”. À luz das Escrituras Sagradas, pode-se

---

<sup>15</sup> Para fins de estudo é importante salientar que a palavra empregada no Salmo 1:1 é a proparoxítota “ímpio<sup>15</sup>” e não a paroxítota “impio<sup>15</sup>”. Enquanto está se traduz por “aquele que não tem piedade, bárbaro”, aquela em suma se traduz como “aquele que não tem fé”. Embora os termos sejam homógrafos, há de se fazer necessário esta distinção a fim da análise textual em questão.

<sup>16</sup> <https://www.bibliaonline.com.br/tnv/sl/1>. Acesso em 26 Mar. 2021.

afirmar sem titubear que Ele até comeu com alguns deles. Prova disso são as duras críticas que Jesus afirma ter recebido e percebido no coração dos homens, conforme o texto Sagrado:

Mateus 11.16: Mas a que hei de comparar esta geração? É semelhante aos meninos sentados nas praças, que gritam aos seus companheiros:

Mateus 11.17: Nós vos tocamos flauta, e vós não dançastes; Entoamos lamentações, e não pranteastes.

Mateus 11.18: Pois veio João não comendo nem bebendo, e dizem: Ele tem demônio.

Mateus 11.19: Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: Eis um homem glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!

Diante disso, pode entender-se que há substancial diferença entre ter perto de si pessoas descrentes e estar próximo a pessoas descrentes. A diferença está, basicamente, em quem é a referência de quem; quem se aproxima de quem: é quem tem algo a oferecer de especial a quem. Os pecadores “iam” até Jesus Cristo e se detinham em seu caminho, uma vez que Ele tinha algo a oferecer capaz de saciar os anseios daqueles. Esta situação difere bastante da hipotética situação de Jesus sair “por aí” parando sem propósito diante dos pecadores, esperando ser influenciado por eles.

Acerca do termo influência, Nascimento (2013) corrobora afirmando:

No conceito etimológico, a influência é “a ação de uma coisa ou pessoa sobre outra coisa ou pessoa”. No contexto social, o conceito é ampliado. A influência social é a capacidade de interferir no poder de decisão de outro indivíduo, mesmo que de maneira subliminar. (NASCIMENTO, 2013, p. 6)

Seguindo a concatenação das ideias a partir da gradação, entende-se que deter-se no caminho dos pecadores seria o “segundo estágio” da perda do foco, da decadência. O que difere aquela conduta de “andar segundo o conselho dos ímpios” para esta de “deter-se” é que esta sim foi capaz de imobilizá-lo. Além do poder da influência da opinião, há agora presente um mero investimento de tempo.

Deter, para Weiszlog (2006), dentre os demais significados não pertinentes ao texto, está o seguinte: “Aplicar-se demoradamente, ocupar-se”. O que se detém é célere em desprender tempo demasiado, de maneira a

não produzir resultados. O investimento não proveitoso de tempo pode gerar a oportunidade de, ao invés de influenciar o outro, ser influenciado por ele.

É salutar ainda mencionar Nascimento (2013) que, do ponto de vista familiar, afirma algo sobre o impacto da influência de umas pessoas sobre as outras, em especial, influências nocivas de pais sobre filhos. Nesse sentido ele afirma que:

Muitas crianças são encaminhadas aos vícios em casa, pois assistem diariamente tais rituais. A absorção dos valores familiares pode ser danosa quando estes são recheados de pontos maléficos, ou nocivos. O ritual dos responsáveis pelo lar em beber aquela “cervejinha” nos finais de semana, ou fumar aquele “cigarrinho” após o café, pode ser internalizado pela criança como um procedimento normal, e ainda, após presenciar tantas repetições, ser visto como procedimento obrigatório. (NASCIMENTO, 2013, p. 9)

Destarte, entende-se que deter-se no caminho dos pecadores sem o intuito ou até mesmo condições físicas e espirituais de auxiliá-los pode resultar em consequências catastróficas para a vida do homem que teme ao Senhor.

### ***Não se assentar à roda dos escarneceadores***

Derradeiramente, a última parte do Salmo 1:1 atinge o clímax de suas admoestações: bem-aventurado é o homem que não “... se assenta à roda dos escarneceadores”. É desembaraçado o entendimento que o ato de se assentar (participar ou comungar) requer daquele do indivíduo mais envolvimento do que andar segundo conselhos, ou deter a caminhada.

Não seria viável admitir a ideia que é usual ajuntar-se voluntariamente com pessoas com as quais não se simpatize pessoalmente ou intelectualmente. Por qualquer tipo de afinidade, há uma abertura para o relacionamento interpessoal seja com uma pessoa, seja com grupos. O relacionamento interpessoal se dá através de observações do outro. Nesse sentido, Carvalho (2006, p. 82) afirma que: “Nossa cultura enfatiza a observação de qualidades e defeitos das pessoas, e sobre essa base estruturamos o nosso relacionamento”.

Entende-se por escarneceadores pessoas dadas à zombaria. Via de regra, grupos destinados àquilo que não é proveitoso e que gastam tempo a ridicularizar aquilo que outras pessoas têm por proveitoso. Geralmente, observa-se que pessoas que não são dadas a fé nem as coisas relevantes para o reino de Deus, e constantemente prestam desserviços à Igreja, haja vista não se satisfazerem pelo simples “não crer”. Eles vão além, saciam-se em trazer a discórdia e descrédito àquele que crê e Àquele em que estes creem. Seu poder de persuasão e convencimento é extenso diante da falsa sensação de leveza com a qual se posicionam.

Ao se associar a tais grupos, o indivíduo torna-se contribuinte para a edificação do império das trevas por dois motivos: por não o combater (caso assuma uma postura passiva em tais grupos, ou seja, um mero gozador, um “fanfarrão<sup>17</sup>”) ou por fortalecê-lo quando assume uma posição ativa em ridicularizar a própria fé, como por exemplo, quando desrespeitosamente colocam em “xeque” as manifestações do Espírito Santo na igreja.

O homem bem-aventurado não deve interagir com indivíduos com estas condutas, pelo menos não neste contexto. Além de desvirtuar-se de seus valores, neste hipotético caso, seria afastado dos verdadeiros objetivos que são citados em Salmo 1:2 (que não serão explanados profundamente por razão de objeto de estudo) que são o prazer na lei do Senhor e a meditação na lei diuturnamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às condutas elencadas no Salmo 1:1 como práticas das quais se deve abster, nota-se claramente a ideia da gradação e da corrupção progressiva dos bons costumes. Pode ler-se nas entrelinhas que não é regra natural o ser humano entrar em decadência imediatamente ou instantaneamente. Há estratégias que podem subvertê-lo de maneira sutil e inicialmente imperceptível.

---

<sup>17</sup> Gíria da caserna militar que adjetiva a pessoa que não leva nada a sério, inconsequente; àquele que não se deve dar crédito.

Ao fim, o homem “bem-aventurado” pode se perder antes mesmo de se dar conta disso, pois crendo que ainda está em legítimo movimento, não percebe que já está agindo sob os conselhos dos ímpios. Talvez, já se fez imobilizado no caminho dos pecadores, e/ou pior: já está assentado comungando da opinião destes.

É importante salientar que este trabalho não busca a proposição da criação de uma espécie de “preconceito antropológico” e nem se baseia na crença de comunidades exclusivamente puritanas, apáticas ao restante da comunidade. Faz-se a proposta de uma reflexão através de um sermão prático.

Concomitantemente não se admite nenhum tipo de discórdia nem incivilidade por parte daqueles que guardam a fé, uma vez as Sagradas Escrituras, no livro de Romanos<sup>18</sup>, capítulo 18 versículo 12 recomenda: “Façam todo o possível para viver em paz com todos”. Demonstra-se que é dada ao homem a capacidade de refletir e avaliar acerca das escolhas de quem deve ou não ter em seu convívio íntimo. Não é plausível o seu ajuntamento com pessoas inidôneas sob as escusas de que “Jesus andava com todo o tipo de gente”.

É mister diferenciar que Jesus influenciou pessoas e as transformou: nada permaneceu indiferente a tão gloriosa presença. Tal premissa é divergente da realidade em que pessoas que se perdem em meio à caminhada da fé devido às más companhias, más conversações, más condutas etc.

Por fim, recomenda-se a internalização da célebre frase atribuída a Benjamim<sup>19</sup> Franklin: “Seja cortês com todos; sociável com muitos, íntimo de poucos, amigo de um e inimigo de nenhum”.

---

<sup>18</sup> <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/rm/12>. Acesso em 26 Mar. 2021

<sup>19</sup> <https://seuhistory.com/biografias/benjamin-franklin>. Acesso em 26 Mar. 2021

## REFERÊNCIAS

- BIBLIAONLINE. *Bíblia Sagrada*. Tradução revista e atualizada (ARA). Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/aa/sl/1>. Acesso em 26 Mar. 2021.
- BIBLIAONLINE. *Bíblia Sagrada*. Tradução Sociedade Bíblica Britânica (SBB). Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/tb/sl/1>. Acesso em 26 Mar. 2021.
- CARSON, Donald. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- CARVALHO, Maria do Carmo Nacif de. *Relacionamento Interpessoal: como preservar o sujeito coletivo*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CORTELLA, Mario Sérgio. *Qual é a tua obra? iniquetações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LEITÃO, S. Et al. *Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rap/v40n5/a07v40n5.pdf>> . Acesso: 26 Mar. 2021.
- MATURANA, Humberto. *La realidad: objetiva o construída*. Guadalajara: Editorial Anthropus, 1995.
- MENEGHETTI, Antonio. *A Psicologia do líder*. Rio Janeiro: Relativa, 2004.
- NASCIMENTO, Júlio C. P do. *Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD): À influência e eficiência do modelo preventivo aplicado pela PMMG no combate à violência*. 2013. 17 p. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Empresariais. Curso Superior em Tecnologia de Gestão da Segurança Privada, Belo Horizonte, 2013.
- WEISZFLOG, Walter. *Michaelis: Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.



## CAPÍTULO II

---

# A EDUCAÇÃO, A BÍBLIA E A EDUCAÇÃO CRISTÃ

## EDUCATION, THE BIBLE AND CHRISTIAN EDUCATION

Samuel Cândido Henrique<sup>1</sup>

Evandro Roque Rojahn<sup>2</sup>

Júlio César Pinheiro do Nascimento<sup>3</sup>

Roney Ricardo Cozzer<sup>4</sup>

### RESUMO

A educação precisaria nos envolver com ânimo e de forma transbordante. Mesmo assim, ainda faltaria algo para preencher o que de fato seria o aprendizado para se chegar à verdadeira

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira-Inglês, Pós-graduado em Direito Público, Pós-graduado no Novo Testamento, Graduado em Teologia, Filosofia, Letras-Português e Direito, e doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É Advogado. Contato: samuelhenriquec@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre em Leitura e Ensino da Bíblia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento. Graduado em Arte, Letras, Filosofia e Teologia. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7810556561003076>.

<sup>3</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade FUMEC; Pós-graduado em Teologia, Leitura e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Conflitos pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Liderança Corporativa pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Projetos Sociais pela FABAPAR; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior com Ênfase em EAD pela Faculdade IPEMIG; Pós Graduado em Direitos Humanos e Ressocialização pela Faculdade Dom Alberto; Pós Graduado em Prevenção à Violência Doméstica pela FAVENI; Pós Graduando em Direito Militar pela Faculdade Dom Alberto; Graduado em Tecnologia e Gestão da Segurança Privada pela Universidade FUMEC; Graduado em Tecnologia em Segurança Pública pela PMMG; Graduando em Educação Física. É Terceiro Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais. Contato: professorjullao@outlook.com | Lattes: Disponível para acesso em: <http://lattes.cnpq.br/3273557003731752>.

<sup>4</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), formado em Psicanálise e licenciado em Pedagogia e História. Docente, conteudista e coordenador pedagógico no Centro de Ens. Superior FABRA. Endereço eletrônico para contato: roneyricardoteologia@gmail.com | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3443166950417908>.

sabedoria. Isso porque, não se tem uma ferramenta, diga-se de passagem, capaz de ensinar para a vida toda e além dela. Pois, como a educação secular se contenta apenas em transmitir o que é passado de geração em geração. E, como estudar, somente para aprender o que era transmitido, não tinha nada que chamasse a atenção dos alunos, então à disciplina era ríspida. É a partir deste momento que a educação difere e muito da educação cristã, pois esta tem a ferramenta essencial para abordar valores humanos e experiências significativas, isto é, A BIBLIA, esta sim é a fonte primária e o único critério inerrante de verdades absolutas.

**Palavras-chave:** Educação. Bíblia. Educação cristã.

#### ABSTRACT

Education would need to involve us with courage and in an overflowing way. Even so, there would still be something missing to fill in what would actually be the learning to arrive at true wisdom. That's because, you don't have a tool, by the way, able to teach for a lifetime and beyond. For, as secular education is content only to transmit what is passed on from generation to generation. And, like studying, just to learn what was transmitted, there was nothing that caught the students' attention, so the discipline was harsh. It is from this moment that education differs greatly from Christian education, as it has the essential tool to address human values and significant experiences, that is, THE BIBLIA, this is the primary source and the only inherent criterion of absolute truths.

**Keywords:** Education. Bible. Christian education.

#### INTRODUÇÃO

O assunto a ser debatido merece uma melhor atenção a partir do momento em que se faz uma comparação entre a “educação” secular por uma abordagem superficial tendo como seu mote o aspecto material, ou seja, apenas para transmitir um conteúdo. Todavia, há de se ressaltar que educação é muito mais que isso, pois primeiro o vocábulo latino “*educare*” “*educere*” e a ideia fundamental é “nutrir” e “conduzir para fora”<sup>2</sup>, ou seja, não está interessado apenas em educar as crianças a se tornarem homens

moldados para se viver em sociedade e sim projetá-los para as diversas possibilidades relativas ao desenvolvimento cognitivo. Tendo como resultado o aprimoramento e a humanização do próprio homem na comunidade em que está inserido com relação a tudo e a todos.

Abandonando a educação que tem como ferramenta básica o conhecimento do homem, para o homem e pelo homem. Nota-se a diferença quando a educação deixa de ser secular para ser cristã, ou seja, quando se tem a bíblia inspirada como a única regra de fé e prática e Deus no centro de todas as coisas, é cediço que a palavra da vida tem como corolário as verdades absolutas direcionando o homem não só a respeitar e amar seu semelhante, como também para que o próprio homem saiba qual é o seu fim, ou seja, de conhecer e glorificar a Deus e gozá-lo eternamente.

Em arremate, a educação cristã que tem a bíblia como bússola abrange não só o homem como ser natural, mas também como ser espiritual atingindo todas as áreas do ser humano quer: moral, espiritual, comportamental, família, sociedade, ou seja, não só desenvolvendo o homem como pessoa na sua totalidade, mas também como ser espiritual que necessita de comunhão com o Criador, aumentando a fé, esperança, amor, moldando o caráter à personalidade, sendo assim, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, isso que vai ocupar a nossa mente tendo como modelo a mente de Cristo. Por fim, a educação cristã tem Deus como centro ao contrário da educação secular que o propósito final é só o homem como ser racional; como a máxima do filósofo: conhece-te a ti mesmo?

## A EDUCAÇÃO

Para analisar o tema educação dentro de suas diferentes abordagens educacionais, trazem-se a lume várias escolas que inicia desde abordagem tradicional geral da educação até a abordagem sociocultural difundida por Paulo Freire no Brasil. Tendo em vista que, a abordagem tradicional,

comportamentalista, humanista, cognitivista, e por derradeiro a sociocultural desenvolvida por Paulo Freire, observa-se alguns modelos.

**Abordagem tradicional:** iniciando com a educação tradicional tem-se por aquela que apenas envia a mensagem do ensinador ao receptor ou do professor ao aluno, ou seja, a obrigação é apenas transmitir o conhecimento ou de conteúdos ensinados. Neste tipo de educação tradicional o aluno apenas é o receptor das mensagens não participando em nada, apenas obedecendo às lições de seu mestre.

Em resumo, nesta abordagem de educação tradicional o ensino tem como corolário a transmissão das informações e conteúdo, independentemente da vontade de aprender ou de qualquer tipo de interesse do aluno, ou seja, o aluno é um mero sujeito passivo. A partir desta escola, várias outras apareceram o que neste resumo não será de suma importância trazer os detalhes das demais, e sim apenas a última escola sociocultural de Paulo Freire para simplificar o tema educação secular.

**Abordagem comportamentalista**, nesta abordagem supõe-se que o docente possa aprender a avaliar os elementos peculiares oriundo de seu comportamento para poder direcioná-los de uma maneira didática ao discente, pois nessa abordagem o docente é responsável pelo planejamento e desenvolvimento do ensino-aprendizagem (MIZUKAMI, 1986, p. 19-36).

**Abordagem humanista**, nesta abordagem a ênfase se dá nas relações interpessoais que visa o desenvolvimento do indivíduo e seu crescimento na sociedade e a educação passa a assumir um significado mais amplo, ou seja, a educação passa a englobar a vida do indivíduo não ficando apenas no ambiente escolar. Sendo assim, o docente é uma figura singular na relação ensino-aprendizagem e tem o papel de facilitador nesse binômio e caberá ao discente entrar em contato com vários tipos de problemas que impactem a sua existência para que a partir daí o docente facilite paulatinamente as transposições dos obstáculos enfrentados pelo discente (MIZUKAMI, 1986, p. 37-57).

**Abordagem cognitivista**, esta abordagem é hegemonicamente interacionista. Dentre outros tópicos, nessa abordagem estuda-se a aprendizagem cientificamente como sendo mais que um produto do

ambiente que são externos, não só as pessoas, como também aos discentes/alunos. Nessa abordagem o professor já não tem mais o papel de transmissor/facilitador da aprendizagem, mas caberá ao aluno aprender por si próprio tendo a sua própria autonomia na aprendizagem. E a educação passa a ter o papel de socializadora, isto é, tem como mote criar condições de cooperação pelo professor e este tem o dever de gerar situações que propiciem condições que estabeleçam concomitantemente a reciprocidade intelectual, moral e racional e não mais indicar soluções prontas para com o aluno (MIZUKAMI, 1986, p. 58-84).

Portanto, à guisa do que foi elencado acima, nas abordagens do processo, não se pode perder de vista que, na sala de aula é praticamente uma comunidade de aprendizagem, ou seja, o professor exerce o papel de coordenador a fim de estimular o conhecimento por meio das diversas teorias de aprendizagem fazendo com o aluno também tenha o maior benefício possível em relação ao binômio ensino-aprendizagem. (LAKOMY, 2014, p. 63).

**Abordagem sociocultural**, como exposto, nas quatro abordagens alhures, a) o professor era o emissor e o aluno o receptor; b) o professor era o responsável pelo planejamento e desenvolvimento do ensino-aprendizagem; c) o professor passa não só apontar os resultados, mas ser o facilitador para que o aluno chegue a uma conclusão de sua aprendizagem; d) o professor apenas propõe problema para o aluno sem ao menos facilitar a resolução da questão, ora proposta e por fim chega-se a abordagem sociocultural.

Nessa abordagem, que é a mais difundida por ter como patrono Paulo Freire por sua preocupação com a cultura popular. Para Freire, o homem é o sujeito da educação e sendo o homem sujeito da educação, a saber: toda a educação, sem exceção, o indivíduo deverá ser promovido e não ser objeto de ajuste à sociedade (MIZUKAMI, 1986, p. 85).

Freire (2014, p. 77) critica a educação bancária, isto é, àquela que só tem o professor como o detentor de todo o conhecimento, pois este somente é o que narra, narra e o aluno é o objeto, ou seja, apenas aquele que escuta, todavia para Freire (2019, p. 24) “Ensinar não é transferir conhecimento,

mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Embora, na abordagem sociocultural de Paulo Freire, haja outros aspectos tais como: a preocupação com a realidade e com a luta pela dignidade em igualdade de classes para o aprendizado da educação, assim como Marx na luta pela igualdade entre empregador e empregado e na teologia da libertação de Boff, ou seja, para colocar o menos favorecido na posição de igualdade aos demais.

No presente trabalho apenas se utiliza do enfoque na relação da horizontalidade do professor/aluno, isto é, a educação é horizontal, a saber, não imposta, em resumo nessa abordagem o educador se torna o educando e o educando se torna o educador e se esta relação não se concretiza: não há educação! (MIZUKAMI, 1986, p. 99). Assim sendo, de posse dessa teoria da abordagem sociocultural, em que o aluno é o educando e ao mesmo tempo educador, tem-se aí o desafio que o docente enfrenta(rá) com o advento das mídias sociais que já faz parte, hodiernamente, da realidade na sociedade.

Foi com Paulo Freire que às camadas menos favorecidas vieram ter uma atenção especial, no que diz respeito à educação para esta classe, que até então eram esquecidas e menos focadas pelos demais educadores e pedagogos.

Segundo Lopes (p. 106):

O seu foco educacional era direcionado às camadas socioeconômicas menos favorecidas, uma de suas tarefas foi a de alfabetização de adultos, como teve experiência de alfabetizar, em apenas 45 dias, 300 trabalhadores do campo na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte.

E continua o ilustre autor citando Freire, que vivemos em uma sociedade dividida em classes, onde os privilégios de uns impedem a maioria de usufruir os bens produzidos. E um desses bens é a educação.

Por fim, na abordagem sociocultural de Freire, há uma preocupação com a realidade e com a luta pela dignidade em igualdade de classes para o aprendizado da educação, assim como Marx na luta pela igualdade entre empregador e empregado e na teologia da libertação de Boff, ou seja, para colocar o menos favorecido na posição de igualdade aos demais.

## A BÍBLIA

Preliminarmente, insta salientar as diferenças que ocorrem entre a educação e a educação cristã. Naquela o centro é o homem, nesta o centro é Deus, mas qual é o divisor de águas para tamanha diferença? A bíblia!

Por conseguinte, como conceituar a palavra bíblia? Do grego *Biblion* “rolo ou livro”, este termo deriva-se do nome que os gregos davam à folha de papiro preparada para a escrita, *biblos*. Um rolo de papiro de tamanho pequeno era chamado de *biblion* e vários destes formavam uma bíblia que quer dizer “coleção de livros pequenos”.

Para a educação ser cristã tem que ter a bíblia sagrada como: inspirada, fundamento, ferramenta infalível, inerrante, para alcançar e transformar os mais errantes pecadores dos homens dos quais, como disse o apóstolo, eu sou o principal.

Por sua vez o autor Claudionor de Andrade<sup>4</sup> elenca não só a bíblia como fonte da educação cristã, como também os Credos e Declarações de fé, a vocação e a tradição magisterial da igreja. Todavia, todos os escritores sobre educação cristã são unânimes em dizer que a bíblia sagrada é a principal fonte para que se tenha uma educação cristã.

Entrementes, é por meio da bíblia que sabemos e aprendemos pela fé que Deus enviou seu filho ao mundo não para condená-lo e sim para resgatá-lo de seus pecados. Sendo o ponto principal de toda escritura sagrada Cristo. Ou seja, a partir do momento que O recebemos como salvador das nossas vidas temos que o resultado seja Cristo em vós esperança de glória.

Com efeito, é cediço que desde o primeiro livro ao último da bíblia é Deus que dá o primeiro passo para resgatar a humanidade perdida e isso não é encontrada em nenhuma outra religião no mundo, ou seja, fora do Cristianismo o homem tem que procurar a salvação por meio de sacrifícios, obras, pagar para receber perdão etc. Porém, com Cristo a salvação é de graça por meio da fé que não vem de nós é sim é um dom de Deus. Sendo este o objetivo da educação cristã que tem a bíblia como regra de fé e prática



nos mostrando que somente em Cristo temos o único caminho, a única verdade e a verdadeira vida.

## EDUCAÇÃO CRISTÃ

Por outro lado, a educação cristã está preocupada em transmitir o conhecimento que vem de Deus e da bíblia colocando Deus como centro de todas as coisas; e não o homem. Como bem diferenciou a educação da educação cristã o Dr. Champlin (p. 268):

A educação é um desenvolvimento e o cultivo sistemático das capacidades naturais por meio do ensino, do exemplo e da prática. Inclui tanto o conhecimento teórico quanto à experiência prática no desenvolvimento de habilidades diversas.

Já educação no sentido bíblico, pontua o ilustre autor:

O processo da educação combina-se com os princípios espirituais que, segundo se espera, emprestam poder e significado aos ensinamentos que transcendem os meios intelectuais normais e os meios humanos e práticos. E revelação e a inspiração saem em ajuda da educação, pelo que também o Senhor Jesus é o supremo exemplo.

Sendo assim, a educação cristã tem como supedâneo a bíblia sagrada. Sua meta é fazer o homem conhecedor do Criador tendo comunhão com Ele e gozá-Lo eternamente. É lembrar ao homem que ele é imagem e semelhança do Criador buscando a maturidade em todos os aspectos do homem. Sabendo que o homem é um ser criado, tricotômico e necessita de um alvo para imitar e alcançar, pois o homem é um ser caído e que necessita de regeneração e transformação.

Para uma progressão gradual no caráter e na personalidade, se complementando com a tônica do apóstolo onde ensinou que o velho homem tem que se revestir do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade, como também ensinando a transformação do caráter aduzindo que, aquele que furtava não furte mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade. Abordando nestes versos

acima citados a questão espiritual e moral. Sabedores que como seres morais e espirituais regenerados fazemos parte do corpo de Cristo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto, mas ensejar uma discussão e mostrar a diferença entre a educação que tem o homem como centro e educação cristã tendo esta última como centro Deus e a bíblia como ponto de partida, fonte originária e primária na busca do aperfeiçoamento para a igreja nos dias atuais.

Por fim, ao longo do apertado epítome, foi exposto que, na educação, desde o aprendizado tradicional em que o aluno era apenas o receptor e o professor o transmissor, como também dentre outras abordagens se primou a última abordagem deste resumo, ou seja, a educação sociocultural de Freire, onde tem seu ponto principal na classe menos favorecida. Porém, apenas primando pelo aprendizado e formação e humanização do homem e libertá-lo na busca do seu próprio eu.

Com efeito, e como se vislumbra, dentre muitas abordagens, apenas nas duas acima elencadas, viu-se que cada abordagem tem um ponto a ser alcançado e demonstra ou tenta de alguma maneira pontuar a sua validade sobre as outras. Sendo que educar o ser humano como cidadão e definir o seu perfil perante a sociedade em que ele está ou irá se inserir é o objetivo principal destas abordagens da educação, em contrapartida a educação cristã que nada é diferente das demais abordagens no que diz respeito à educação do ser humano, pois também tem o dever de socializar o homem, isto é a socialização é uma contingência obrigatória e necessária à sobrevivência humana<sup>6</sup>. Todavia, além dos mesmos objetivos das abordagens acima perquiridas nada tem de diferente das demais como acima dito, exceto com relação à sua ênfase, que está em Deus e não no homem.

## REFERÊNCIAS

CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. SP: Unesp, 2008.

DEBESSE, M.; MIALARET, G. *Tratado de ciências pedagógicas*. São Paulo: Edusp, 1974.

LOPES, Edson. *Fundamentos da Teologia da Educação Cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. 158 p.

ANDRADE, Claudionor de. *Teologia da educação cristã: a missão educativa da igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2008.

CARVALHO, César Moisés. *Uma pedagogia para a educação cristã, noções básicas da ciência da educação a pessoas não especializadas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

SANTOS, Valdeci da Silva. *Educação Cristã: conceituação histórica e implicações práticas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

## CAPÍTULO III

---

# ESCOLA DE TEOLOGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS (EETAD): CONSIDERAÇÕES SOB PERSPECTIVAS DO TEÓLOGO JULIO LAZZARI

SCHOOL OF THEOLOGY OF THE ASSEMBLIES OF GOD (EETAD):  
CONSIDERATIONS AND PERSPECTIVES OF THEOLOGIAN JULIO  
LAZZARI

Júlio Cezar Lazzari Júnior<sup>1</sup>

## RESUMO

A proposta deste texto é descrever a experiência do teólogo Julio Lazzari como professor da EETAD – Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus<sup>2</sup>. O referido professor é autor deste material e pretende, ao descrever sua passagem por um dos núcleos de ensino dessa instituição, trazer reflexões sobre educação, aprendizado, tipos de cursos de teologia, perfil de alunos e desafios do professor em sala de aula. À medida que o texto for escrito, algumas obras serão apresentadas nas notas de rodapé. Como este material é fruto de uma experiência, não de uma pesquisa, a bibliografia servirá muito mais para quem se interessar por um dos temas relacionados à experiência do que para fundamentar o texto. O desejo é que este relato possa ajudar outros professores em seus respectivos trabalhos e trazer algum tipo de reflexão para teólogos, líderes de instituições cristãs, estudantes ou mesmo pessoas que comandam escolas de teologia.

**Palavras-chave** : EETAD. Teologia. Educação. Assembleia de Deus.

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em filosofia pela Universidade São Judas Tadeu. Pós-graduado em Ciências da Religião pela PUC-SP. Pós-graduado em Marketing Internacional pela Universidade Nove de Julho. Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. É teólogo e pastor. E-mail para contato: juliolazzari81@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0343124332598126>.

<sup>2</sup> Tal experiência se deu entre os anos de 2007 e 2017, em um núcleo da EETAD na igreja Assembleia de Deus, Ministério Madureira, no bairro do Jardim Pery, na cidade de São Paulo.

## ABSTRACT

The purpose of this text is to describe the theologian Julio Lazzari's experience as a teacher at EETAD - School of Theological Education of the Assemblies of God. The aforementioned teacher is the author of this material and intends, when describing his passage through one of the teaching centers of this institution, to bring reflections on education, learning, types of theology courses, student profile and challenges of the teacher in the classroom. As the text is written, some works will be presented in the footnotes. As this material is the result of an experience, not of a research, the bibliography will serve much more for those interested in one of the themes related to the experience than to substantiate the text. The desire is that this report can help other teachers in their respective work and bring some kind of reflection to theologians, leaders of Christian institutions, students or even people who run schools of theology.

**Keywords:** EETAD. Theology. Educação. Assembly of God.

## CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CURSO DE TEOLOGIA DA EETAD

A EETAD é a Escola de Teologia das Assembleias de Deus<sup>3</sup>. O curso teológico, à época em que o autor lecionou nessa instituição, funcionava por meio da abertura de núcleos nas igrejas. O núcleo era o conjunto de alunos, professor, corpo administrativo e diretor. Em outras palavras, como os núcleos funcionavam nas igrejas, as aulas do curso eram ministradas na própria igreja, o que significa que os núcleos estão espalhados em diferentes partes do país<sup>4</sup>.

O diretor do núcleo era o pastor da igreja local e o professor, a quem a EETAD chamava de monitor, era escolhido ou aprovado pelo pastor da

---

<sup>3</sup> Segundo o site da instituição, a EETAD foi fundada em 1979 pelo missionário pentecostal Bernhard Johnson. Ele nasceu nos Estados Unidos, em 1931, e veio para o Brasil ainda na infância com seus pais. *Uma visão. Nossa missão. Sua vocação.*

Disponível em [https://www.eetad.com.br/a\\_visao](https://www.eetad.com.br/a_visao). Acesso em: 19 jan. 2021.

<sup>4</sup> Esse é um dos fatores que contribuem para o curso de teologia da EETAD ser popular, pois muitos alunos do núcleo já frequentam a igreja, pelo que não há dificuldade de locomoção na maioria das vezes.

igreja para ministrar as aulas. Os alunos poderiam ser da igreja local ou de outras denominações, e o corpo administrativo era composto por duas pessoas que cuidavam da captação e inscrição de alunos, pagamento, documentação, busca dos materiais usados nas aulas, recebimento e envio de provas etc<sup>5</sup>.

O curso básico, no qual o autor lecionou pelo espaço de dez anos, consistia em 16 matérias teológicas<sup>6</sup>, algumas da Teologia Sistemática<sup>7</sup>, outras referentes a livros ou grupos de livros da Bíblia<sup>8</sup>, seja do Antigo ou Novo Testamento, outras tratavam do estudo de religiões, obviamente do ponto de vista da Apologética<sup>9</sup>, e ainda havia a disciplina homilética, que versa sobre a formação do discurso, no caso, a pregação eclesiástica<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> Diferentemente do que acontece em cursos em geral, na EETAD o professor não preparava as provas, o que ficava a cargo da instituição. Ao final de cada matéria, o aluno tinha que fazer uma avaliação e tirar uma nota mínima, sete, para ser aprovado. A avaliação era feita por meio de gabarito, que era entregue à EETAD. Após algum tempo, as notas eram disponibilizadas aos alunos. Esse modelo, de alguma forma, limitava o papel do professor, por um lado, mas dava uniformidade ao que a instituição esperava que todos os alunos soubessem, já que a *resposta certa* não era determinada pelo entendimento do professor, mas da EETAD. Embora o professor ministrasse as aulas, a prova era inteiramente baseada no material escrito disponibilizado pela EETAD.

<sup>6</sup> Cada matéria era ministrada em cinco aulas, ou seja, em cinco semanas, já que havia uma aula semanal. A princípio, seria possível ao aluno cursar dez disciplinas por ano, mas, devido às férias, eram ministradas oito matérias durante o ano, o que permitia ao aluno concluir o curso básico em dois anos. O bacharelado em teologia de instituições de ensino tradicionais costuma ter oito semestres, ou seja, quatro anos.

<sup>7</sup> Por exemplo, na obra *Compêndio de teologia sistemática*, de David S. Clark, as disciplinas abrangidas pela teologia sistemática são: Bibliologia (estuda a visão que se tem da Bíblia, incluindo sua composição); Teologia (Estuda a natureza de Deus, seus atributos. Muitos compêndios dividem a matéria em Teologia sistemática de Deus, Cristologia e Pneumatologia, que tratam sobre Deus, Cristo e Espírito Santo, respectivamente.); Antropologia (entendendo o ser humano à luz da teologia cristã); Soteriologia (doutrina que trata da salvação); Escatologia (doutrina das últimas coisas). Outros livros sobre o assunto incluem o estudo sobre os anjos (Angelologia), sobre a igreja (Eclesiologia) ou outras disciplinas.

<sup>8</sup> Grupos de livros da Bíblia são, por exemplo, as epístolas paulinas, os evangelhos e os profetas maiores e menores, disciplinas que abrangem diferentes livros bíblicos reunidos numa só matéria.

<sup>9</sup> Segundo a *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*, de R.N. Champlin, “O termo [Apologética] vem do grego, *apologia*, ‘defesa’, uma resposta ao ataque (...) A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa (...) No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo.” CHAMPLIN, Russell Norman.

Nos cursos tradicionais de teologia, o aluno precisava frequentar a sala de aula diariamente ou alguns dias da semana por algumas horas. Ou mesmo, ainda para um público mais específico, tínhamos e temos os cursos de tempo integral, nos quais o aluno é financiado por uma instituição, geralmente sua igreja, e passa todo o seu tempo num seminário, por alguns anos. Com aulas diárias, prédios, biblioteca, professores remunerados e funcionários, os cursos tradicionais, além de serem restritos a poucas pessoas dado o tempo que exigem, também limitavam o número de alunos devido ao preço dos cursos, que não podiam ser baixos para que toda essa estrutura fosse sustentada<sup>11</sup>.

A EETAD, de maneira bastante diferente do padrão mencionado no parágrafo anterior, tem um modelo mais flexível para quem tem menos tempo, como obreiros que estão muitas vezes nas igrejas durante a semana, incluindo pastores. O fato de o curso ser ministrado semanalmente resulta no aumento de seu público-alvo, pois inclui pessoas que têm pouco tempo disponível para frequentar a sala de aula. Além disso, há um fator importante para a popularização do curso, que é o preço<sup>12</sup>. Como dito, as aulas acontecem nas igrejas, pelo que a EETAD não precisa alugar ou

---

*Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*. Trad. João Marques Bentes. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 234.

<sup>10</sup> O então curso básico, atualmente, é chamado de 1º ciclo, consistindo nas seguintes matérias: Bibliologia I, Elementos da Teologia Bíblica, Evangelhos, Homilética I, Atos dos Apóstolos, Epístolas Paulinas I, Epístolas Gerais, Pentateuco, Apologética I, Epístolas Paulinas II, Epístolas Paulinas III, Livros Históricos, Profetas Maiores, Profetas Menores, Livros Poéticos e Daniel e Apocalipse. *Núcleos da EETAD no Brasil*.

Disponível em [https://www.eetad.com.br/programa\\_nucleos](https://www.eetad.com.br/programa_nucleos). Acesso em: 19 jan. 2021

<sup>11</sup> Por exemplo, atualmente, a mensalidade do curso de bacharelado em teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie é R\$ 1.019,00, valor fora do alcance da maior parte das pessoas no Brasil. Trata-se de um dos primeiros cursos de teologia a serem reconhecidos pelo MEC. *Teologia*. Disponível em <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/teologia/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

<sup>12</sup> Durante quase todos os anos em que o autor lecionou em um núcleo da EETAD, o preço por matéria não chegou a 50 reais. Lembrando que, como cada matéria durava cinco semanas, o valor por matéria era mais ou menos como se fosse uma mensalidade, já que cada mês tem quatro ou cinco semanas. Atualmente, o preço por matéria é 60 reais, ainda popular em comparação com cursos das instituições tradicionais. *Núcleos da EETAD no Brasil*. Disponível em: [https://www.eetad.com.br/programa\\_nucleos](https://www.eetad.com.br/programa_nucleos). Acesso em: 19 jan. 2021.



comprar um local para abrigar os alunos. Além disso, as pessoas que trabalham no núcleo, seja lecionando, seja cuidando da parte administrativa, são voluntárias. Com isso, o custo que a EETAD tem por núcleo é relativamente baixo, consistindo apenas no fornecimento do material didático, um livro para cada matéria, e no material de secretaria, como lista de chamadas e provas. Obviamente há uma estrutura que a instituição tem para administrar as informações de todos os núcleos no Brasil, mas, dado o grande número de núcleos, é provável que o custo por núcleo seja razoavelmente baixo.

Em resumo, procuramos fazer uma descrição geral de como funcionava o curso de teologia no qual o autor deste texto lecionou. Essas informações ajudarão o leitor a compreender melhor sua experiência na sala de aula junto aos alunos da EETAD, a dinâmica das aulas, a ministração do conteúdo e a possibilidade de trazer, ou não, o conhecimento adequado a partir da grade curricular proposta.

## O CURSO DE TEOLOGIA DA EETAD FORMA TEÓLOGOS?

Primeiro de tudo, devemos nos perguntar o que é um teólogo. Segundo o autor Hans-Jürgen Greschat, ao falar da diferença entre teólogos e cientistas da religião<sup>13</sup>,

Os teólogos são especialistas religiosos (...). A tarefa do teólogo é proteger e enriquecer sua tradição religiosa. É sua religião que está no centro do seu interesse (...). Os cientistas da religião optam pela pesquisa de uma determinada religião (...). Os teólogos não têm essa liberdade, uma vez que apenas se ocupam de uma religião alheia quando existe a necessidade de

---

<sup>13</sup> O autor deste artigo cursou uma pós-graduação lato sensu em ciências da religião em 2008 e 2009 na PUC-SP. Muito resumidamente, podemos dizer que as ciências da religião têm a religião como seu objeto de estudo, porém estudam-na a partir de ciências humanas como história, sociologia, filosofia, antropologia, psicologia. As ciências da religião não estudam as religiões a partir de uma fé específica, como o faz a teologia. Para o leitor que tem mais interesse em entender o que é a ciência da religião, a obra de Hans-Jürgen Greschat, citada nesta seção e informada nas referências bibliográficas, é um bom material de apresentação.

uma comparação com a sua própria. Todavia, quando isso acontece, são obrigados a estudá-la. Especialistas no Antigo ou Novo Testamento precisam explicar textos bíblicos em que outras religiões são mencionadas (...). Teólogos sistemáticos e práticos têm de explicar conteúdos não cristãos quando há seguidores de outras religiões vivendo entre eles.<sup>14</sup>

Obviamente poderíamos falar de diversos aspectos da figura do teólogo e de diferentes teologias, mas, baseando-nos na citação acima e no espaço limitado deste texto, enfatizamos o teólogo como um homem religioso, que tem sua fé, e se especializa em sua própria religião. Claramente ele conhece outras religiões, mas a sua religião é seu principal interesse e as outras confissões são seu objeto de pesquisa apenas quando precisam ser analisadas à luz da fé do teólogo.

No final da citação, o autor fala da necessidade do teólogo explicar conteúdos não cristãos quando há pessoas de outras religiões vivendo entre eles. Ao que parece, a explicação do teólogo não é para a pessoa de outra religião, que em tese já conhece sua própria fé, mas para os seus liderados, quando se deparam com pessoas de outras crenças. Nesse caso, a Apologética provavelmente entraria em cena para defesa da própria doutrina contra pensamentos contrários ou diferentes.

Já o autor Eduardo Gross fala o seguinte a respeito do teólogo:

Os primeiros séculos do cristianismo apresentaram um empreendimento teórico audaz. A mensagem religiosa que tinha surgido de pregações proféticas de caráter parabólico na Palestina tentava sua entrada no âmbito filosófico determinado pela teologia filosófica helenista. Os defensores teóricos do cristianismo foram depois chamados tanto de apologetas quanto de Pais da Igreja – designações que lidas em conjunto revelam o início de um vínculo estreito entre teologia e discurso de fundamentação

---

<sup>14</sup> GRESCHAT, Hanz-Jürger. *O que é ciência da religião?* Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005. pp. 155-156.

institucional. Estes articuladores teóricos foram os primeiros teólogos cristãos propriamente ditos.<sup>15</sup>

Gross traça, resumidamente, a origem da teologia cristã. A audácia do empreendimento consistiria no fato de que a mensagem cristã original era simples, isto é, parabólica, possível referência ao fato de que muitos dos ensinamentos de Jesus usavam cenas cotidianas, conhecidas de seus ouvintes, para explicar realidades espirituais. Era um ensino ao homem comum, na maioria das vezes sem estudos formais<sup>16</sup>. Passar desse nível para um ensino formal, no âmbito filosófico, seria um salto ousado. Esse salto resultou na figura dos pais da igreja, defensores da fé cristã, que fundamentaram a teologia cristã e a instituição a que chamamos cristianismo, igreja cristã, etc, por meio de seus escritos. Os chamados pais da igreja teriam sido os primeiros teólogos cristãos, o que nos leva, novamente, a entender a figura do teólogo, pelo menos na tradição cristã, como um especialista na própria religião, um defensor da fé contra outras doutrinas ou filosofias, como alguém que dá fundamento ou, muito mais, sustenta os fundamentos já estabelecidos da sua teologia<sup>17</sup>.

Em suma, o nosso foco na figura do teólogo é muito mais no que ele faz do que em sua formação acadêmica. Fundamentados nesse raciocínio, entendemos que há teólogos que não se formaram em instituições de ensino e há pessoas formadas em instituições de ensino que não são teólogas, isto é, não fazem teologia. O teólogo seria a pessoa que se especializa na teologia de sua confissão religiosa, que a defende, que milita por ela, e o faz por meio de

---

<sup>15</sup> GROSS, Eduardo. *Considerações sobre a teologia entre os estudos da religião*. In: A(s) ciência(s) da religião no Brasil: Afirmção de uma área acadêmica. TEIXEIRA, Faustino (Org.). São Paulo: Paulinas, 2001. p. 326.

<sup>16</sup> Por exemplo, os principais discípulos de Jesus, Pedro, André, Tiago e João, eram pescadores.

<sup>17</sup> Para uma visão mais abrangente da teologia e, conseqüentemente, da figura do teólogo, recomendamos o verbete *Teologia*, da *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia* de R.N. Champlin. No verbete, são dadas informações como, por exemplo, o que a teologia tem sido ao longo da história, bem como sobre diversas partes da teologia, como teologia bíblica, teologia da libertação, teologia do Antigo e Novo Testamento, teologia liberal, teologia sistemática, teologia ascética etc. A informação completa da obra está nas referências bibliográficas.

pregações, aulas, artigos, livros, palestras etc<sup>18</sup>. Ele pode ter aprendido a teologia numa faculdade ou universidade, num instituto bíblico ou mesmo como autodidata.

Após essa longa digressão, feita após a pergunta do título desta seção, “O curso de teologia da EETAD forma teólogos?”, dizer sim ou não, sem mais explicações, é simplificar a questão. Talvez a melhor resposta seja que o curso de teologia da EETAD, e aqui a referência é ao curso no qual o autor do artigo lecionou, pode ajudar no processo de formação de teólogos.

Se os membros das igrejas e interessados na teologia em geral esperam que o teólogo seja um erudito, um especialista, obviamente o referido curso não pode formar um teólogo. Ele é muito breve<sup>19</sup> e, obviamente, superficial. Imagine o leitor como é possível estudar os profetas maiores, conjunto de livros que abrange os textos dos profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, em cinco aulas de duas horas cada? <sup>20</sup> Somente o livro do profeta Isaías tem 66 capítulos e envolve muitas complexidades. Seria possível, sem exagero, passar um ano estudando apenas esse documento. Ou, como seria possível estudar as 13 epístolas atribuídas a

---

<sup>18</sup> Sem dúvida, estamos falando de um tipo ideal de teólogo. Sabemos, por exemplo, que a teologia liberal não tem exatamente esse perfil de militância ou mesmo apologético. O autor deste artigo, em seu curso de pós-graduação em ciências da religião, ouviu um de seus professores, um biblista especialista em Novo Testamento e de confissão cristã, afirmar que a ressurreição de Jesus era um mito. Outro, também de confissão cristã, afirmou aos alunos em sala de aula que nós só saberíamos se Deus realmente existe mesmo após morrerem. Em resumo, nem sempre o teólogo é um crente fervoroso ou alguém que defende a teologia a qual pertence.

<sup>19</sup> O curso básico não é, e não era, o único oferecido pela EETAD. Sendo assim, o autor fala apenas do curso no qual lecionou durante dez anos. No entanto, mesmo para a continuidade do curso, o modelo não é muito diferente, no que se refere ao formato descrito, com núcleos nas igrejas. O estágio seguinte, para os alunos que se formassem no curso básico, era o curso médio, hoje chamado de 2º ciclo. Também tinha duração de dois anos, embora a carga horária fosse maior. A EETAD também oferece um curso presencial, em Campinas, no modelo de bacharelado, mais próximo dos cursos das instituições teológicas cujos cursos são reconhecidos pelo MEC, como Mackenzie e Metodista. Mas, dada a necessidade de presença num local e cidade específicos, bem como um preço maior (a mensalidade informada no site é 220 reais), obviamente o curso se torna menos popular do que o modelo de núcleo nas igrejas. *Estude na sede da EETAD*. Disponível em [https://www.eetad.com.br/programa\\_presencial](https://www.eetad.com.br/programa_presencial). Acesso em: 22 jan. 2021.

<sup>20</sup> No curso da EETAD, o profeta Daniel é estudado à parte, em outra disciplina, junto com o livro de Apocalipse.

Paulo em 15 aulas? É praticamente, na média, uma aula para cada epístola. Falamos de documentos que ajudaram a formar a base da teologia cristã, que é vasta e complexa. Ainda poderíamos falar de como não há condições de estudar, de fato, os quatro evangelhos em cinco aulas. Além da vastidão de conhecimento que se é possível extrair da simples leitura desses textos, temos muitos pontos que podem ser discutidos, que são complexos, como a questão da composição dos evangelhos sinóticos<sup>21</sup>. É impossível fazer qualquer estudo que não seja superficial com esse modelo.

Outro aspecto problemático do curso de teologia da EETAD, segundo a percepção deste autor, é o reducionismo e até a caricatura que é feita de outros pensamentos teológicos. O teólogo sério sabe que existem discussões complexas na teologia. Por exemplo, a autoria do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia. Tradicionalmente, o Pentateuco é atribuído a Moisés. No entanto, a partir do século XVIII começaram a surgir teorias de que o Pentateuco foi composto por diferentes autores, em diferentes épocas. É a chamada teoria documentária<sup>22</sup>. Não é nosso propósito tocar nessa questão, muito menos fazer uma exposição dela, mas simplesmente afirmar que se trata de um ponto teológico difícil, que tem eruditos, muitas vezes grandes conhecedores da língua hebraica, que estudam o assunto e acham essa teoria razoável ou até boa. Obviamente ela tem suas falhas e limitações, como tem também a teoria mosaica. Em contato com o material da EETAD, o autor pôde ver, por exemplo, como um tema difícil, como o referido, era simplificado ao extremo. Isso fazia parecer ao aluno que se tratava apenas de uma bobagem sem muito fundamento, algo facilmente refutado em poucas linhas, o que poderia gerar ilusão no estudante. Tal ilusão poderia causar-lhe frustração ou mesmo choque se ele fosse estudar o

---

<sup>21</sup> Os evangelhos sinóticos são os de Mateus, Marcos e Lucas. A palavra “sinótico” traz a idéia de enxergar de um mesmo ângulo. Isso se dá porque esses três evangelhos são muito semelhantes. Um dos problemas discutidos na teologia é como esses três livros teriam sido compostos, quais foram suas fontes.

<sup>22</sup> Se o leitor tem interesse em saber mais sobre o assunto, pode consultar a obra *O Pentateuco em questão*, de Albert de Pury. Informações completas estão nas referências bibliográficas.

assunto mais profundamente ou se ouvisse o assunto vindo de um professor mais liberal ou até cético.

Por outro lado, apesar de suas limitações, o referido curso pode provocar no aluno o desejo de ir além. Obviamente, ele, em si, não forma um teólogo, mas pode ser um ponto de partida ou parte de um processo na vida do estudante. O aluno pode gostar de uma matéria e se aprofundar nela, ler livros e artigos, ouvir palestras e mensagens. Este autor, não poucas vezes, incentivou seus alunos a fazerem isso. Algumas vezes usou a seguinte comparação: Imagine que um turista vem a São Paulo e passa uma semana na cidade. Ele conhece pontos turísticos importantes, como a Avenida Paulista, o Parque do Ibirapuera, o Mercado Municipal, o Museu do Ipiranga. Vai embora feliz por ter conhecido lugares bonitos e agradáveis. Então esta questão era proposta aos alunos: Após visitar alguns pontos turísticos, podemos dizer que o turista conhece a cidade de São Paulo? A resposta óbvia era não. Então, da mesma forma, este professor dizia a seus alunos: “Vocês são como os turistas que visitam alguns pontos turísticos. Já conhecer bem tão grande cidade é algo que exige anos de vivência, não uma visita rápida a alguns lugares.”

## CARACTERÍSTICAS DOS ALUNOS DA EETAD

Ao longo de dez anos, o autor deste texto teve contato com muitas dezenas de alunos. Muitos deles concluíram o curso, outros não. Alguns estudaram por um tempo e desistiram. Outros retornaram depois de um período.

Nas muitas turmas que foram formadas nesses anos, havia homens e mulheres de diferentes idades, todos pertencentes a alguma denominação evangélica. Muitos ocupavam funções em suas igrejas, até de liderança, como pastorado.

Percebíamos, da parte de muitos alunos, interesse genuíno em aprender. Eles gostavam de estar nas aulas, faziam perguntas, se atentavam ao que era dito. Alguns queriam estar mais aptos para as funções que ocupavam, como pregadores, outros queriam se preparar melhor para as

posições que ocupariam dentro de algum tempo. Outros, infelizmente, pareciam estar ali apenas porque era uma determinação da igreja, que exigia o curso para que uma posição fosse alcançada<sup>23</sup>. Esses últimos, às vezes até pastores, não demonstravam vontade de crescer, não se aplicavam nos estudos, faziam algo próximo do mínimo para obterem o certificado<sup>24</sup>.

Na maior parte dos casos, os alunos exerciam algum trabalho em suas igrejas. Isso mostra uma relação entre militância e teologia, sendo o conhecimento teológico, em tese, um instrumento para que o trabalho fosse mais bem realizado. Líderes de jovens queriam estar mais bem preparados para conduzir seus liderados, pregadores almejavam pregar melhor, músicos desejavam ministrar com mais fundamentação, professores de escola bíblica pretendiam crescer em conhecimento e ter mais qualidade em suas aulas.

O roteiro das aulas era dado pelo livro-texto fornecido pela EETAD. Era importante segui-lo, visto que os alunos, ao final de cada matéria, deveriam fazer uma avaliação baseada no referido material. No entanto, o professor, muitas vezes, abria alguns parênteses para enriquecer a aula. Ou mesmo inseria alguma questão relacionada ao assunto do dia e se demorava nela, conforme interesse e participação dos alunos. Isso provocava mais interação dos estudantes, com perguntas, questionamentos e opiniões. A dúvida, o debate, as questões fazem parte do processo de aprendizado.

Em algumas ocasiões, alguns alunos, desacostumados à diversidade da teologia, ficavam incomodados com algumas ideias propostas. Provavelmente, ainda que de forma mais intuitiva do que conceitual, entendiam que a teologia era uma extensão da pregação eclesial, que não haveria espaço para o contraditório. Uma das razões disso acontecer era a

---

<sup>23</sup> O ensino teológico foi, durante muitas décadas, rejeitado nas igrejas pentecostais. Aos poucos, porém, essa barreira foi se quebrando e as instituições de ensino de teologia foram se estabelecendo no meio pentecostal. Atualmente, as grandes denominações pentecostais, em geral, exigem algum tipo de formação teológica de seus obreiros, mormente pastores.

<sup>24</sup> Obviamente essa situação acontece em muitos outros cursos, incluindo cursos superiores de variadas áreas. Certa vez um professor disse: “O aluno é o único consumidor que quer a nota fiscal sem querer o produto”. Dito de outra forma, muitos alunos querem apenas um diploma, não o conhecimento. É uma realidade triste do nosso país, em que a educação é um dos pontos mais fracos.

pouca familiaridade de muitos deles com o próprio texto bíblico e menos ainda com as possibilidades de interpretação das passagens. De certa forma, isso reflete o perfil do brasileiro médio, que lê muito pouco em comparação com pessoas de outros países<sup>25</sup>. Percebíamos, não poucas vezes, que muitos estudantes, que já estava há muitos anos nas igrejas, não tinham familiaridade nem mesmo com o Novo Testamento e não tinham lido-o inteiro<sup>26</sup>.

Para exemplificar a situação descrita acima, em certa aula falávamos sobre o capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos. É um texto de grande importância para o cristianismo, talvez mais ainda para as igrejas pentecostais, que buscam nele um fundamento para o fenômeno chamado glossolalia, o falar em outras línguas<sup>27</sup>. Naquele dia, mostramos que o fenômeno descrito no texto bíblico se referia a pessoas que falaram em diversos idiomas terrenos, não celestiais, sendo perfeitamente compreendidos pelos que presenciaram o fenômeno. Uma aluna ficou perturbada com o que o texto mostrava, pois o que sempre acreditou é que as línguas não podiam ser entendidas e eram do céu. Ficou chocada e não voltou mais para o curso, provavelmente sem nunca ter lido o texto.

Mas também havia alunos familiarizados com o texto bíblico e com algumas questões. Muitas vezes eles traziam suas inquietações para as aulas e falávamos sobre elas. Eles estavam habituados à leitura e percebiam que havia questões a serem resolvidas. Não tinham medo de expor suas dúvidas. Eram alunos que queriam ir além do que sabiam, que estavam cientes de

---

<sup>25</sup> Segundo o estudo “Os franceses e a leitura”, 88% dos franceses lêem livros. Eles declararam ter lido, na média, 21 livros nos últimos 12 meses. Já o brasileiro lê, em média, 4,96 livros por ano, embora só 2,43 livros sejam lidos integralmente. *Franceses lêem 21 livros por ano, cinco vezes mais que brasileiros*. Disponível em <https://www.rfi.fr/br/cultura/20190313-franceses-leem-21-livros-por-ano-cinco-vezes-mais-que-brasileiros>. Acesso em: 22 jan. 2021.

<sup>26</sup> O Novo Testamento tem 260 capítulos. Qualquer pessoa que usar de três a cinco minutos de seu dia para ler um capítulo por dia poderá lê-lo integralmente em cerca de oito meses.

<sup>27</sup> O livro *A igreja do século XX: A história que não foi contada*, de John Walker, conta a história do Movimento Pentecostal. Entre outras coisas, mostra a importância do falar em outras línguas, baseado em Atos 2 e em outras passagens bíblicas, para o movimento. Informações completas nas referências bibliográficas.



que o conhecimento nunca se estagna e desejavam beber mais dessa fonte inesgotável. Esses não pertenciam ao grupo, menor, felizmente, dos que estavam ali apenas buscando um certificado. Eles realmente queriam aprender e passar para outras pessoas seu conhecimento.

Em resumo, o perfil do aluno do curso da EETAD, segundo a experiência deste autor, é heterogêneo. Há pessoas dos dois gêneros, com diferentes interesses e motivações, de variadas faixas etárias, com diferentes graus de conhecimento e dedicação. Muito provavelmente a maioria dos professores tem experiência semelhante a essa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida acadêmica nunca é fácil. Não existem instituições ou cursos ideais, senão nas nossas cabeças. O mundo real é difícil. Nem sempre o aluno é interessado como gostaríamos e muitas vezes não está preparado para aprender o conteúdo da matéria. Muitas vezes ele pode estar na sala de aula entediado, querendo apenas um diploma.

Há fatores que estão muito além do poder do professor, como a educação do país, que, no caso do Brasil, tem muito a melhorar. O professor também tem uma grade curricular, uma carga horária, um modelo a ser seguido, que podem ajudar ou limitar. Ou mesmo ajudar e limitar ao mesmo tempo. A situação real, cotidiana, geralmente é complexa.

Mas esses desafios podem ser superados. Com paciência e amor pelo que faz e, mais ainda, pelas pessoas, é possível fazer um trabalho importante. Mudar a vida de alguém ao trazer um conhecimento que uma pessoa específica não teria em lugar nenhum, somente ali. Dar uma aula com inspiração, que faz brilhar o olho do aluno porque ele aprendeu coisas profundas, das quais não tinha ideia.

Talvez a sala de aula seja uma amostra das nossas vidas. Não é um ambiente romântico, fácil, como gostaríamos ou sonhamos, mas tem muitas oportunidades de marcar e mudar pessoas. Ao dar o nosso melhor, nos dedicando ao aprendizado e ao ensino, podemos passar pelas vidas das

pessoas e mudá-las para melhor. E, quando formos embora, deixar saudades.

## REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, Russell Norman. *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*. Trad. João Marques entes. São Paulo: Hagnos, 2001.

CLARK, David S. *Compêndio de teologia sistemática*. Trad. Samuel Falcão. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.

EETAD. *Estude na sede da EETAD*. Disponível em [https://www.eetad.com.br/programa\\_presencial](https://www.eetad.com.br/programa_presencial). Acesso em: 22 jan. 2021.

EETAD. *Franceses lêem 21 livros por ano, cinco vezes mais que brasileiros*. Disponível em <https://www.rfi.fr/br/cultura/20190313-franceses-leem-21-livros-por-ano-cinco-vezes-mais-que-brasileiros>. Acesso em: 22 jan. 2021.

EETAD. *Núcleos da EETAD no Brasil*. Disponível em [https://www.eetad.com.br/programa\\_nucleos](https://www.eetad.com.br/programa_nucleos). Acesso em: 19 jan. 2021.

EETAD. *Teologia*. Disponível em <https://www.mackenzie.br/graduacao/sao-paulo-higienopolis/teologia/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

EETAD. *Uma visão, nossa missão. sua vocação*. Disponível em [https://www.eetad.com.br/a\\_visao](https://www.eetad.com.br/a_visao). Acesso em: 19 jan. 2021.

GRESCHAT, Hanz-Jürger. *O que é ciência da religião?* Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROSS, Eduardo. Considerações sobre a teologia entre os estudos da religião. In: *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. Afirmação de uma área acadêmica. TEIXEIRA, Faustino (org.). São Paulo: Paulinas, 2001.

PURY, Albert de (org.). *O Pentateuco em questão: as origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz de pesquisas recentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

WALKER, John. *A igreja do século XX: A história que não foi contada*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2002.

## CAPÍTULO IV

---

# ESPIRITUALIDADE CRISTÃ: UMA PROPOSTA ÉTICA

## CHRISTIAN SPIRITUALITY: AN ETHICAL PROPOSAL

Ezequiel da Silveira de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

Constata-se que mesmo nos ambientes onde são lidas as Escrituras e se pretende viver uma autêntica espiritualidade, há uma supervalorização do transcendente causando uma alienação que anula até a mais pura e fiel das intenções não conseguindo vencer a barreira do egoísmo. Com base nisso propõe-se uma leitura criteriosa da Bíblia para que intenção seja transformada em ação. Apresenta-se “o próximo” da parábola do bom samaritano, descrita no capítulo 15 do Evangelho de Lucas, como porta de entrada para um caminho de autêntica espiritualidade, capaz de transformar posturas e reflexões éticas de modo que propostas como justiça e amor, possam encontrar espaço efetivo na vida de cada indivíduo e consequentemente na sociedade.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Ética. Próximo. Outro. Caminho. Amor.

### ABSTRACT

It appears that even in environments where the Scriptures are read and it is intended to live an authentic spirituality, there is an overvaluation of the transcendent causing an alienation that nullifies even the purest and most faithful intentions, failing to overcome the barrier of egoism. Based on this, a careful reading of the Bible is proposed so that intention can be transformed into action. “The neighbor” of the parable of the Good Samaritan, described in chapter 15 of the Gospel of Luke, is presented as a gateway to a path of authentic spirituality, capable of transforming attitudes and ethical reflections so that proposals such as justice and love can find

---

<sup>1</sup> O autor é Mestre em Teologia pela FABAPAR/PR, Especialista em Filosofia pela UEFS/BA. Contato: ezequieldasilveira@hotmail.com.

effective space in the life of each individual and consequently in the society.

**Keywords:** Spirituality. Ethics. Neighbor. The other. Path. Love.

## INTRODUÇÃO

Vive-se hoje o apogeu dos movimentos neopentecostais começados nos anos 80-90, que tem sua base nos anos 60, com os movimentos de renovação. Esses movimentos fazem uma reação fortíssima ao racionalismo, cientificismo e academicismo.

Sua ênfase exacerbada no espírito trouxe uma proposta distorcida tanto da leitura Bíblica quanto da ideia de relacionamento com Deus. Fugindo do racionalismo superficial e impessoal, acabou indo para outro extremo tão perigoso e alienante quanto aquele contra o qual lutavam.

Nesse contexto, a relação com Deus baseia-se nos resultados e ou pelos benefícios que se possa daí obter. Nesse sentido, podemos destacar uma crítica contundente na definição de verdadeira espiritualidade cristã proposta por Alan Myatt & Franklin Ferreira. “A verdadeira espiritualidade cristã é motivada mais pela majestade da natureza e dos caminhos de Deus, e menos pelos benefícios que Deus pode trazer à pessoa.”<sup>2</sup>.

O princípio aqui é ontológico, a relação com Deus deveria causar mudança de natureza do ser e não do que se possa ter. Nessa mesma linha o autor argumenta de forma contundente contra o que ele chama de secularização da espiritualidade.

A cultura do prazer, do individualismo, das soluções mágicas de nosso tempo, de um deus que pode ser manipulado através de técnicas, tem agora o seu representante cristão. A partir desse quadro, podemos facilmente perceber que o resultado será o de uma espiritualidade secularizada.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Franklin Ferreira & Alan Myatt, *Teologia sistemática*. São Paulo; Vida Nova, 2007, p. 77.

<sup>3</sup> IDEM. p. 214.

Ao contrário disso, na espiritualidade vertical, o estudo teológico passa a ser descartado, os fundamentos doutrinários são baseados na experiência que sobrepuja até mesmo a Bíblia em alguns momentos. A supervalorização da experiência pessoal, em detrimento do conhecimento, sufoca a proposta de uma espiritualidade verdadeiramente cristã, como aponta Secondin “Infelizmente, é uma imagem clássica da espiritualidade a de ser cultivadora de uma modalidade de estar diante do divino em forma mais solitárias do que solidárias, mais como isolados do que consociados”.<sup>4</sup>

A partir disso, pode-se afirmar que essa espiritualidade baseada na experiência pessoal somente, dá uma dimensão totalmente vertical á espiritualidade, dando ao indivíduo desequilíbrio psíquico, relacional e emocional com as coisas e com as pessoas. Em outras palavras, essa “espiritualidade” causa uma visão distorcida da vida.

Embora pareçam novos, esses comportamentos foram observados na Idade Média, o que Pegoraro vai chamar de verticalização exagerada, a distorção que os seguidores de Agostinho fazem a sua ética.

Enfim, os agostinianos adotaram o lado obscuro do pensamento de Agostinho e esqueceram suas teses positivas como ética do amor: eles desconsideraram o homem para enaltecer a fé; minimizaram o conteúdo metafísico das realidades terrestres para proclamar o poder divino.<sup>5</sup>

Essa mesma observação da falta de rigor ético, pode ser feita a uma parte significativa dos movimentos neopentecostais, que muitas vezes invertem a proposta de Deus para o homem contido nas Escrituras. Uma espiritualidade baseada na experiência pessoal, quase sempre troca o “nós” pelo “eu” nas relações; e um eu cada vez mais débil, incapaz desenvolver relações fora de si.

Uma espiritualidade que não pensa o nós em lugar do eu, paralisa na primeira experiência com o sagrado como se pudesse deter aquele momento para sempre. Essa experiência acontece com os discípulos de Jesus narrada

---

<sup>4</sup> SECONDIN, Bruno. GOFFI, Tullio. Curso de Espiritualidade. p. 11.

<sup>5</sup> PEGORARO, Olinto. Ética dos maiores mestres através da história. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006, p. 80.

em (Mat. 17:1-13), especialmente no verso quatro, Pedro sugere a possibilidade de fazer de uma experiência pontual, uma experiência contínua. Essa espiritualidade da experiência pela experiência tira a possibilidade de enxergar o outro que está diante do eu. A supervalorização da experiência pessoal, via de regra, conduz a uma alienação da realidade. Os que seguem esse caminho pretendem sempre sair desse mundo para um céu além, retardando e não aceitando o reino de Deus entre os homens, como Jesus ensina no Pai nosso. “Venha nós o teu reino e seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. (Mat. 6:10)<sup>6</sup>

Uma espiritualidade pautada na Bíblia possibilita um relacionamento com Deus nesse corpo e nesse mundo. Isso só é possível quando consideramos a Bíblia como fonte norteadora dessa relação. Longe do literalismo e alegorização, a experiência bíblica de espiritualidade dá condições ao homem de pensar e lutar por soluções possíveis para um mundo real ao passo que relaciona com o Deus real.

A espiritualidade bíblica não é intimista, mas se alimenta da vida cotidiana e se expande nas duas diretrizes sinteticamente desenhadas pelo decálogo, porém constantes em todo o "corpos" legislativo, a vertical - teológica e a horizontal - social.<sup>7</sup>

Nesse sentido, a verdadeira espiritualidade é vivida e sentida de forma tão intensa que se expressa para além dos espaços religiosos, sem lugar definido, acontece na cotidianidade; como manifestação da graça de Deus a humanidade.

A Bíblia ajuda a mudar o foco da espiritualidade verticalizada, ela faz olhar horizontalmente e perceber o próximo, o outro que também sou eu. A partir do relacionamento com o próximo, como Jesus sugere (Lucas 10, 25-37) há um caminho consistente para um relacionamento com Deus, e consequentemente uma ética alinhada aos princípios estabelecidos por Jesus.

---

<sup>6</sup> PEGORARO, Olinto. Ética dos maiores mestres através da história. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006, p. 80.

<sup>7</sup> SECONDIN, Bruno. GOFFI, Tullio. Curso de Espiritualidade, p. 60.

## ÉTICA CRISTÃ: UM CAMINHO PARA O OUTRO

A primeira carta de João 4.20,21 apresenta uma espiritualidade terrena, um amor que passa primeiro pelo outro para que seja comprovada a veracidade da relação (amor) com Deus.

Se alguém diz: Eu amo a Deus e aborrece seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também seu irmão.<sup>8</sup>

Há um filósofo contemporâneo que ajuda nessa compreensão. Emanuel Lévinas coloca o rosto do outro como critério ético. Esta compreensão, como sugere Miquéias França<sup>9</sup>, desafia o ser humano a uma santidade que nada mais é do que um sair de si para o outro tão intenso que o arranca da indiferença, para ser.

De modo diferente que ser! É esta ruptura da indiferença... a possibilidade de um-para-o-outro, um para o outro que é acontecimento ético... A vocação de um existir-para-o-outrem mais forte que a ameaça da morte; a aventura existencial do próximo importa ao eu antes que a sua própria, colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem... o em-si do ser persistente-em-ser supera-se na gratuidade do sair-de-si-para-o-outro, no sacrifício ou na possibilidade do sacrifício, na perspectiva da santidade.<sup>10</sup>

Para Lévinas, a vida do ser humano só começa a ter vida quando ele adquire a capacidade de ser, e este só passa a ser quando o é para o outro. A partir disso, pode-se afirmar que espiritualidade que não produz uma ética para-o-outro está distante da proposta bíblica.

Nessa perspectiva, espiritualidade tem a ver com essa experiência que auxilia o ser humano na sua humanidade. Se a espiritualidade que se vive

---

<sup>8</sup> A Bíblia Sagrada. Edição Revista e Corrigida. 1995I João 4.20,21.

<sup>9</sup> FRANÇA, Miquéias Costa, O Conceito de Rosto como Critério Ético no Pensamento de Emmanuel Lévinas. Artigo apresentado à Faculdade São Bento, Salvador-BA, 2007. Não publicado.

<sup>10</sup> LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós ensaios sobre a alteridade, 2ª edição, Petrópolis-RJ: Vozes, 2005, p. 18,19.



não desafia a um viver para o outro, certamente esse não é um modelo bíblico de espiritualidade.

Não se pode reduzir a proposta Levinasiana<sup>11</sup> a uma proposta espiritualizadora. De modo mais amplo o que Lévinas propõe, é uma crítica ao totalitarismo ocidental que promove dominação do outro. Sua crítica propõe uma ética para uma sociedade mais justa e amorosa. Contudo, é possível a partir de sua proposta, refutar ou criticar de forma contundente qualquer modelo de espiritualidade sem embasamento ético, ou que tenha como critério ético o eu, sem a percepção do outro em seu apelo de fragilidade.

Para Lévinas<sup>12</sup>, as relações de subjugação e dominação do outro pelo eu, só podem ser superadas na relação que ele chama face-a-face. Aqui face-a-face é mais que estar diante do outro, é responsabilizar-se por sentir-se no outro, e isso só é possível através do rosto. Para ele, o rosto é um apelo a fragilidade do ser. “O rosto que me olha me afirma. Mas, face a face não posso mais negar o outro (...) o face-a-face é assim uma impossibilidade de negar, uma negação da negação”.<sup>13</sup>

Como negar o eu que está diante de mim? O rosto do outro é um constante desafio, ao passo que é também a possibilidade dessa relação de respeito e igualdade que por sua vez é o espaço para que aconteça justiça.

O respeito não é igual aquele a quem se faz justiça, mas aquele com quem é feita. O respeito é uma relação entre iguais. A justiça supõe esta igualdade original. O amor, essencialmente, se estabelece entre desiguais, vive da desigualdade.<sup>14</sup>

A partir dessa compreensão, espiritualidade levará à busca por relações igualitárias, onde a justiça encontra seu espaço de acontecimentos. Justiça seria então o alvo a ser perseguido nessa espiritualidade, e a ética, o

---

<sup>11</sup> LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós ensaios sobre a alteridade, 2ª edição, Petrópolis-RJ: Vozes, 2005, p. 10,11.

<sup>12</sup> IBID. p. 60.

<sup>13</sup> IBID, p. 61.

<sup>14</sup> IBID, p. 62.

conjunto de valores que possibilita tal caminho para a justiça e amor nas relações.

A verdadeira espiritualidade coloca o ser humano frente ao outro que também é o eu, convidando-os a um conflito existencial, onde os sentimentos mais nobres são provados e depurados. É um caminho trilhado pelo eu dentro de si, gerando contradições impossíveis de serem contidas, fazendo nascer um eu para fora, que inevitavelmente se esbarrará com o rosto de alguém, e este o fará perceber que para além de si mesmo ele é também o rosto do outro em um processo de identificação como indica Lévinas:

O rosto é a própria identidade de um ser. Ele se manifesta aí a partir dele mesmo, sem conceito. A presença sensível deste casto pedaço de pele, com testa, nariz, olhos, boca, não é signo que permita remontar ao significado, nem a máscara que o dissimula. A presença sensível, aqui, se dessensibiliza para deixar surgir diretamente aquele que não se refere se não a si, o idêntico.<sup>15</sup>

Ser espiritual consiste num relacionamento tão intenso com o outro que deveria remeter invariavelmente a uma intensa relação com Deus. O outro é a expressão máxima de Deus na terra e o eu ensimesmado é a grande barreira entre nós e o outro, conseqüentemente, entre nós e Deus.

A proposta Levianasiana não destoa em nada com a proposta bíblica de espiritualidade, antes ajuda dentro do sistema filosófico a compreender uma espiritualidade radical, que confronta a ética dominante do eu, com a ética do rosto do outro que também sou eu, desafiando-nos a relações igualitárias onde justiça encontra espaço de acontecimento e o amor é caminho e não fim em si mesmo, levando-nos também à justiça.

Em Lévinas a diaconia precede o diálogo e outro precede o eu. Como se ler na parábola do bom samaritano, Jesus de forma ilustrada demonstra esse princípio ontológico de forma ainda mais clara.

---

<sup>15</sup> IBID. p. 59.

## ÉTICA DA DIACONIA: O PRIMEIRO PASSO NO CAMINHO DO AMOR

O evangelho de Lucas desafia seus leitores a uma compreensão de amar que exige rupturas com o velho jeito de ser. Amar ao próximo como a nós mesmos é amar qualquer um sem identidade, sem que esse tenha nada a oferecer em troca. De modo prático, poderia se afirmar o seguinte: Quando nos afastamos dos outros, isolados em egoísmo, ficamos como religiosos diante do mandamento de Jesus, a perguntar: quem é o próximo? A resposta é ninguém, se isolados e ensimesmados reforça-se autossuficiência e arrogância. Contudo, no evangelho de Lucas, Jesus prefere fazer isso através da parábola.

A pergunta essencial na proposta de Jesus é invertida, deixa de ser: “Qual é o meu próximo?”, para tornar-se: “Acaso não sou eu o seu próximo?” (Lc.10:29-37). Ou ainda a pergunta que o sacerdote e o levita se fazem: se eu me aproximar o que pode acontecer comigo? Diferente da pergunta do samaritano; se eu não me aproximar o que pode acontecer com ele?

Importante acrescentar que a “perícope” (Lc.10:25-37) é muito bem colocada, dando sequência à diferença que vem sendo pontuada por Jesus desde o verso 21 em relação aos sábios. Os versos (25-37) vão mostrar um sábio que sabe responder questões legais, mas que não sabe quem é seu próximo. De forma resumida dois elementos podem ser destacados na perícope e seu contexto. 1) As pessoas são mais importantes do que os títulos. Após o verso 37 segue-se uma abordagem que, amplia o ensinamento. Inda que agora se trate de alguém que quer servir a Jesus, 2) As pessoas são mais importantes que as coisas.

A perícope selecionada traz um forte traço que é o Amor ao próximo, traço que perpassa todo o livro chamando a comunidade a uma responsabilidade muito grande.

Não se pode esquecer, de que a perícope está dentro de uma seção que trata duma ideia central para Lucas, a cidade santa, Jerusalém, é onde se deve realizar a salvação; é onde o evangelho começa (1,5) e é lá que deve

terminar (24: 52). Esse caminho é provavelmente percorrido dentro da parábola do samaritano pelo sacerdote e o levita que de olho na cidade e suas atividades não se apercebem do caminho que precisa ser percorrido, o do amor. Diferente disso um samaritano que viajava em outra direção torna-se o guia, orientação de caminho de vida para quem pensava poder chegar à salvação sem passar pelo caminho do amor.

Essa ideia atualizada por Lucas perpassa toda a Bíblia: Mat. 22:34-40, Marc. 12:28-31, Deut. 6,5, 1 Ped1:22, Ef. 5:2, 1 João 4:8. A proposta de Lucas é a proposta de Javé Isa 1:17, de Cristo e de toda a Bíblia.

Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade dos vossos atos de diante dos meus olhos: cessai de fazer mal: Aprendei a fazer bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas. (Isaias 1: 16,17)<sup>16</sup>

Lucas chama a comunidade a despertar para valores reais da caminhada com Jesus; mais importante do que o caminho decorado para Jerusalém é a prática nesse caminho, o importante não é chegar é, como chegamos nós (Lucas 13:27,30). Paulo deixa ainda mais clara a ideia a respeito desse caminho. “Portanto, procurai, com zelo, os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente.” (1 Cor. 12-3, *grifo nosso*)<sup>17</sup>. Esse caminho mais excelente é descrito por Paulo na sua carta aos coríntios 1 Coríntios 13:1-13.

Lucas atualiza de forma bela esse caminho que deve ser seguido pela comunidade Lucana e por qualquer um que deseje a salvação, na caminhada para Jerusalém é preciso ficar atento ao caminho. A partir disso, pode-se pensar uma espiritualidade do caminho; é aí que se encontra o outro e a possibilidade de articular a diaconia que põe o ser humano “face-a-face<sup>18</sup>” com o outro. Arrancando assim o indivíduo do caminho da religiosidade, do cotidiano egoísmo, conformismo e passividade para o caminho do amor,

---

<sup>16</sup> A Bíblia Sagrada. Edição Revista e Corrigida. 1995.

<sup>17</sup> IBID.

<sup>18</sup> LÉVINAS, Emmanuel. Entre nós ensaios sobre a alteridade. 2005, p. 60.

fora do qual é impossível encontrar-se com Deus, e conseqüentemente, desenvolver uma verdadeira espiritualidade.

Aos que conhecem o caminho da religiosidade impõe-se a necessidade de descobrir uma outra espiritualidade, e o único caminho para tal, como foi dito a Tomé, pelo próprio Jesus: “Mesmo vós sabeis para onde vou, *e conheceis o caminho*. Disse-lhe Tomé: Senhor, nós não sabemos para onde vais; *e como podemos saber o caminho?* Disse-lhes Jesus: *Eu sou o caminho*, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14:4-6, *grifo do autor*).

Lucas transmite através da parábola do bom samaritano, os mais importantes princípios de uma espiritualidade para vida; estes estão de forma explícita no texto: o amor a Deus de forma plena e ao próximo como a si mesmo; as conseqüências desses princípios geram vida (v 28) e vida eterna, salvação. Em contraste a isso, Lucas apresenta de forma mais sutil as conseqüências da falta dessa prática. Aqui faço uso de um esquema de Prof. Miquéias França<sup>19</sup>. A falta desse amor tem como conseqüência:

- O ladrão pensa e age dessa forma: O que é seu é meu = (Egoísmo)
- O sacerdote e o levita igualmente: O que é meu é meu = (Egoísmo)
- O Samaritano é a proposta de Jesus: O que é meu é seu = (Altruísmo)

Aqui percebemos com mais clareza o que propomos acima, a diaconia precede o diálogo e outro precede o eu. A espiritualidade bíblica traz consigo um rigor ético que desafia o ser na direção de Deus e do outro, nesse sentido a salvação é antes de tudo, de ser só pra si, que é o mesmo que não ser.

Ir à direção do próximo é o primeiro passo no caminho do amor. O único sentimento capaz de consertar nossas relações extremamente injustas

---

<sup>19</sup> FRANÇA, Miquéias Costa, Aula teórica: STBNe. 2007.

e desiguais. Por isso, para além do desafio de amar somos desafiados a ser como Jesus como indica o professor Myatt “Jesus é a revelação final de Deus. Aquele que gostaria de conhecer qualquer coisa de religião e espiritualidade verdadeira deve conhecê-Lo em quem toda a plenitude da divindade habita corporalmente.”<sup>20</sup>. Nesse sentido, o conhecimento não é somente intelectual, mas principalmente relacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo egoísta em que vivemos hoje, os princípios apresentados através do evangelho segundo Lucas, da Bíblia como todo, e de pensadores como Lévinas, desafiam os seres humanos a viver de forma diferente e transformadora uma espiritualidade prática. É a ação que revela quem de fato somos, onde estamos e o que ainda falta ser alcançado.

Não é uma reflexão sobre o bem que simplesmente livra do mal. Só através de ações concretas conseguiremos desenvolver uma espiritualidade que se opõe as desigualdades e injustiças vividas em nossa sociedade. Para tanto, é necessário que se tome um caminho diferente do da religiosidade e se preste atenção aos filhos e filhas de Deus que roubados e espoliados, sem nome e sem identidade, ficam pelo caminho.

A quem deseja viver uma verdadeira espiritualidade impõe-se ainda o desafio de se lançar nesse caminho mais excelente que Lucas, Paulo, Jesus e toda a Bíblia convidam a trilhar. Talvez, de verdade, não se chegue a lugares concretos (Jerusalém), mas nesse caminho certamente, se encontrará Jesus de Nazaré. Quem diz já ter experimentado esse encontro, relata que toda decepção e frustração, toda falta de esperança é transformada como a dos discípulos no caminho de Emaús (Lucas 24: 32,33).

A verdadeira espiritualidade reconduz a esperança, e semelhante ao que acontece na narrativa bíblica, aqueles que se compreendem como discípulos passam a anunciar a possibilidade de recondução da história

---

<sup>20</sup> Franklin Ferreira & Alan Myatt, *Teologia sistemática*. São Paulo; Vida Nova, 2007, p. 163.

humana. Nesse sentido, há esperança para cada pessoa que se cansou de expressões de religiosidade que não ajudam a ser gente, há salvação no caminho do Amor.

Embora não seja possível concluir no sentido de fechar a discussão, pode-se afirmar que a espiritualidade bíblica, se opõe a todo e qualquer forma de espiritualidade egoísta, ou que não inclua o outro na sua dimensão de relação com Deus. Nesse sentido pode-se afirmar uma ética cristã que fundamentalmente considera o outro como ponto de partida para uma relação com Deus.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. *Edição Revista e Corrigida*. João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BOFF, Leonardo. *Ecologia – Mundialização – Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: Um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOMILCAR, Nelson. *O melhor da espiritualidade brasileira*. Organização: Nelson Bomilcar. São Paulo: Mundo cristão, 2005.

FRANÇA, Miquéias Costa. *O Conceito de Rosto como Critério Ético no Pensamento de Emmanuel Lévinas*. Artigo apresentado à Faculdade São Bento. Salvador: 2007. Não publicado.

MYATT, A.; FRANKLIN, F. *Teologia sistemática*. São Paulo; Vida Nova, 2007.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre Nós Ensaio sobre a alteridade*. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2005.

PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SECONDIN, Bruno. GOFFI, Tullo. *Curso de Espiritualidade: Experiência – Sistemática – projeções*. São Paulo: Paulinas, 1993.

SOUSA, Ágabo Borges de. *Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento – Compreendendo a espiritualidade a partir das narrativas e devoção*. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

## CAPÍTULO V

---



# A IMPORTÂNCIA DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA EDUCAÇÃO CRISTÃ DE QUALIDADE

THE IMPORTANCE OF EDUCATIONAL PROCESSES: A QUALITY  
CHRISTIAN EDUCATION

Dárcio José Damiano da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto busca a refletir sobre a Bíblia e o Ensino Religioso praticado em nossa nação, com foco especial no contexto das comunidades cristãs. A proposta deste texto busca uma educação integral, tendo o referencial bíblico como sustentação e motivação para o exercício do ministério de ensino. A educação religiosa é uma das ações fundamentais que dá a sustentação para o cumprimento do propósito das comunidades eclesiais, comumente chamada de ministério de ensino. A expressão ministério de ensino indica a ação educativa da Igreja. O termo educação deve ser compreendido com uma visão mais abrangente do que muitas vezes as comunidades de fé assumem por simplesmente Escola Bíblica Dominical ou departamento infantil, não se trata apenas da transmissão do conhecimento, mas sim da preparação para a vida cristã, considerando a sua integralidade.

**Palavras-chave:** Educação Religiosa. Processo de ensino. Educação libertadora.

## ABSTRACT

This text seeks to reflect on the Bible and Religious Education practiced in our nation, with a special focus on the context of Christian communities. The proposal of this text seeks an integral education, having the biblical reference as support and motivation for the exercise of the teaching ministry.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia pelas faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Pós-Graduado em Aconselhamento Pastoral pela Universidade Metodista de São Paulo (UNIMESP). Bacharel em Teologia e Filosofia.

Religious education is one of the fundamental actions that supports the fulfillment of the purpose of ecclesiastical communities, commonly called the teaching ministry. The term teaching ministry indicates the educational action of the Church. The term education should be understood with a broader view than the faith communities often assume by simply Sunday Bible School or children's department, it is not just the transmission of knowledge, but the preparation for the Christian life, considering its integrality.

**Keywords:** Religious Education. Teaching process. Liberating education.

## INTRODUÇÃO

O ser humano é em sua natureza muito complexo. Ele possui “educações” relacionadas a várias culturas. Por esse motivo, torna-se inviável um único modelo de ensino. Em relação ao ensino religioso cristão, por diversas vezes o ensino foca apenas na área espiritual, transmitindo conhecimento bíblico. Isso é fundamental, todavia não se pode ficar limitado a este ponto, já que se deve haver uma visão ampliada, buscando em diversas áreas do conhecimento as melhores formas para que o processo educativo possa ser mais efetivo.

Uma das prioridades do processo de ensino não deve ser apenas derramar o conhecimento, mas amar as pessoas, entender sua história, sua vida, suas experiências. Deve-se ir para os momentos de aprendizado disposto a ensinar, mas também a aprender com as pessoas; não se pode querer ver as pessoas apenas do nosso ponto de vista, mas deve-se procurar a aproximação delas com olhar de amor, era assim que nosso mestre Jesus fazia. Para o ensino ter efeito prático, deve-se compreender as pessoas, e isso virá somente através da empatia.

Quando se estuda as práticas educativas atuais e comparamos com a Bíblia, observa-se que Jesus já as utilizava há milhares de anos. O conteúdo que Jesus tinha para dar não estava só nas palavras, mas também nos gestos e no próprio jeito do Cristo se relacionar com o povo. Seus ensinamentos através de parábolas fazia o povo refletir sobre questões. Jesus não dava respostas

prontas, mas fazia perguntas para que cada um pudesse refletir sobre determinada situação.

## A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Estudando as obras do educador Paulo Freire (1977), aprende-se que existem dois tipos de educação. Por um lado, a educação bancária que tem uma relação dominante entre o educador e educando. Nela, o educador é o sujeito que detém o conhecimento, ele pensa e ensina, enquanto o educando é apenas o objeto que recebe o conhecimento, um agente passivo que não tem nada a contribuir. Por outro lado, existe a educação libertadora que é aquela que não existe uma separação inflexível entre educador e educando. Ambos ensinam e aprendem no processo, o educando não é apenas um depósito de conteúdo no processo, mas sim um participante, participando do diálogo, e de seus pensamentos. O educador não apenas educa, mas também aprende; os educandos não só aprendem, mas também ensinam.

Paulo Freire ensina que só se conseguirá uma educação libertadora, quando há a compreensão que não existe um ser humano melhor do que o outro por causa do conhecimento adquirido, ou condição social. Faz-se necessário ir para os encontros de ensino com o sentimento de igualdade, todavia, isto só será possível se passarmos a amar e conhecer as pessoas, transformando-as de oprimidos em agentes transformadores. Foi este tipo de educação que Jesus praticou: não era um professor que apenas ensinava ao povo, mas um mestre que convivia com todos os seus seguidores, ele convivia com o povo e utilizava-se de figuras como pescaria, agricultura em seus ensinamentos, facilitando a compreensão do povo.

Há necessidade de se aprender a utilizar, em nossos dias, este tipo de pedagogia, por ser libertadora, por não enxergar as pessoas como depósitos que precisam de ajuda, mas como pessoas iguais que somos, e que têm um potencial de ensinar muitas coisas. Necessita-se entender seu contexto, sua história, sobre o que as levou àquele lugar, fazendo-as refletir e chegar às conclusões do que precisa ser mudado em sua vida. É importante que o processo de transformação seja pautado no amor, assim, a pessoa que ensina

não se sentirá superior por estar nessa posição e haverá a possibilidade do diálogo, permitindo que a pessoa a ser educada não apenas ouça, mas realmente viva essa transformação.

A educação, só virá como prática de liberdade, a partir do momento que aprendermos que o processo sempre envolverá o diálogo, um aprendizado mútuo, onde todos ensinam e todos aprendem.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 1997, p. 128)

Esse era o modelo que Jesus indagava as pessoas, para que elas problematisassem e lhe trouxesse a resposta. Nesse diálogo, Jesus se permitia aprender com as pessoas, Ele ensinava as pessoas a buscarem suas respostas, não apenas depositando conhecimento na vida delas, mas transformando suas vidas, essa é a essência da educação libertadora. Devemos entender que durante o processo de ensino as pessoas não podem se sentir oprimidas, pois a opressão causa o silêncio, e se permanecerem no silêncio, não experimentarão nenhum tipo de transformação, uma vez que no silêncio não há transformação, mas as palavras, as respostas, provocam mudanças profundas.

O diálogo não é uma opção, é uma exigência no processo de ensino nas comunidades eclesiais. Esse não pode se reduzir ao ato de querer depositar informações na outra pessoa, não devemos querer ter todas as respostas, mas devemos buscar perguntas. Essa problematização levará ambos em busca da solução, onde todos crescerão durante o processo. Esse diálogo nunca existirá, se não houver um profundo amor pelas pessoas. Esse amor quebrará as barreiras e não haverá mais opressor e oprimido. Esse amor criará uma ligação entre as pessoas, proporcionando o diálogo e a interação entre ambos. Esse amor proporcionará que ambos cresçam e aprendam juntos durante o processo.

É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1997, p. 25)

No ensino religioso não poderá ser diferente. Fé no poder transformador de Deus, e que essa transformação ocorrerá em cada ser humano e que todas as pessoas poderão se tornar indivíduos melhores, pois isso não é privilégio de apenas algumas pessoas, todos podem experimentar o poder transformador em suas vidas. Não devemos deixar de acreditar nas pessoas, pois sempre há a expectativa de melhoras no ser humano. Essa esperança está em nossas próprias imperfeições, e nunca conseguiremos sozinhos ou no silêncio chegar a esse resultado, vamos precisar de outras pessoas para conquistar esse objetivo. Devemos colocar em prática esses métodos, para que nossos ensinamentos religiosos, não sejam apenas encontros, mas sejam verdadeiros encontros transformadores.

## UMA EDUCAÇÃO VOLTADA PARA PRÁTICA

Há uma área da teologia denominada teologia prática, ela não está voltada apenas para o conhecimento, mas para aplicação prática do conteúdo aprendido. A teologia prática pode ser definida como o conjunto de disciplinas teológicas que investigam através da avaliação crítica, a fundamentação teórica e o planejamento da prática cristã como uma disciplina da teologia. Ela faz a ponte entre a práxis pastoral e a teologia, buscando um ponto de equilíbrio entre elas, entre a teoria e a prática, ela é a soma de disciplinas teológicas que buscam a avaliação crítica (LIBÂNIO, 1998, p. 10).

Teologia prática é a expressão construtiva sobre a ação cristã mundial. Embasa-se no conhecimento da atividade de Deus no mundo e se

constrói em um diálogo analítico e edificante, com os discursos sobre o desempenho cristão prático em nosso tempo. A racionalidade da teologia consiste em uma teoria crítico discursiva da ação prática. Seu objetivo é contribuir para o aperfeiçoamento da ação cristã da contemporaneidade, em resposta as atividades de Deus no mundo.

Teologia (prática) é discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo. Fundamenta-se no discernimento da ação de Deus e se constrói em diálogo crítico e construtivo com os discursos sobre a ação. Sua finalidade é contribuir para o aperfeiçoamento da ação cristã na contemporaneidade. (ZABATIERO, 2005, p. 26)

Em um mundo em constantes transformações, a estrutura da religião muda simultaneamente, sendo que nossos métodos de ensino precisam adequar-se para adequar-se à essas mudanças. A educação cristã deve se posicionar frente aos temas atuais como globalização, ideologia de gênero, ecumenismo, multiculturalidade etc. Souza (2018), em sua obra, afirma que a prática é uma chave de compreensão da Bíblia. Seu pensamento nasce de uma prática mútua em que Deus se revela ao ser humano para que este perceba sua epifania na história. A partir desta revelação, inaugura-se uma nova forma de prática com Deus e entre os seus semelhantes. Nem mesmo as atuais formas de ação humana advindas pelas novas tecnologias conseguirão substituir completamente a expressão humana pela ação, pois sempre haverá a necessidade de contato com seus semelhantes. Devemos estar abertos a mudanças e ampliações dos conceitos de amizade e relacionamento interpessoal (SOUZA, 2018, p. 6-8).

A educação religiosa deve ser baseada na práxis cristã, construída com sabedoria e discernimento, sendo equiparada a uma resposta ao agir de Deus no mundo contemporâneo, edificada como ciência de valores da ação cristã e que desenvolve critérios cristocêntricos que nortearão o agir da igreja no mundo. Na visão de Mora (2013), muitas questões surgem entre os seres humanos diante do esforço que afeta a raça humana: Qual é o significado e o valor das atividades desenvolvidas? Qual é a utilidade de todas essas coisas? Para qual fim os esforços de indivíduos e comunidades devem ser direcionados? No seu pensamento as comunidades eclesíásticas,

guardiãs da palavra de Deus, da qual os princípios fluem na ordem religiosa e moral, nem sempre tem uma resposta adequada a cada questão (MORA, 2013, p. 144).

Droggers (1983) declara que espiritualidade não pode ser compreendida como uma fuga do mundo para a tranquilidade da alma, pois nesse caso, seria o contrário de uma atitude de engajamento sócio, político e religioso. Segundo o seu pensamento, espiritualidade é a maneira como uma pessoa vive a fé cristã, esta característica relacional da espiritualidade não promove apenas uma relação vertical (pessoa e Deus), ela também engloba as relações humanas e a relação entre o ser humano e a natureza, é um meio ou método pelo qual o ser humano produz as suas crenças religiosas na sociedade (DROOGERS, 1983, p. 111).

Espiritualidade não é algo que possuímos, e sim, uma forma de ser e viver, é a compreensão de que Deus não é um objeto distante do nosso conhecimento, mas alguém próximo do ser humano. Os recursos espirituais são meios que sintonizam as pessoas com a dimensão da espiritualidade, a educação cristã é um grande recurso, pois desperta no homem a recuperação de sua dignidade, uma das necessidades básicas do ser humano, auxiliando as pessoas a se tornarem mais conscientes, a fim de que possam experimentar a presença de Deus, não apenas no seu interior, mas igualmente na sociedade e na natureza (DROOGERS, 1983, p. 126).

Deve-se ensinar os princípios de serviço cristão a cada indivíduo que queira se colocar à disposição do reino de Deus e do próximo com o objetivo de servir simplesmente e não com o objetivo de alcançar uma recompensa ou posição de destaque com uma série de direitos e retribuições especiais. O objetivo da espiritualidade são as ações das pessoas que professam a fé cristã em distintas igrejas e na sociedade, e tem por finalidade testemunhar a ação de Deus em favor do seu povo e de toda a Sua criação (SCHNEIDER-HARPPRECHT, 1998, p. 12).

A teologia tem como horizonte o tripé: Deus, o mundo e a igreja, o objetivo da educação cristã está em realizar essa mediação através da práxis, facilitando o trânsito entre estes universos. A prática estabelece uma ponte entre a igreja e a sociedade, pois é através dos ministérios eclesiais que a

igreja presta o seu serviço ao mundo, não definindo ministério como simplesmente um modelo ministerial, mas mencionando a multiplicidade de forma que Deus desempenha a sua tarefa no mundo através da sua igreja. O termo ministério vem normalmente associado ao exercício de um cargo dentro de uma instituição, mas está relacionado a práxis cristã. Todo cristão é dotado de um carisma que o habilita para se engajar na causa do evangelho, desempenhando o seu ministério (VOLKMANN, 1998, p. 82).

## FORMAS PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO EFICAZ

A pedagogia de Jesus inspira as pessoas a seguir numa prática que se pauta pelo amor e pelo diálogo, ela nos conforta e nos desafia a acreditar neste tipo de aprendizagem onde as pessoas, a partir do diálogo, interagem, se transformam, se capacitam para serem recriadores de suas vidas segundo o modelo da palavra de Deus. Pode-se para ter um projeto de educação eficaz utilizar as ferramentas dos quatro saberes da educação:

**Aprender a aprender** – É necessário tornar prazeroso o processo de ensino religioso, devemos despertar nas pessoas o desejo de aprender novas verdades, e a Bíblia é um campo muito fértil, um tesouro sem fim, deve-se procurar fazer que o ensino se torne prazeroso, pois quanto mais prazerosa a aprendizagem, maior será memorização.

**Aprender a fazer** – Não basta apenas o conhecimento em si, se não produzir efeito prático, na verdade o aprendizado é válido apenas quando leva a uma mudança de comportamento, isso é fazer. Consiste essencialmente em aplicar, na prática, os seus conhecimentos teóricos aprendidos. Devemos buscar ativar nas pessoas o desejo de mudança a cada verdade bíblica aprendida, elas precisam querer e aplicar de uma forma prática os conhecimentos aprendidos.

**Aprender a conviver** – Temos que transmitir conhecimentos sobre a diversidade das pessoas, assim como, conscientizar as pessoas sobre as semelhanças e interdependências que existem entre todos. Este é um importantíssimo aprendizado que é aprender a conviver com os outros, a buscar compreender a cada um, a administrar conflitos, saber que cada



pessoa não é um ser simples, mas produto de várias culturas, educações. Que o amor de Cristo que nos une é bem maior do que as diferenças que nos separa.

**Aprender a ser** - A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo. É importante desenvolver a espiritualidade, sensibilidade, sentido ético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa. O grande objetivo do ensino religioso é desenvolver pessoas melhores para nossas comunidades e para o mundo.

Com base nessa visão dos quatro pilares do conhecimento, aplicados diretamente ao ensino religioso, podemos prever grandes melhorias em nossas comunidades. Outra grande ferramenta que podemos utilizar em nossos aconselhamentos são os sete saberes da educação, segundo Edgar Morin (2000):

1- Erro - Vivemos numa cultura, onde é proibido errar, mas devemos aprender que o erro é parte importante do aprendizado, que devemos nos dar o direito de errar, dar o direito as pessoas de errarem, temos de aprender a trabalhar isso primeiramente conosco e depois com as pessoas, o erro só se tornará um erro quando não aprendermos com ele;

2- Conhecimento pertinente - Devemos aprender a unir os pensamentos e não os fragmentar, temos de ver como um todo, é preciso escolher o prioritário e analisar os contextos dos problemas e das informações, o conhecimento das informações ou dados isolados é insuficiente; é preciso situar as informações e dados em seu contexto geral para que adquiram sentido, só assim poderemos ajudar realmente as pessoas, pois chegaremos ao âmago das questões, Jesus era assim, lembra do jovem rico? O problema dele não era com a lei, mas com a riqueza;

3- Ensinar a condição humana - Somos integrais, temos várias dimensões, o ser humano é a um só tempo, físico, espiritual, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Devemos levar as pessoas a compreender a unidade e a complexidade do ser humano. Muitas vezes queremos espiritualizar todas as questões, mas a pessoa pode estar passando por uma

desordem de ordem física ou mental, devemos aprender a utilizar uma didática multidisciplinar;

4 - Ensinar a identidade terrena - Relacionado à sustentabilidade, temos que ensinar as pessoas em nossa comunidade que elas fazem parte de um todo, que temos uma responsabilidade com nossa sociedade e com o nosso planeta, que não vivemos numa ilha isolada chamada “igreja”, mas fazemos parte de um todo. Os cristãos devem aprender a fazer a diferença na sociedade onde estão inseridos.

5 - Enfrentar as incertezas - Todo cristão deve aprender a andar por fé, e que muitas vezes vamos nos deparar com as incertezas da vida. Muitas vezes não teremos as repostas e teremos de agir pela fé, aprender que a vida não é uma fórmula mágica, onde tudo acontece dentro de um padrão, mas que devemos estar preparados que virão situações imprevistas, e devemos enfrentá-las, e que muitas vezes não teremos respostas para todas as questões e que devemos andar por fé.

6 - Ensinar a compreensão - A compreensão mútua entre as pessoas, quer próximos, quer estranhos, saber que cada indivíduo é diferente e que tem sua maneira de ver o mundo, aprender a conviver, deixando de lado o egoísmo, perdendo, amando, entendo que a pessoa pode ter visões diferentes de você sobre determinado assunto.

7 - A ética do gênero humano - Não desejar para o outro o que não desejamos para nós, devemos saber que se cada um fizer o que é certo, essas pequenas atitudes, formarão parte de um todo que mudará a nossa comunidade. Que devemos sempre agir de forma ética em todos os momentos de nossa vida, em todos os lugares, em todas as situações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala em processo educativo, deve-se pensar em crescimento do indivíduo, o diálogo é a parte essencial no processo educativo, devemos aprender que somente quando as pessoas falam e refletem sobre as suas situações é que será possível um processo de transformação em sua vida, o caráter educativo ultrapassa a mera

transmissão de informação, mas visa ajudar pessoas a entender, avaliar e aplicar as informações em situações de sua vida, buscando as melhorias necessárias.

É necessário aprender a entender que durante o processo educativo que as pessoas não são apenas um depósito onde despejaremos todo o nosso conhecimento, ou que não somos apenas ouvintes passivos, que não emitem opiniões, mas somos parceiros que aprenderemos mutuamente durante essa jornada, é um ato de reflexão compartilhada, onde ambos compartilham conhecimento nessa relação de aprendizado.

A educação cristã tem como objetivo ajudar as pessoas a redescobrirem a libertação que pode ser encontrada em Cristo, e a assumirem a si mesmo e a sua responsabilidade pessoal, isso só será possível através do diálogo, pois somente quando a pessoa fala, reflete e chega as suas conclusões, ela conseguirá ser transformada, como vários educadores dizem: “a palavra tem o poder de fazer”, e isso não é um privilégio, mas sim um direito.

Devemos partir do princípio da fé, fé de que cada um pode ser melhor do que é, que cada um pode crescer e evoluir em cada área de sua vida. Essa confiança e comunhão vão gerar diálogo e libertação. A educação cristã deve procurar ajudar as pessoas a desfrutar um relacionamento aberto e crescente com Deus, isso será possível através é claro da nossa dependência ao Espírito Santo, mas podemos ter uma ferramenta poderosa que é a prática do diálogo, não apenas tendo encontros para transmissão de conhecimento, mas tendo encontros libertadores.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Como desenvolver as competências em sala de aula*. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DROOGERS, André. *Espiritualidade: O problema da definição*. São Leopoldo: EST, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HARPPRECHT, Christoph Scheider (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

MESTERS, Carlos. *A leitura libertadora da Bíblia*. Medellín: Teologia y Pastoral para América Latina. Bogotá: 1996.

MORA, Alberto Parra. De camino a lateología de la acción. *Theologicaxaveriana*, Bogotá, v. 63, n. 175, p. 143-171, Jan./Jun. (143-171), 2013.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

SOUZA, Alzirinha Rocha de. Teologia Pastoral e Teologia Prática, além da postura eclesial. *Revista cultura Teológica*, a. 26, n. 91, 2018.

## CAPÍTULO VI

---

# GRUPOS JUCAICOS RELIGIOSOS/POLÍTICOS NO PERÍODO DO IMPÉRIO ROMANO

RELIGIOUS / POLITICAL JOURNAL GROUPS IN THE PERIOD OF THE  
ROMAN EMPIRE

Ulicélio Valente de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

A política do atual Brasil tem sido manchete em todo canto do mundo, infelizmente, de forma negativa. Nesse cenário, existem aqueles que se intitulam cristão e que estão envolvidos na política para defender a população e os princípios cristãos. Contudo, não é o que se vê. Estão vendidos e interessados apenas no seu bem-estar e nos seus interesses. Esse trabalho tem como objetivo mostrar que desde a antiga história da igreja, a política sempre fez parte e que de uma forma ou de outra sempre existia “partidos e grupos” políticos. A verdadeira política cristã como base para sociedade tem seu princípio nos valores éticos do reino de Deus, ensinados por Jesus Cristo. Diante do tempo, a história sofreu grandes mudanças, tanto no que diz respeito ao pensamento, quanto na economia, e na política obviamente. Uma análise do contexto político da época de dominação do Império Romano, mostra qual a força ideológica dos fariseus, saduceus, herodianos, zelotes e essênios etc.

**Palavras-chave:** Política. Grupos Religiosos. Império Romano.

## ABSTRACT

The politics of present-day Brazil have been a headline in all of the world, unfortunately in a negative way, in this scenario, there are those who call themselves Christian and who are involved in politics

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Pós-graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE - 2016). Possui graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE - 2013). Graduando em História pela UNISA (Universidade de Santo Amaro) e Direito pela Cosmopolita. Atuante de Extensão, Graduação e Pós-Graduação da FATEBE nas áreas de História da Igreja e História dos Batistas. Também é estagiário no Escritório de Advocacia Ruth S. Chaves.

to defend the population and Christian principles, however, is not what See, are sold and interested only in your well-being and in your interests. This paper aims to show that since the antigade of church history politics has always been a part and that one way or another there were always political "parties and groups". True Christian policy as a basis for society has its beginning in the ethical values of the kingdom of God, taught by Jesus Christ. In the face of time, history has undergone great changes, both with respect to thought and the economy, and politics, obviously. An analysis of the political context of the period of domination of the Roman Empire shows the ideological strength of the Ferris, Sadducees, Herodians, Zealots and Essenes, and so on.

**Keywords:** Politics. Religious Groups. Roman Empire.

## INTRODUÇÃO

Percebe-se que o conceito político de muitos cristãos protestantes é relativamente sem fundamento. A nossa tarefa se limita a salientar que a política é a mesma de antigamente no que diz respeito à politicagem. A igreja é uma agência de Deus outorgada para agir em todas as áreas da sociedade, inclusive na política. Com o passar dos anos, percebe-se que ainda é a mesma política de antes, hoje, assim como antes, está ofuscada, perdeu seu foco e permiti que o Estado a transformasse em agência do império. Por esse motivo, este artigo visa ir à história do cristianismo e apresentar os diversos grupos religiosos que nada mais era que políticos. A política pode ser aplicada em qualquer sociedade para o bem da *polis*. Com uma condição: que está esteja em comum acordo com o reino de Deus.

## GRUPOS JUCAICOS RELIGIOSOS/POLÍTICOS

Já no período do primeiro século da era cristã, se observa a presença de inúmeros partidos religiosos que não eram conhecidos no período do

Antigo Testamento<sup>2</sup>. A participação desses grupos na época de Paulo ajuda a entender o pano de fundo por trás da carta romana. É importante compreender como cada grupo se articulava, sabendo que, tanto um quanto o outro era ao mesmo tempo tanto religioso quanto político.

### ***Fariseus***

O mais conhecido e certamente o maior grupo que existia na época de Paulo era os fariseus. A palavra em si tem o significado de “separatista”, usada para se referir a escárnio aos oponentes. A primeira vez em que apareceu um grupo se intitulando dessa maneira foi durante a época de João Hircano I. A quem diga que são chamados de separatista pelo fato de que alguns judeus querendo ser puros se afastaram durante o período de Judas Macabeu, por volta de 165 a.C., contudo, o mais provável, é que essa confraria é oriunda dos “hassidins”. Esse grupo era muito conhecido porque queriam ser puros e se separar completamente do pecado e ainda queriam dar uma nova interpretação as Escrituras no período de Esdras e Neemias<sup>3</sup>.

Sobre essa questão assim como Hale, Packer, Tenney e White afirmam categoricamente que os fariseus surgiram do partido do *hassidim*, da época de Hircano. Eles eram os grandes responsáveis pela interpretação das tradições orais dos rabis. Em sua grande maioria composta de artífices e mercadores de classe média e tinham muita influência diante dos camponeses<sup>4</sup>. O povo era completamente voltado para as opiniões dos fariseus, os quais também assumiam grandes cargos políticos da época, e logicamente o Sinédrio<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> HALE, Broadus David. Introdução ao Estudo do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 18.

<sup>3</sup> HALE. Op. Cit., p. 18.

<sup>4</sup> “Josefo observou que quando o povo judeu enfrentava uma decisão importante, eles se apoiavam na opinião dos fariseus de preferência à do rei ou à do sumo sacerdote.” PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR., William. O mundo do Novo Testamento. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 88-89.

<sup>5</sup> “Josefo calcula que apenas 6.000 fariseus viviam na Palestina no tempo de Jesus, por isso precisavam do apoio popular. Talvez fosse por isso que temiam a capacidade de Jesus de atrair



A questão da origem desse grupo não é tão importante, se levarmos em conta o que eles de fatos representavam naquela época. O que se julga é que esse grupo vem desde a época de Esdras, movimentado pelos hassidins, que estavam sob a dominação síria e romana. Eram os verdadeiros representantes dos que não se conformavam com estrangeiros dominantes em suas terras, permaneciam fiéis ao judaísmo e a tradição aos pais. Não eram dedicados a questões políticas, mesmo sendo os mentores políticos da nação de Israel. Fazendo uma comparação com os saduceus, que em tese eram os líderes políticos, os fariseus tinham o maior controle do povo. Eles também eram os grandes responsáveis pela sinagoga e foram os únicos sobreviventes na guerra nos anos de 66-70 da era cristã<sup>6</sup>.

O movimento farisaico tinha como objetivo a purificação das impurezas do cotidiano por meio da dedicação e obediência demasiada da lei. De forma ampla, a Lei era observada a fim de levar o povo à santificação, sendo que a observância das prescrições ritualística de pureza não era apenas um momento sacramental no templo, mas tinha uma importância também fora dele<sup>7</sup>.

Em um sentido ritualístico surge a ideia de separado. Formado em sua grande maioria de classe média laica, era a maior seita em número de pessoas, que no tempo do grande Herodes constituíam de 6 mil pessoas que de forma meticulosa observa a finco as leis mosaica e rabínicas. Um fariseu não se misturava com quem julgasse pecador, mesmo acolhendo um em sua casa e dando a ele vestimentas para que se purificasse não se sentava a mesa com ele e logicamente com qualquer um que não pertencesse ao movimento farisaico<sup>8</sup>. Certamente por causa disso, os fariseus perguntam aos discípulos de Jesus porque ele estava comendo com publicanos e pecadores (cf. Mc. 2.16).

---

grande multidões.” PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR., William. O mundo do Novo Testamento. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006, p. 88-89.

<sup>6</sup> HALE. Op. Cit., p. 18-19.

<sup>7</sup> SCHNELLE, Udo. Paulo: vida e pensamento. São Paulo: Paulus, 2010, p. 75.

<sup>8</sup> GUNDRY, Robert Horton. Panorama do Novo Testamento. Tradução. João Marques Bentes, Fabiani Medeiros, Valdemar kroker. 3. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 53.

Os fariseus julgavam serem os únicos observadores fiéis da Lei<sup>9</sup>, e o sábado era visto como algo tão sacramental que até cuspir no chão desnudo era uma afronta contra o dia santo, pois fazia com que a poeira se tronasse aragem e seria para eles uma espécie de trabalho. As mulheres por sua vez não deveriam nem se quer olhar um espelho e nem que fosse um vidro para que não fosse tentada a arrancar porventura algum cabelo branco o que seria também uma espécie de trabalho<sup>10</sup>. O evangelista Mateus registra o momento em que os fariseus acusam Jesus de ter permitido que os seus discípulos fossem colher e comer as espigas em um dia de sábado, o que logicamente era um trabalho para eles (Mt. 12.1-2).

Os fariseus, em particular, eram a corrente mais severa da religião judaica. Eles instavam pelo conhecimento exato das Escrituras e observância das tradições particulares e das leis, com o intuito de alcançar a santificação, e defendiam alguns elementos teológicos presentes nas cartas que Paulo viria a escrever, como grande expectativa messiânica, além da crença na predestinação. Entendia que a providência de Deus não eliminava a responsabilidade humana<sup>11</sup>. Eram bem-vistos onde quer que estivessem e muitos desejavam fazer parte desse grupo.

Sobre os simpatizantes do judaísmo, Pollock diz que:

Fariseus como Paulo instavam a que os tementes a Deus se fizessem prosélitos, judeus completos: deviam submeter-se ao simples, mas doloroso ritual da circuncisão, e então honrar as exigências cerimoniais e pessoais da lei em todo o seu rigor. O fardo podia ser pesado, mas a recompensa era grande, pois ganhariam o favor de Deus<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Muita das vezes os fariseus tinham um comportamento hostil devido ao zelo pela lei que era ensinado desde pequeno pelos pais (OLIVEIRA, Ulicélio Valente de. Paulo, O Apóstolo: Vida e Formação Educacional. Belém: Alves Editora, 2020, p. 38).

<sup>10</sup> Constituíam um dilema se um fariseu podia comer um ovo posto em algum dia de festividade. Estariam tais ovos maculados, a despeito do fato que as galinhas não tinham consciência de dias festivos? GUNDRY. Op. Cit., p. 53-54.

<sup>11</sup> SCHNELLE, Op. Cit., p. 75.

<sup>12</sup> POLLOCK. John. O Apóstolo. São Paulo: Vida, 1998., p. 10.

Gundry, fala da maquiagem usada pelos fariseus quando algo era conveniente a eles. Apesar de que uma pessoa não podia nem mesmo carregar as suas próprias roupas em caso de incêndio num sábado. No entanto, não tinham nenhum problema se usa várias camadas de roupas a fim de salvá-las em caso de incêndio. Para eles, não era permitido viajar mais de um quilômetro longe da sua moradia no sétimo dia. Mas, se por qualquer motivo fosse necessário fazer qualquer viagem que ultrapasse esse limite, deveria então depositar até na sexta-feira alimentos que suprisse a necessidade para duas refeições, detalhe, a um quilômetro de distância da sua casa, para onde desejava ir<sup>13</sup>.

Interessante essa maneira de observar a Lei, ou seja, quando era de interesse próprio criava-se uma maneira de suprir a necessidade emergente, contudo fazia-se de uma maneira mascarada para aparentar uma falsa fidelidade a Lei. Dessa feita, Jesus combateu severamente essa forma legalista de viver dos fariseus e fica claro o fato do Mestre tê-los chamados de hipócritas. Gundry ainda diz que “o judeu comum, entretanto, admirava os fariseus, como perfeitos modelos de virtude. De fato, formavam eles a coluna mestra do judaísmo.”<sup>14</sup>.

Por causa do patriotismo e da grande defesa dos ideais do povo e da religião judaica, os fariseus se opuseram ao helenismo, e em pouco tempo passaram a ser um partido nacionalista. Os fariseus tinham as coisas velhas como sendo as melhores. Havia um desejo mútuo de tornar a Lei praticável dentro do mundo greco-romano. Querendo então encaixar as ideias do grupo, eram feitas as interpretações das Escrituras. Lembrando que naquele tempo seria apenas o Antigo Testamento, a fim de ajustar um acontecimento presente ou de combater uma heresia. Com os levantamentos feitos por outras religiões presentes no momento, os fariseus

---

<sup>13</sup> O depósito de comida dava a eles o direito de poder fazer uma residência fixa, mesmo que estivesse longe de suas casas, assim era permitido viajar um quilômetro extra. GUNDRY. Op. Cit., p. 54.

<sup>14</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 54.

tentaram encontrar as respostas para os problemas existentes. Diversas colocações vétero-testamentária foram dilatadas<sup>15</sup>.

Os fariseus doutrinavam o povo a acreditarem que os justos viveriam de novo após a morte (At. 23.8), e claro, os perversos seriam aniquilados de uma vez por todas. Apesar disso, a grande maioria não acreditava nessa interpretação, uma vez que para eles a morte separava a alma do corpo.<sup>16</sup> Jesus atraía multidões como se sabe, agora isso não era uma tarefa fácil. Certamente, o que ajuda a entender o real motivo era por sua oratória desassombadamente. Jesus era um mestre humilde materialmente falando, filho de um carpinteiro que ensinava que os mortos viveriam (Lc. 14.14), do respeito aos mais velhos (Mc. 7.10-13), da comida (Mc. 7.1-9) e, pasmem, do guarda o sábado (Mt. 12.24-32). Jesus falava a respeito dos anjos, demônios, e esses mesmos ensinamentos eram defendidos pelos fariseus, e talvez por isso Jesus fosse uma ameaça para eles<sup>17</sup>.

Segundo Hale, “para o fariseu, a tradição suplantou a lei”.<sup>18</sup> Esse ponto, especificamente, era a principal dissensão dos saduceus, pois não enxergavam nenhuma necessidade de modificar a Lei. Os fariseus argumentavam que a necessidade da oralidade, era pelo fato dela ajudar no cumprimento da lei mediante as novas situações e assim seria impossível pecar. Os fariseus davam solenidade à providência de Deus em relação ao homem<sup>19</sup>.

A tradição oral era tão forte no grupo dos fariseus que mesmo eles sendo profundos conhecedores da *torá*, enfrentaram dificuldades porque muitas ideias se chocaram e isso certamente não era saudável para eles que preservavam pela santidade, a ponto de acharem que não podiam pecar mais:

---

<sup>15</sup> HALE. Op. Cit., p. 19.

<sup>16</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 89.

<sup>17</sup> I PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 90.

<sup>18</sup> HALE. Op. Cit., p. 19.

<sup>19</sup> HALE. Op. Cit., p. 19.

No que se refere a certas convicções religiosas dos fariseus como, por exemplo, a fé na ressurreição, no juízo e em anjos, é possível ver nelas não só a influência apocalíptica, mas também a abertura dos fariseus para correntes religiosas novas. Isso indica que os fariseus foram antes um movimento reformista do que conservador<sup>20</sup>.

Como se observa, os fariseus não era um grupo simples, porque de uma forma ou de outra exerciam grande influência na sua época. Saldarini (2005) em seu livro informa que o fariseu, que antes era um partido político e religioso, passou a ser somente religioso no período do reinado de Herodes:

Os fariseus permaneceram atores influentes nos mais altos níveis da sociedade, tanto na corte de Herodes quanto no sínédrio. No início do reinado de Herodes, os fariseus foram favorecidos por ele como partidários e clientes; mais tarde, porém, eles uniram-se a uma facção oposta a Herodes e sofreram sua ira. Os fariseus, como todas as classes superiores, eram controlados por Herodes e não conseguiram obter nenhum poder concreto; contudo, eles não se retraíram, mas permaneceram participantes ativos na vida política<sup>21</sup>. (SALDARINI, 2005, p. 108)

Dentro do grupo dos fariseus tinham dois grupos formados pelos essênios e pelos zelotes. Que apesar de serem fariseus, cada grupo tinha sua própria identidade e eram diferentes uns dos outros.

### *Essênios*

O nome derivado do hebraico *essênio* significa “pio”, “santo”. Certamente, eram chamados assim pelos conterrâneos, mas provavelmente não se identificavam como tais, pois não se viam como santos e nem pios, na verdade se declaravam como portadores de verdades que seriam reveladas com o reinado messiânico depois da guerra entre o bem e o mal

---

<sup>20</sup> STEGEMANN, Ekkehard. W. História social do protocristianismo. Trad. de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2004, p. 184.

<sup>21</sup> SALDARINI, Anthony. Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 108.

descrito nos documentos de Zadoque e que seria o ápice da chegada do Messias<sup>22</sup>.

Hale (2007) informa que “estes representavam o desenvolvimento na extrema direita entre os fariseus”<sup>23</sup>. Era um grupo diferente dentro da comunidade judaica, elitizado e que ia além de uma simples seita. Dentro do grupo dos fariseus, eram os mais conservadores, ensinavam a observância da lei<sup>24</sup>. Esse grupo “formavam uma comunidade ascética ao redor do Mar Morto, e viviam uma vida rigidamente devota.”<sup>25</sup>.

Formado de aproximadamente 4 mil pessoas, permitiam novos adeptos, desde que passassem por uma prova de até três anos, o aspirante ao agrupamento tinha que abandonar todas as riquezas e propriedades, para ser usados em um bem comum<sup>26</sup>. Esse grupo na verdade eram os sobreviventes dos verdadeiros “hasidins”, mas demasiadamente rigorosos. Com os documentos encontrados em Qumram, dá a entender que eles aguardavam pela vinda do Messias que seria o responsável pela combinação das linhagens real e sacerdotal, dentro de um aspecto escatológico. Apesar dessas devidas informações, não existe nada a respeito deles nas páginas do Novo Testamento<sup>27</sup>.

Para Cavalcante (2004):

Os essênios: piedosos e místicos, optavam por viver em pequenas comunidades rurais, onde cultivavam a agropecuária de subsistência, desenvolvendo um estilo de vida ascético. Consideravam-se os “puros” e, concomitantemente, procuravam-se isolar do resto do povo. Pouco se pouco se importando com as “coisas do mundo”, eram politicamente alienados<sup>28</sup>.

---

<sup>22</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 92.

<sup>23</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>24</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>25</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>26</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 56.

<sup>27</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>28</sup> CAVALCANTE, Robinson. Cristianismo e Política; teoria bíblica e prática histórica. Viçosa MG. Ed. Ultmato, 2004, p. 52.

Historiadores acreditam que existia mais de um grupo essênio, que em sua demasiada maioria viviam em comunidades em áreas desertas. Parte deles vivia em um local específico na cidade de Jerusalém, onde inclusive havia uma porta com o nome de essênios. Eram praticantes de rituais para a purificação do corpo e da alma. Seus escritos encontrados, que a priori já fora mencionado, mostram que eles eram piedosos, pois queriam se separar da sociedade, na confiança de que o Soberano lhes recompensasse pela fidelidade deveras demonstrada<sup>29</sup>.

### *Zelotes*

Com a invasão da palestina feita por Pompeu em 63 a.C. acabou com qualquer possibilidade de restauração por parte dos judeus do seu governo. Contudo, existia grupos que não perderam a esperança e insistiam em expulsar os romanos que invadiram suas terras. Surge então os zelotes que tomaram a frente da situação para levar o povo a uma rebelião<sup>30</sup>. Os zelotes, ao contrário dos essênios, representavam a extrema esquerda dos fariseus. Buscavam autonomia própria e a independência do povo e fazendo disso sua prioridade<sup>31</sup>.

Judas, o Galileu (At. 5.37), era o líder mais famoso dentre os zelotes. Esse grupo rebelou-se contra os romanos o que terminou com a destruição do templo no ano 70. Judas e seus seguidores não se submetiam ao controle estrangeiro. Bem, a maneira de pensar dos zelotes ocasionou o questionamento feito de um fariseu a Jesus em relação ao tributo que deveria ser pago a César (Mc. 12.14)<sup>32</sup>. Sem dúvida, os fariseus queriam

---

<sup>29</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 92-93.

<sup>30</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 94.

<sup>31</sup> “Segundo Josefo, o fundador foi Judas de Gamala, que iniciou a revolta sobre o censo da taxaço, em 6 d.C. Seu alvo era sacudir o jugo romano e anunciar o reino messiânico. Eles precipitaram a revolta em 66 d.C., que levou à destruição de Jerusalém em 70. Simão o zalote, foi um dos apóstolos”. HALE. Op. Cit., p. 19.

<sup>32</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 94-95.

saber a opinião de Jesus sobre esse ponto, para assim incriminá-lo e entregá-lo a César.

Esses revolucionários se dedicavam para derrubar o governo romano que tinha Herodes como grande governante. Além de tudo isso, considerava pecado a lealdade a César<sup>33</sup>. No governo de Félix, que foi procurador da Judéia (52-60 d.C.), dentro do grupo dos zelotes foi formado um movimento radical conhecido como sicários (“gente da adaga”). Esses sicários se escondiam no meio das multidões durante as festas e aproveitavam disso para matar os que eram favoráveis ao governo romano com adagas (uma forma de obeslico) que eles carregavam nas roupas<sup>34</sup>.

Com o andamento da guerra com Roma (66-70 d.C.), os sicários fugiram para fortaleza de Masada e ali fincaram o seu governo. Depois que Jerusalém foi destruída, muitos romanos foram para a antiga Masada. Algo que chama muita atenção é o fato deles temerem a morte em mãos gentílicas, mataram-se uns aos outros e todos os membros de suas famílias totalizando assim o número de 960 pessoas<sup>35</sup>.

Davis (2005) diz que:

Esse partido converteu-se em centro de resistência aos romanos, no tempo de Cirênio, sob direção de Judas Galileu. Crescendo em fanatismo provocou guerra contra o império dos Césares. Nos últimos tempos degenerou em um corpo de assassinos, ou sicários<sup>36</sup>.

### *Saduceus*

O período dos macabeus é um divisor de águas para o entendimento correto desse grupo. Isso porque, depois que os macabeus venceram os sírios e os colocaram para fora da região da palestina, os judeus que uma vez aderiram à filosofia grega ficariam em sigilo, pois depois desse

---

<sup>33</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 56.

<sup>34</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 95.

<sup>35</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 95.

<sup>36</sup> JOHN, Davis. O Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo, Ed. Hagnos, 2005, p. 1282.



acontecimento não teria mais vez a defesa de discursos gregos. Contudo, esses eruditos palestinos não abriram mão de impor o seu pensamento as questões presentes no cotidiano, sendo assim a nova seita que iria ser conhecida como saduceus é formada a partir desse grupo de judeus helenistas<sup>37</sup>.

Mesmo sendo um grupo bem menor que a dos fariseus, os saduceus exerciam maior influência política, isso se devia pelo fato de serem da classe sacerdotal. Além disso, mantinham contato direto com os estrangeiros que governavam na época e por conta disso, tendiam a se afasta do judaísmo propriamente dito e se aproximar do helenismo. Os fariseus além de adotarem a lei mosaica, também aceitavam os ensinamentos dos mestres, o que diferenciava grotescamente dos saduceus que adotavam apenas o Pentateuco como palavra de Deus, desprezando assim qualquer oralidade ensinada fora da Torá<sup>38</sup>.

Não se sabe exatamente a origem dessa seita, existe a possibilidade do nome ter derivado de Zadoque, que se tornou sumo sacerdote depois de Abiatar no período de Salomão<sup>39</sup>. No entanto, a maioria dos estudiosos acredita que ela deriva da palavra hebraica saddig que quer dizer “justo”<sup>40</sup>.

A oralidade não era o ponto forte desse grupo, jactavam-se pela sua fidelidade à letra da Lei mosaica. Faziam parte desse grupo os aristocratas e os grandes sacerdotes. Os saduceus eram os responsáveis pelo sinédrio e, também, exigiam influência política, mesmo que fosse de forma secundária. A partir do momento em que recebiam ajuda estrangeira, colaboravam e até se juntavam com ele pelo governo. Eram também os responsáveis pelo templo, também puderas o sumo sacerdote era sempre o líder deste grupo, que no caso era sempre um saduceu que cuidava do templo. Diferentemente

---

<sup>37</sup> PACKER; TENNEY; WHITE.Op. Cit., p. 90.

<sup>38</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 54.

<sup>39</sup> HALE. Op. Cit., p. 19.

<sup>40</sup> Reforçando o que Hale já havia dito, o nome também pode está ligado diretamente com o sacerdote Zadoque, já que os saduceus estavam diretamente ligados ao trabalho sacerdotal no templo. PACKER; TENNEY; WHITE.Op. Cit., p. 90.

dos fariseus, era um grupo restrito e não se interessavam em formar novos adeptos<sup>41</sup>.

Entendem que os fariseus ensinavam a luz da ótica persa e assíria de forma exagerada, e unanimemente acreditavam que os fariseus eram traidores da tradição do povo de Deus. Ligados exclusivamente aos ensinamentos de Moisés, rejeitavam todo e qualquer ensino que não estivesse base na Torá<sup>42</sup>. Completamente voltados para as Escrituras, onde a limitava apenas ao Pentateuco ou Torá. Não concordavam com as doutrinas dos fariseus, que já fora citado anteriormente, e que fora desenvolvida durante os 400 anos do período intertestamentário, destacando a vontade livre, em vez da providência divina. Este grupo não teve o mesmo destino dos fariseus que permaneceram depois da guerra Judaico-Romano<sup>43</sup>.

Gundry reforça essa ideia afirmando que os saduceus não acreditavam “em anjos, espíritos e nem na imortalidade da alma e na ressurreição do corpo, conforme criam os fariseus”<sup>44</sup>. Grundry ainda completa o que Hale afirma de que com a destruição do templo no ano 70 da era cristã, perderam completamente o poder que se concentrava no domínio do templo<sup>45</sup>. Deve ter sido por isso que não permaneceram por muito tempo, já que perderam além do poder religioso, o poder político até então usufruído.

Esse grupo tradicional, no entanto, adotaram as crenças de Epicuro, um filósofo grego, que acreditava que a alma morria com a carne e que cada pessoa determina a sua própria vida e faz dela o que bem quiser sem precisar se dirigir a um ser supremo<sup>46</sup>. A percepção que se tem desse grupo é uma completa incoerência, pois a Torá era a única fonte confiável e adotada,

---

<sup>41</sup> HALE. Op. Cit., p. 19.

<sup>42</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 90.

<sup>43</sup> HALE. Op., Cit., p. 19.

<sup>44</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 55.

<sup>45</sup> GUNDRY. Op. Cit., p. 56.

<sup>46</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 90.

mas, se assemelharam aos epicureus e certamente davam uma nova interpretação para a criação do homem relatado em Gênesis.

Outra coisa interessante com relação a esse grupo era que eles gostavam de discutir questões teológicas e filosóficas, o que deixa evidente a tendência grega partidária. Suas colocações elaboradas não chamavam atenção da comunidade e, pasmem, se uniam com os fariseus<sup>47</sup>. Veja isso, rejeitavam os ensinamentos farisaicos e negavam que eles faziam parte do verdadeiro Israel, no entanto, precisando se manter fortalecidos eram de certa forma levados a se unirem com eles para se manterem no poder e usufruírem de privilégios. Segundo Champlin, os saduceus “negavam os princípios pós-vida que os tornavam materialistas buscando o máximo de proveito desta vida através do poder político e material.”<sup>48</sup>

### ***Herodianos***

Essa seita judaica é mais um grupo que surgiu durante o período romano. Era um grupo político partidário que era formado por inúmeros judeus de diversos grupos religiosos. Eram chamados assim, provavelmente, por conta do apoio que davam a dinastia herodiana, o que evidenciava a participação na política da época<sup>49</sup>.

Os herodianos poderiam ser considerados como os da extrema esquerda dentro dos Saduceus. Essa confraria depositava suas esperanças nacionalistas na família de Herodes, e acreditavam que dessa família viria o Messias prometido. No ano 6 d.C., surgiu esse povo quando Arquelau, filho do grande Herodes, perdeu a posição que ocupava e o imperador Augusto

---

<sup>47</sup> “Na realidade, não fosse um estranho capricho dos eventos da política judaica, os saduceus podiam ter desaparecidos do mapa antes dos tempos do Novo Testamento”. PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 90.

<sup>48</sup> CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia Bíblica Teologia e Filosofia, São Paulo: Hagnos, 2004.

<sup>49</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 95.

César enviou um procurador, Copônico, para o seu lugar. Nas Escrituras esse grupo é mencionado em Mt. 22.16 e Mc. 3.6; 12.13<sup>50</sup>.

### ***Zadoqueus***

Esse já fazia parte da extrema direita dentro dos Saduceus. Apesar de não existir nenhum registro neotestamentário, esse grupo tem sua importância, pois destaca outro objetivo entre os Saduceus e ajuda a entender a origem desse grupo<sup>51</sup>. Achados de outros documentos na comunidade de Qumram e do Mar Morto reforçam a ideia de relação entre os zadoqueus, essênios e a comunidade de Qumram. No segundo século a.C., houve inicialmente uma reforma entre os sacerdotes zadoquitas, entre os saduceus. Nessa tentativa, fracassaram e forma para a região de Damasco e ali fixaram uma nova comunidade subjugada de uma série de novas nomos<sup>52</sup>.

Muitos zadoques trabalharam em missões entre os seus compatriotas, destarte, não foram bem recebidos pelos fariseus e saduceus da região. Outros foram viver ao redor do Mar Morto. Esse grupo buscavam um mestre justo e que exortasse o povo de Israel a se arrependem. Zelosos pelo *canôn* em detrimento da oralidade, algo muito bem aceito na época. Completamente ligados à purificação levítica e deixavam de lado os prazeres carnaís<sup>53</sup>.

### ***Samaritanos***

Depois que os assírios derrotaram Israel os judeus que permaneceram na palestina eram conhecidos como samaritanos. Surgiram

---

<sup>50</sup> HALE. Op., Cit., p. 20.

<sup>51</sup> “Em 1896, um fragmento de um documento foi encontrado numa sinagoga no Cairo. Publicado em 1910, com o título Fragmentos de uma Obra Zadoquita, este termo entrou em todas as discussões acerca do judaísmo sectário”. HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>52</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

<sup>53</sup> HALE. Op. Cit., p. 20.

de núpcias mistas de judeus e os assírios que governavam a palestina na época. Por conta disso, sofriam com preconceitos e rejeição por conta dos judeus que achavam que eles eram violadores da Lei de Deus. Possivelmente não tinham acesso ao templo Jerusalém, então adoram a Deus no monte Gerizim, onde construíram um templo para que pudessem fazer seus holocaustos. Depois que os judeus voltaram do exílio passaram a olhar para esse grupo com desdém<sup>54</sup>.

Até mesmo Jesus mantinha uma certa distância dos samaritanos, pois o evangelista Mateus registra quando o mestre se dirige aos seus discípulos e pede a eles para que não entrasse nas cidades de Samaria (Mt. 10.5-7). Haja vista, que até ignorou o fato dos samaritanos adorarem ao Senhor somente no monte Gerizim (Jo 4.19-24). Todavia, Lucas, o médico, registra em seu evangelho a disposição do Messias de entrar a uma aldeia samaritana (Lc. 9.52) e de conversar com uma mulher samaritana, episódio muito conhecido de todos (Jo. 4.7-42)<sup>55</sup>.

Na parábola do Bom Samaritano, Jesus relata a possibilidade real de eles serem mais fiéis à lei do que os próprios judeus (Lc. 10.25-37). No registro do milagre de Jesus diante dos dez leprosos, apenas um veio agradecer o milagre recebido, e esse era samaritano (Lc, 17.11-19).

### ***Seguidores de João Batista***

João Batista é descendente de um casal de idoso que faziam parte da genealogia de Arão que era sacerdote. Muitos salientam que após a morte de seus pais, João foi morar com os essênios no deserto (cf. Lc. 1.80). No entanto, pode ser levado em conta o fato de seus pais temerem a sua morte por conta do mandado de Herodes de matar todos os meninos nascido na época (Mt. 2.16). Destarte, não há nenhuma dificuldade em considerar que os essênios influenciaram a estirpe de João<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 98.

<sup>55</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 98.

<sup>56</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 99.

João foi levantado para pregar a chegada do reino messiânico em Israel e chamava o povo a ficar atento com a chegada do Redentor. Com isso, João atraiu muitas pessoas, que vinham até ele para serem batizados. Não obstante, Herodes ficou preocupado com a fama de João e com receio de uma futura rebelião. Isso tudo é reforçado pelo fato de João ser contra o seu casamento com sua cunhada enquanto seu irmão estivesse vivo e sob as ordens de Herodes Antipas, João foi executado<sup>57</sup>.

Esses grupos apesar de não serem considerada seita, constituíram um importante grupo religioso na época de Jesus. Muitos inclusive acreditavam que João era de fato o Messias prometido. Atualmente, os “madeanos” orientais alegam descender dos antigos seguidores de João Batista, o que é um fato bastante curioso<sup>58</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fariseus, saduceus, herodianos, zelotes e essênios, seguidores de João e etc. não entenderam o que seria reino no aspecto de governar. Eram grupos que queriam unir uma postura humana egocêntrica a padrões espirituais, ideia que não deveria acontecer no governo de muitos pastores.

Hoje, muitos crentes desconhecem o verdadeiro significado da palavra Política, como desconhecem seu dever de cidadão e, também, de Estado quando o representa. Sem dúvida, o mundo em que se vive é extremamente político, contudo, não é digno a um cristão participar das mazelas dele, mentir, ser desonestos, roubar, ser desleal, e etc... Isso é pecado e não faz parte da política do reino de Deus. A vida no reino de Deus tem aplicação vertical e horizontal: o amor a Deus e o cuidado com próximo, deve ser o dilema do cristão. Jesus foi o maior exemplo de padrão político que se pode ter. Ele não se aliou a nenhum grupo religioso nem aboliu ou fez aliança com o sistema governamental.

---

<sup>57</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 99.

<sup>58</sup> PACKER; TENNEY; WHITE. Op. Cit., p. 99.

A política cristã exerce particularmente grande influência na sociedade que é manifesta ao ser humano pelo simples ato influenciador da igreja, temos exemplos de grandes nações que foram transformadas pelo poder do evangelho. O comportamento ético-moral do cristão é esperado em todas as esferas, da sociedade.

O desejo com essa pesquisa é que o povo de Deus viva o verdadeiro cristianismo, a fim de que o reino de Deus se manifeste mais plenamente em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, Robinson. *Cristianismo e Política: teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa MG. Ed. Ultimato, 2004.
- GUNDRY, Robert Horton. *Panorama do Novo Testamento*. Tradução. João Marques Bentes, Fabiani Medeiros, Valdemar kroker. 3. Ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007.
- JOHN, Davis. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo, Ed. Hagnos, 2005, p. 1282.
- OLIVEIRA, Ulicélio Valente de. *Paulo, O Apóstolo: Vida e Formação Educacional*. Belém: Alves Editora, 2020.
- PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR., William. *O mundo do Novo Testamento*. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vida, 2006.
- POLLOCK. John. *O Apóstolo*. São Paulo: Vida, 1998.
- SALDARINI, Anthony. *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2005.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.
- STEGEMANN, Ekkehard. W. *História social do protocristianismo*. Trad. de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

## CAPÍTULO VII

---



# IGREJA E ESTADO

## CHURCH AND STATE

Claudio Ernani Litig<sup>1</sup>

### RESUMO

É nosso propósito neste artigo analisar o relacionamento entre Igreja e Estado, dando ênfase especial ao que ficou preceituado na última Constituição do país (1988). Que novidades aconteceram em relação ao passado? Como o cristianismo histórico ocidental, na visão de católicos e reformados, se coloca diante desta Constituição? Para alcançar este objetivo vamos: traçar um quadro do desenvolvimento histórico do relacionamento Igreja e Estado no Império e na República; ver os desenvolvimentos que surgiram especialmente depois da situação política do país criada pela revolução de 1964; examinar os textos da Constituição que tratam da questão da igreja; confrontar as posições históricas do cristianismo ocidental com o que a última Constituição diz.

**Palavras-chave** : Igreja. Estado. Constituição. Católico. Reformados.

### ABSTRACT

It is our purpose in this article, to analyze the relationship between Church and State, giving special emphasis to what was prescribed in the last Constitution of the country (1988). What news has happened in relation to the past? How does Western historical Christianity, in the view of Catholics and Reformed, face this Constitution? To achieve this goal, we will: draw a picture of the historical development of the relationship between Church and State in the Empire and the Republic; see the developments that emerged especially after the country's political situation created by the 1964 revolution; examine the texts of the Constitution that deal with the

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Meio Ambiente. Pós-graduação em Ensino religioso. Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana. Pedagogo. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2088758623571521> | E-mail para contato: [claudioelitig@gmail.com](mailto:claudioelitig@gmail.com).

issue of the church; confront the historical positions of Western Christianity with what the latest Constitution says.

**Keywords:** Church. State. Constitution. Catholic. Reformed.

## INTRODUÇÃO

Religião e sociedade são dois temas que, necessariamente, precisam ser analisados em seu relacionamento. Dentro da análise do relacionamento entre religião e sociedade, certamente um dos capítulos mais extensos é o que trata do relacionamento entre Igreja e Estado.

No Brasil, o relacionamento entre Igreja e Estado começou com a chegada dos portugueses. Um dos primeiros atos oficiais realizados foi o rezar uma missa. O desenvolvimento deste relacionamento atravessa o período do Brasil Colônia e do Império, e vem até nossos dias na República. Muitos aspectos deste relacionamento estão descritos nas Constituições que regeram o país ao longo de toda história.

## IGREJA E ESTADO NO BRASIL IMPÉRIO

Durante o período colonial, até o fim do Império, igreja e estado estavam intimamente relacionados. À pequena experiência não católica, provinda especialmente das invasões holandesas, e o número muito pequeno de não católicos declarados residentes no Brasil, fazia com que estes fossem tratados como exceção.

Dentro do projeto do Brasil Colônia, a Igreja Católica era parte importante. As autoridades portuguesas viam a igreja como aliada na tarefa de conquistar novos territórios. E os esforços missionários da igreja, junto às novas gentes, incluíam ensinar aos novos convertidos a subordinação à coroa portuguesa. Evidência disto se encontra no fato dos religiosos que vinham às novas terras terem que passar por Lisboa e jurar fidelidade ao Rei de Portugal (PASSONI, 1981).

Quando começou um movimento de independência no Brasil, de forma especial entre a burguesia, a hierarquia eclesiástica era vista como

aliada da coroa portuguesa para manter o relacionamento entre a colônia e a coroa portuguesa. A Rainha de Portugal, Dona Maria I, em 1789, escreve para o Frei Domingos da Encarnação Pontovel, Bispo de Mariana recomendando:

Vós sabeis como Pastor, sucessor dos apóstolos, todas as instituições mais próximas e mais próprias do Catecismo que deveis ensinar-lhes e também sabeis que, dentre elas, deveis lembrar-lhes as obrigações que lhes são anexas, quais são, a fidelidade, amor e obediência que os vossos vassallos devem ao soberano; como a mesma religião manda e ensina, instruindo desse modo e persuadindo os povos, assim como quem os ensina deve estar convencido de que não é bom cristão quem não é bom vassallo e de que sem amor, fidelidade e obediência ao soberano, não pode haver amor, fidelidade e obediência a Deus. (PASSONI, 1981, p. 105)

No entanto, é preciso considerar que havia padres no Brasil com formação jansenista e francesa. Muitos destes sacerdotes apoiaram a causa da libertação da dominação lusitana e até propunham formas de organização social que iam além do ideal da burguesia brasileira. Por exemplo, o Frei Caneca, propunha a abolição da escravatura, o que, na época, mesmo os que apoiavam a independência ainda não pretendiam (PASSONI, 1981).

Não obstante a influência de Roma sobre o clero brasileiro e impediu o surgimento de uma igreja brasileira neste período. Na Colônia, o clero oficialmente servia à coroa portuguesa. No Brasil Império, o clero não conseguiu se livrar do domínio, ora do próprio Imperador de Roma.

Durante o Império, o catolicismo era a religião oficial. Nesse período, os principais atritos entre Igreja e Estado eram a supervisão da igreja pelo estado, a questão dos seus eclesiásticos, casamento civil (que não havia), o ensino religioso, o ingresso nas ordens, as faculdades de teologia, a realização de funerais e a administração de cemitérios (SCAMPINI, 1978).

Ao se aproximar o fim do Império, a situação da política no Brasil era revolucionária. No setor religioso, as elites eram influenciadas pelo positivismo e pelo ateísmo, com o apoio de lideranças políticas (SCAMPINI, 1978). Este espírito dominava o mundo no final do século XIX. O

liberalismo atingia seu apogeu, graças aos progressos na área dos conhecimentos e no domínio da natureza (MENDONÇA, 1990).

Este cenário favoreceu, quando da declaração da República no Brasil, a presença de ideias de uma sociedade leiga e secularizada, com separação de Igreja e Estado. Também é importante destacar a influência do pensamento positivista no Brasil.

## IGREJA E ESTADO NA REPÚBLICA ATÉ 1964

O advento da República no Brasil representou um novo momento no relacionamento entre Igreja e Estado. No final do século XIX, as aspirações das elites brasileiras, pode-se dizer, era a separação entre igreja e estado. A partir disto, muitas e novas definições surgiram.

O decreto da separação da Igreja do Estado dizia:

O Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação decreta:

Art. 1º - É proibida à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-os, e criar diferenças entre os habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento, por motivo de crenças ou opiniões filosóficas ou religiosas.

Art. 2º - A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos que interessem o exercício deste decreto.

Art. 3º - A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos atos individuais senão também as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo o seu credo e sua disciplina sem intervenção do poder político.

Art. 4º - Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas.

Art. 5º - A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica para adquirirem sobre os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão morta, mantendo cada uma o domínio de seus haveres atuais bem como dos seus edifícios de culto.

Art. 6º - O Governo Federal continua a prover a cônica sustentação dos atuais serventários do culto católico e subvencionará por um ano as cadeiras dos Seminários ficando livre a cada Estado o arbítrio de manter os futuros ministros deste ou de outro culto sem contravenção do disposto nos artigos antecedentes.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário. Sala das Sessões do Governo Provisório, 7 de janeiro de 1890. (SCAMPINI, 1978, p. 84)

Esta alteração do relacionamento da igreja católica com o estado brasileiro provocou atritos. Um dos pontos de divergência continuava sendo “as leis concernente à propriedade de mão morta” (Art. 5º). Dessa forma, igreja podia adquirir propriedades, mas não podia livremente vender. Entendia-se que, considerando as muitas propriedades da igreja ter sido doações e acertos com o Estado, antes de uma venda, o Estado deveria ser consultado.

Também houve outros pontos de atritos: a questão do casamento civil e do não reconhecimento do casamento religioso; o ensino religioso nas escolas públicas (não era mais oficial); a perda dos direitos políticos por parte daqueles que entravam nas ordens que exigiam o voto de obediência; a perda de imunidades do clero; a administração dos cemitérios que ficou por conta das prefeituras (CAVALCANTI, 1985).

Esta situação veio alterar-se apenas a partir dos anos 1920. Começavam no Brasil os movimentos sociais, especialmente os do leste europeu. A igreja católica opunha-se a estes movimentos, consideravam como um inimigo comum para a Igreja e Estado (PASSONI, 1981). Assim, Igreja e Estado passam a colaborar um com o outro, a Igreja instruindo o povo contra estes movimentos sociais, e o Estado cooperando com o catolicismo na sua luta para manter a hegemonia no Brasil, contra a mentalidade liberal e dificultando a implantação de igrejas protestantes. Após quatro décadas de separação entre Igreja e Estado, em 1934 o Brasil teve uma nova Constituição. Mas antes desta nova constituição a Igreja Católica, através de seus deputados, insistiram em algumas reivindicações, conforme descreve José Scampini:

Os deputados católicos insistiam nos vários debates, afirmando que não se tratava de pleitear o reconhecimento da Igreja Católica, como Igreja oficial

ou Igreja do Estado. Pediam eles a completa colaboração de todos os credos nos serviços públicos. Em particular pugnavam pela reivindicação desses princípios: a ministração do ensino religioso nos hospitais, nas penitenciárias e às classes armadas, em identidade, porém, de condições para todos e para todas as religiões, independentemente de seus credos. Todos, pois, concordavam em não ser possível ao Estado prescindir da colaboração religiosa. (SCAMPINI, 1978, p. 153)

A Constituição absorveu estas novas reivindicações feitas por parte dos católicos. Outras questões eram discutidas como a forma de serviço militar dos religiosos, pois o serviço dos sacerdotes era entendido como sendo um serviço social que fazia com que fossem dispensados da obrigatoriedade de serviço militar e servindo nas forças armadas como capelães.

Outra questão discutida era a representação diplomática junto à Santa Sé, sendo uma clara demonstração no bom tratamento que dava ao catolicismo. Este novo relacionamento entre Igreja e Estado se manteve até a revolução de 1964.

## SITUAÇÃO ENTRE 1964 E 1968

Os acontecimentos da revolução militar de 1964 e as transformações que o Brasil sofreu, ainda sentimos em nossos dias e ainda irá provocar muitas repercussões deste acontecimento. Nesse período, ocorreram mudanças no relacionamento entre Igreja e Estado, modificando a situação da Igreja Católica, segundo a análise de Scampini:

(...) podemos afirmar que o progresso filosófico da liberdade religiosa no Brasil abrange três momentos fundamentais que representam três saltos qualitativos. A) Verificou-se o primeiro na proclamação da Igreja do Estado: de uma situação de Religião Oficial de Estado de cunho legalista, o Brasil passou para uma separação absoluta de um rigor tão extremo que chegou a atingir as raias do laicismo ateu. B) Em 1934 deu-se o segundo salto qualitativo. Eliminadas as restrições, foram lançadas as bases de uma liberdade religiosa que se foi solidificando num processo de amadurecimento que vai até a Revolução de 1964. O país readquiriu a paz religiosa. C) O direito da liberdade religiosa recebeu uma nova feição em

consequência da evolução dos direitos fundamentais da pessoa humana. (1978, p. 261)

Estas mudanças repercutiram no Concílio Vaticano II e na publicação de encíclicas sociais pelo Papa, como *Populorum Progressio*, *Pacem in Terris* e *Mater et Magistra*. Estas novas orientações se deram especialmente na Conferência e *Puebla e Medellín*, onde ficou definida a opção preferencial pelos pobres. No protestantismo houve grande crescimento das igrejas pentecostais e estagnação das igrejas históricas. No entanto, segundo Cavalcanti (1985), após 1964 as igrejas passaram por momentos difíceis. A Igreja Católica com problemas interno se depara com indefinições sobre o caminho a seguir.

Na realidade, após 1964, por alguns anos, a Igreja Romana baixou o tom de sua voz, deu um passo à direita e se voltou para dentro. Ela própria vivia uma grave crise de identidade e missão. O Concílio Vaticano II resultou no fim do monolitismo da instituição. Agora, tentava-se todo tipo de experimento, convivendo as posturas mais reacionárias ao lado do mais inconsequente vanguardismo. Padres “deixavam a batina” ou se rebelavam contra os seus bispos. Cada diocese, ou cada paróquia, procurava aplicar a sua interpretação das decisões do Concílio. A Igreja começava a tomar ciência de sua fragilidade, da falta de vocações sacerdotais, da dependência do clero estrangeiro e da necessidade de pôr ordem à ameaça de caos. A VIII Assembleia Geral da CNBB, realizada em Aparecida, SP, em 1967, ocupou quase toda a sua agenda com temas pertinentes à própria instituição. As questões internas não permitiam muito espaço para os problemas externos. (1985, p. 189)

O Bispo D. Antônio Celso Queiroz observa que, mesmo com indefinições e discordância interna, aos poucos a Igreja Católica foi definido uma posição nova no seu relacionamento com o Estado.

“Apesar de certas indecisões e mesmo contradições, os anos 60 e 70 assistiram, em primeiro lugar, à entrada decidida da Igreja no campo social e, depois, uma tomada de posição cada vez mais nítida em favor dos pobres e marginalizados. Uma das consequências mais importantes deste fato foi o distanciamento do poder político. Essa é uma realidade, cremos nós, absolutamente nova na história da Igreja no Brasil. Há uma longa tradição, quer de colaboração, quer de dependência, que supõe, no mínimo, uma

concordância fundamental de certos objetivos entre a Igreja e o Estado. A situação hodierna reflete uma realidade nova com todas as tensões, hesitações e mesmo contradições da novidade. A perplexidade é encontrada seja a nível político, seja junto à classe média, seja dentro da própria Igreja”. (citado por PASSONI, 1981, p. 107)

Observa-se que, a partir de 1969, a Igreja Católica vai, gradualmente, se distanciando dos rumos que a revolução de 1964 ia tomando. No entanto, não tinha unidade nos posicionamentos, havia alguns que se assumiam posições socialistas, outros pensavam em continuar num regime capitalista moderado. Havia também, os que colaboravam com o sistema político, até o nível de denunciar irmãos na fé para as forças de repressão. Márcio Moreira Alves, um opositor, sofreu na própria pele a perseguição, descreve a situação dentro da Igreja Católica:

Conjuntamente, em questões bem definidas como o respeito aos direitos do homem, ela estabelece ou pode estabelecer uma aliança com os adversários do regime. Em questões mais gerais, como a das transformações futuras das estruturas políticas e sociais, a maioria dos que hoje são bispo, apoiará a ordem econômica existente, ou seja, o capitalismo. Uma minoria o rejeita e ficará ao lado dos militantes das organizações de oposição que já tem atualmente uma oposição socialista, por sua vez também, minoritários no seio do movimento antiditatorial. Essa aliança pode desenvolver-se e aprofundar-se. Os que a aceitam tendem a tornar-se mais numerosos no interior da Igreja, mas é difícil prever se chegarão um dia a conquistar a maioria da Hierarquia. No momento, a hipótese de constituição até mesmo de uma maioria claramente anti regime no Episcopado parece ser remota. (ALVES, 1978, p. 253)

Márcio não acreditava que a Igreja poderia se tornar uma liderança das transformações sociais e políticas do Brasil, mas apenas um colaborador neste processo. Nesse processo de mudanças houve o desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base, da Teologia da Libertação e o crescimento dos partidos de esquerda. Neste ambiente de Igreja e Estado era chegado o momento de elaborar a nova Constituição de 1988.



## A CONSTITUIÇÃO DE 1988

Na Constituição de 1988, precisou ser definido o papel da Igreja e a responsabilidade do Estado. A posição da Igreja Católica se alterou, desde a revolução de 1964. Ela não mais trabalha com o conceito de igreja como instituição, mas utilizava o conceito de igreja como povo de Deus.

Além disto, no cenário constituinte surgiram novas lideranças políticas, vindas de grupos evangélicos. Muitas dessas instituições vinham de grupos fundamentalistas e mais identificados com as forças tradicionais do país.

Estas lideranças procuram demonstrar a importância dos evangélicos num país considerado de maioria católica. As igrejas históricas, por sua vez, assumiam posições mais identificadas com as reivindicações sociais.

Neste cenário, uma das primeiras questões a ser discutido foi o da menção ou não do nome de Deus no Preâmbulo da Constituição. Em todas as Constituições anteriores esta discussão se fez presente.

Segundo Scampini, não mencionar nome de Deus poderia ser considerado “tendência de laicismo” e manifestação de despreço aos “sentimentos cristãos de nosso povo”. Por sua vez, a inclusão de nome de Deus revelaria “apenas o espírito pelo qual se orientaram os constituintes em consignar os princípios da liberdade religiosa” (1978, p. 185).

Assim, os constituintes de 1988, incluíram o nome de Deus no Preâmbulo, com a frase final: “... promulgamos, sob a proteção Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.” Os artigos que tratam do relacionamento Igreja e Estado, são os que seguem:

Capítulo I – dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos (Art. 5º)

Art. 5º, VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Art. 5º, VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de interação coletiva;

Art. 5º, VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para

eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Art. 5º, XVI - todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente;

Art. 5º, XVII - é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar;

Art. 5º, XVIII - a criação de associações e, na forma da lei, a de cooperativas independem de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento;

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:  
I - Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Art. 143 - § 2º - As mulheres e os eclesiásticos ficam isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz, sujeitos, porém, a outros encargos que a lei lhes atribuir.

Art. 150. Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

VI - Instituir impostos sobre:

b) templos de qualquer culto;

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Art. 213. Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas, definidas em lei, que:

I - Comprovem finalidade não-lucrativa e apliquem seus excedentes financeiros em educação;

II - Assegurem a destinação de seu patrimônio a outra escola comunitária, filantrópica ou confessional, ou ao Poder Público, no caso de encerramento de suas atividades.

§ 1º Os recursos de que trata este artigo poderão ser destinados a bolsas de estudo para o ensino fundamental e médio, na forma da lei, para os que demonstrarem insuficiência de recursos, quando houver falta de vagas e cursos regulares da rede pública na localidade da residência do educando, ficando o Poder Público obrigado a investir prioritariamente na expansão de sua rede na localidade.

Em relação às Constituições anteriores, a de 1988 trata de questões éticas como transfusão de sangue e transplante de órgãos, cuidados com crianças, adolescentes e velhos, ecologia, questões estas que anteriormente eram tratadas no âmbito da igreja. Mas agora, estas questões passam a ser reconhecidas como questões sociais importantes, ou seja, passam a ser preocupação social. No que se refere à Igreja e Estado, a maior novidade na Constituição Brasileira, está nos campos da ética das relações humanas e da ética das relações do ser humano com a natureza.

## IGREJA E ESTADO SEGUNDO A VISÃO DO CRISTIANISMO HISTÓRICO OCIDENTAL

Conforme estabelecida na última Constituição do país, como a relação Igreja e Estado é vista pelas igrejas? Nas últimas décadas o número de igrejas no Brasil tem se multiplicado muito. No entanto, muitos grupos têm pouca relação com as manifestações históricas do cristianismo ocidental. De qualquer forma, vamos tentar responder a questão abordando o ponto de vista histórico Católico Romano e reformado.

### CATÓLICA ROMANA

O ponto de vista Católico Romano sobre relacionamento entre Igreja e Estado tem mudado ao longo da história. Na Idade Média, o catolicismo romano afirmava a primazia do Papa sobre o governo civil, mas a situação se alterou ao longo da história.

Em muitos países, o catolicismo disputou espaço com outras denominações, e, em outros, foi praticamente eliminado. Além disto, foram

desenvolvidas teorias políticas por grupos religiosos e não religiosos que não admitiam a participação, e muito menos a superioridade da igreja em assuntos do Estado. Uma doutrina de superioridade de Igreja e Estado, baseada na existência de apenas uma igreja e um Estado é inadmissível hoje.

Para a Igreja Católica, o Estado pertence ao campo da lei natural e por natureza o ser humano tem a capacidade de conhecer o bem e o mal, o certo e o errado, e seus deveres para com os seus semelhantes. Este entendimento estaria em concordância com a vontade de Deus para o ser humano. Neste direito natural se fundamentava o Papa João XXIII, ao falar sobre o assunto nas encíclicas *Populorum Progressio*, *Pacem in Terris* e *Materer Magistra*. A autoridade é de origem divina, mas baseado no correto uso da reta razão (A MARCHA social da igreja, 1967).

Mesmo reconhecendo a não identidade dos campos, o catolicismo ainda mantém que, em última análise, a Igreja deve se pronunciar, contra ou a favor, das decisões do Estado. É o que o Papa diz na Encíclica *Mater et Magistra*:

“De modo que, a Santa Igreja, apesar de ter como principal missão, a de santificar as almas e de as fazer participar dos bens da ordem sobrenatural, não deixa de preocupar-se ao mesmo tempo com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só naquilo que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização em seus múltiplos aspectos, dentro do condicionalismo das várias épocas”. (LIMA, 1967, p. 138)

## A POSIÇÃO REFORMADA

A posição reformada sobre o relacionamento entre Igreja e Estado sempre foi bastante discutida. A manifestação luterana no tempo de Lutero está na Confissão de Augsburg, no seu Artigo XVI, que diz:

Da ordem política e do governo civil se ensina que toda autoridade no mundo e todos os governos e leis ordenados são ordenações boas, criadas e instituídas por Deus, e que cristãos podem, sem pecado, ocupar o cargo de autoridade, de príncipe e de juiz proferir sentença e julgar segundo as leis imperiais e outras leis em vigor, punir malfetores com a espada, fazer

guerras justas, combater, comprar e vender, fazer juramentos requeridos, possuir propriedade, casar etc. (LUTERO, 1983, p. 35)

Os desenvolvimentos políticos do século XX e o surgimento de governos totalitários anticlericais levaram os luteranos a revisar os posicionamentos anteriores e desenvolver a posição antiga. Calvino, no quarto livro de suas Institutas, no capítulo XX, trata da questão do governo civil. Contém uma instrução geral sobre a necessidade, dignidade e função do governo civil, em oposição aos procedimentos fanáticos dos anabatistas, e uma exposição dos três aspectos principais do governo, a saber, a função do magistrado, as funções das leis, e o relacionamento destas primeiras duas partes com o povo (CALVIN, 1957, p. 704).

Dentre as igrejas reformadas, no grupo arminiano, a preocupação pelo envolvimento social sempre foi assunto principal. Conforme o Credo social do metodismo, publicado em 1907 e reiterado na Disciplina de 1944, da Igreja Metodista dos Estados Unidos da América, “é dever da igreja resolver os problemas sociais, econômicos, industriais e morais do homem, abolir o trabalho infantil, a insegurança econômica, tensões raciais, o tráfico de bebidas alcoólicas, a guerra e conflitos industriais (SPITZ, 1969, p. 65).

Com o passar do tempo, houve experiências práticas do relacionamento entre Igreja e Estado dos reformados, desde Genebra, com Calvino, até a Inglaterra, com Cromwell, e alguns estados puritanos dos Estados Unidos da América.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se nas posições de Católica e Reformados aspectos de concordância e de divergência. Há concordância no que se refere à distinção das esferas, e no reconhecimento que, mesmo separados, há pontos de interseção entre Igreja e Estado que precisam ser levados a sério. Uma não deve interferir no que é próprio da responsabilidade do outro. Mas também a distância entre ambos que não pode ser absoluta ou intransponível.

Dessa forma, na atual Constituição Brasileira, não há problema no que se refere ao relacionamento entre Igreja e Estado se considerarmos

ambos apenas como instituições. A Igreja tem o seu espaço garantido e ao Estado cabe zelar para que este direito que Constituição estabelece, seja efetivamente garantido.

O fato da Constituição 1988 tomar posição em questões éticas, como controle de natalidade, ecologia, juro, relações familiares, questão de gênero e outras, faz com que as igrejas tenham que explicitar seus ensinamentos sobre estes temas e, talvez, posicionar-se de forma a concordar ou discordar com estes posicionamentos. Nestas questões, pode haver conflitos entre as posições das diferentes igrejas e as colocações da Constituição. Observem que a questão central entre Igreja e Estado não está mais no relacionamento entre as instituições, mas nas posições éticas que elas assumem.

De fato, a novidade está justamente nas posições éticas, especialmente de cunho social, que o estado assume. Diante da novidade do Estado colocar estas questões em sua lei maior, as igrejas precisam se posicionar. Qual será o posicionamento das igrejas? As igrejas irão influenciar nestas mudanças?

Estas questões ainda estão sendo discutidas e certamente sempre será objeto de análise.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Márcio Moreira. *A igreja e a política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ALVES, R. A. *Protestantismo e Repressão*. São Paulo: Ática, 1982.
- AZEVEDO, Thales de. *A religião civil brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BLACKHAMM, H. J. *A religião numa sociedade moderna*. Tradução de Rodolfo Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Brasília, DF: 1988.
- CALVIN, John. *Institutes of the Christian religion*. Translated by Henry Beveridge. V. II Grand Rapids, Eerdmans, 1957.
- CAMPOS, José Narino de. *Brasil: uma igreja diferente*. São Paulo: Quieroz, 1981.

- CAVALCANTI, Robinson. *Cristianismo e política*. São Paulo: Nascente, 1985.
- LIMA, Alceu Amoroso. *A marcha social da igreja*. Rio de Janeiro: Editora Encontro, 1967.
- LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1983.
- PASSONI, Irma. *Fé cristã e ideologia*. São Bernardo do Campo: Metodista, 1981.
- SCAMPINI, José. *A liberdade religiosa nas constituições brasileiras*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SPITZ, Lewis. *Nossa igreja e outras*. Tradução de Mário L. Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 1969.

## CAPÍTULO VIII

---



# TRANSDISCIPLINARIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NA ATIVIDADE DOCENTE NO ENSINO RELIGIOSO

## TRANSDISCIPLINARITY AND ITS IMPORTANCE IN TEACHING ACTIVITY IN RELIGIOUS TEACHING

Roney Ricardo Cozzer<sup>1</sup>

Júlio César Pinheiro do Nascimento<sup>2</sup>

Samuel Cândido Henrique<sup>3</sup>

Evandro Roque Rojahn<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), formado em Psicanálise e licenciado em Pedagogia e História. Docente, conteudista e coordenador pedagógico no Centro de Ensino Superior FABRA. Contato: roneyricardoteologia@gmail.com | Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3443166950417908>.

<sup>2</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade FUMEC; Pós-graduado em Teologia, Leitura e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Conflitos pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Liderança Corporativa pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Projetos Sociais pela FABAPAR; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior com Ênfase em EAD pela Faculdade IPEMIG; Pós Graduado em Direitos Humanos e Ressocialização pela Faculdade Dom Alberto; Pós Graduado em Prevenção à Violência Doméstica pela FAVENI; Pós Graduando em Direito Militar pela Faculdade Dom Alberto; Graduado em Tecnologia e Gestão da Segurança Privada pela Universidade FUMEC; Graduado em Tecnologia em Segurança Pública pela PMMG; Graduando em Educação Física. É Terceiro Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais. Contato: professorjullao@outlook.com | Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3273557003731752>.

<sup>3</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira-Inglês, Pós-graduado em Direito Público, Pós-graduado no Novo Testamento, Graduado em Teologia, Filosofia, Letras-Português e Direito, e doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É Advogado. Contato: samuelhenriquec@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre em Leitura e Ensino da Bíblia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento. Graduado em Arte, Letras, Filosofia e Teologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7810556561003076>.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral discorrer sobre a importância do conceito de transdisciplinaridade para o Ensino Religioso, considerando os seus reflexos práticos sobre a atividade docente, especificamente no Ensino Religioso. Noutras palavras, será levada em conta a importância do conceito, em seu aspecto epistemológico, mas também como a aplicação desse conceito pode refletir de modo prático e concreto na atividade docente no Ensino Religioso. Tem-se como pressuposto básico neste trabalho que a utilização do conceito de transdisciplinaridade, além de ser mesmo inevitável na Educação atual, pode produzir resultados muito satisfatórios para o processo de ensino-aprendizagem. E no caso do Ensino Religioso, a transdisciplinaridade pode se colocar como importante aliada uma vez que abre precedente para diálogo com outras disciplinas e com outras áreas de conhecimento, evitando dogmatismos e fechamento teórico.

**Palavras-chave:** Transdisciplinaridade. Ensino. Religioso. Diálogo.

## ABSTRACT

This work aims to discuss the importance of the concept of transdisciplinarity for Religious Education, considering its practical reflexes on teaching activity, specifically in Religious Education. In other words, it will take into account the importance of the concept, in its epistemological aspect, but also how the application of this concept can reflect in a practical and concrete way in the teaching activity in Religious Education. It is a basic assumption in this work that the use of the concept of transdisciplinarity, in addition to being even inevitable in current Education, can produce very satisfactory results for the teaching-learning process. And in the case of Religious Education, transdisciplinarity can be seen as an important ally since it sets a precedent for dialogue with other disciplines and with other areas of knowledge, avoiding dogmatism and theoretical closure.

**Keywords:** Transdisciplinarity. Teaching. Religious. Dialogue.

## INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso enfrenta um sério desafio no Brasil, a saber, a dificuldade de que ele seja ministrado sem dogmatismo religioso por parte do docente. Infelizmente, em muitas escolas, o Ensino Religioso prossegue sendo visto como sinônimo de proselitismo religioso e por isto mesmo, continua havendo enorme resistência a ele. Mas sua proposta epistemológica consiste basicamente de que sejam ensinados aspectos das diferentes religiões presentes no Brasil, sua importância e contribuição para o sujeito e para a sociedade, tendo como base o fato de que vivemos num país laico, que permite justamente a existência e convivência pacífica dessas diferentes religiões com suas crenças e práticas religiosas.

A aplicação do conceito de transdisciplinaridade à Educação, decorrente do seu adequado conhecimento, pode se colocar como um importante caminho para a prática docente no Ensino Religioso que respeite a diversidade religiosa presente em sala, bem como reconheça o valor da religiosidade presente na sociedade brasileira. Deste modo, tem-se como objetivos neste trabalho definir transdisciplinaridade, discorrer sobre a sua importância e como ela pode ser aplicada ao caso específico do Ensino Religioso. Este esforço será feito por meio da consulta a bibliografias especializadas no assunto.

A seguir, serão considerados alguns tópicos muito importantes para a discussão que se estabelece aqui: a epistemologia do Ensino Religioso e a questão da transdisciplinaridade. Para considerar a relação da transdisciplinaridade com a prática docente no Ensino Religioso, é importante primeiro entender do que trata o Ensino Religioso e em seguida, o que é a transdisciplinaridade.

## A EPISTEMOLOGIA DO ENSINO RELIGIOSO

Num primeiro momento, é necessário considerar a epistemologia do Ensino Religioso. A religiosidade é uma constante no Brasil. Está presente de diversas formas. Basta considerar nomes de cidades, feriados, empresas,

estabelecimentos, ruas, avenidas e locais que recebem nomes de pessoas religiosas. E, também, é curioso que, mesmo não sendo praticantes rigorosos, muitas pessoas mantêm algum tipo de frequência ou mesmo pertença (ainda que nominal) a alguma instituição religiosa.

Tal fato, sem dúvida, evidencia a importância que a religião possui para o brasileiro. Ela tanto é um assentimento intelectual como também vivencial para milhões de brasileiros que seguem rotinas religiosas conforme suas respectivas religiões (católicos, evangélicos, espíritas etc.).

A religião precisa ser considerada por diversos aspectos, o que acaba por evidenciar a necessidade de uma abordagem que seja transdisciplinar. Ela, para ser melhor compreendida, precisa ser considerada pelas lentes da Fenomenologia (ela é um fenômeno posto na sociedade e na existência humana), da Teologia (cada religião possui sua própria Teologia), da Antropologia, da Psicologia e de outras áreas das Ciências Humanas. Ademais, deve-se mencionar ainda que a vida do cotidiano é a vida do homem inteiro, o que significa dizer que o indivíduo participa do cotidiano com a totalidade do seu ser, com a totalidade da sua subjetividade (ARANHA, 2005, p. 45).

Considerar a epistemologia do Ensino Religioso implica levar em conta o seu caráter não proselitista, isto é, que ele aborda a religião e o fenômeno religioso de per si, e não procura preconizar uma religião em detrimento de outra ou mesmo enfatizar uma determinada expressão religiosa como sendo mais legítima que outra. O Ensino Religioso, noutras palavras, não deve assumir uma postura apologética.

É razoável que essa postura apologética seja esperada do púlpito cristão, dos textos da própria disciplina Apologética Cristã, da Teologia Sistemática e Dogmática protestantes, da missa, enfim, de manifestações religiosas em seus próprios *ethos*, o que é perfeitamente compreensível por operarem em seus próprios espaços de culto e de manifestação, utilizando-se assim de ambientes, recursos e meios próprios. O Ensino Religioso, por sua vez, é ministrado num contexto de laicidade, que recebe e acolhe estudantes de diferentes matrizes religiosas oriundos também de diferentes contextos sociais. É preciso que se reconheça e se valorize essa

multiplicidade e diversidade religiosa, vindo nela não necessariamente um problema, mas possibilidades para a construção e consolidação da tolerância, do diálogo, da redução de caricaturas e de espantalhos e ainda, para o desenvolvimento da convivência humana harmoniosa e pacífica.

## TRANSDISCIPLINARIDADE

Outro passo importante a ser dado neste trabalho é considerar o sentido de transdisciplinaridade. O que vem a ser transdisciplinaridade? A transdisciplinaridade é por vezes considerada dentro de um conjunto que inclui a Multidisciplinaridade, Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade. Cozzer (2020, p. 52-53) comenta que a palavra “transdisciplinaridade” “[...] representa, basicamente, o esforço no sentido de diminuir a fragmentação do conhecimento humano, um fato constatado por pesquisadores da área da Epistemologia”.

Jean Piaget (1896-1980), biólogo e psicólogo suíço, foi o primeiro a utilizar a palavra “transdisciplinaridade” num texto com teor “profético”. Piaget afirmou:

[...] enfim, no estágio das relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio superior que seria “transdisciplinar”, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas. (PIERRE, 1993, p. 30)

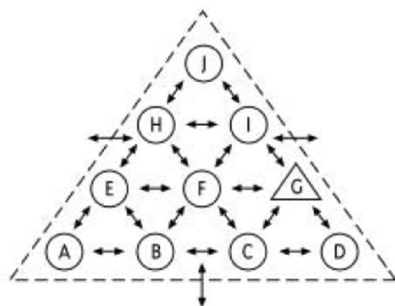
Com efeito, na contemporaneidade, presencia-se essa ligação entre saberes no interior total do conhecimento. Chega a ser mesmo inviável, em muitas temáticas de estudo e disciplinas, a produção da pesquisa fechada apenas no objeto específico que se estuda. Torna-se cada vez mais necessário transpor essas “fronteiras” disciplinares. E essa conexão entre as disciplinas e áreas de conhecimento acaba por tornar inviável um estudo que seja rigidamente disciplinar, não dialogal.

Deve-se mencionar que por “diálogo” não se tem em mente a corrupção ou indefinição do “*ethos* epistemológico” de cada disciplina, inclusive do Ensino Religioso, objeto de estudo neste artigo. É perfeitamente

possível que se busque aportes teóricos e práticos em disciplinas correlatas e/ou não tão correlatas, permitindo assim o melhoramento da pesquisa e da atividade profissional ligada a disciplina específica que se considera. No tópico seguinte, quando se reflete sobre transdisciplinaridade e Ensino Religioso, essa relação será demonstrada de modo mais prático.

O gráfico abaixo ajuda a ilustrar como funciona a transdisciplinaridade:

Figura 1: Transdisciplinaridade.



Fonte: Extraída de: FILHO, Naomar de Almeida. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*. vol. 2, n. 1-2, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81231997000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231997000100005)>. Acesso em 01 abr. 2021.

Enquanto a **Multidisciplinaridade** significa um conjunto de disciplinas que tratam de um assunto comum sem que os profissionais envolvidos ou mesmo seus campos teóricos estabeleçam alguma conexão entre si. Não ocorre uma cooperação sistemática entre esses campos teóricos.

A **Pluridisciplinaridade**, por sua vez, implica a tratativa de um tema comum e existe certa cooperação entre mútua entre as disciplinas, existindo também objetivos comuns. Apesar de haver essa cooperação, não há o objetivo de chegar a um conhecimento comum e aqui reside uma diferença substancial em relação à **Transdisciplinaridade**, já que esta, por sua vez, busca esse conhecimento comum.

A **Interdisciplinaridade** pressupõe um conhecimento ou epistemologia comum a diversas disciplinas que se conectam. Em cursos

superiores, as disciplinas interdisciplinares são aquelas que perpassam diversos cursos. Ela funciona como um elemento integrador, uma vez que há reciprocidade e elementos comuns entre essas disciplinas.

A **Transdisciplinaridade**, a seu tempo, implica uma “[...] integração das disciplinas de um campo particular sobre a base de uma axiomática geral compartilhada. Baseada em um sistema de vários níveis e com objetivos diversificados, sua coordenação é assegurada por referência a uma finalidade comum” (ALMEIDA FILHO, 1997). A transdisciplinaridade pode ser considerada ainda uma forma de reação ao fechamento disciplinar ou ao ensinamento disciplinar, que rejeita uma inter-relação entre saberes.

Na Educação contemporânea, ela tem sido levada em conta, ainda que nem sempre bem compreendida por educadores e gestores da Educação. No tópico a seguir, se buscará evidenciar de modo prático como o Ensino Religioso pode ser pensado em termos transdisciplinares na sua docência, tendo como elemento epistemológico comum o entendimento de que a religião é um fenômeno estabelecido e que se constitui um fator que muito pode contribuir para o meio social (coletividade) e para o próprio sujeito pensante (individualidade).

## TRANSDISCIPLINARIDADE E ENSINO RELIGIOSO

Como dito anteriormente, é perfeitamente possível dialogar com outras disciplinas e áreas do conhecimento sem que se desconfigure a disciplina em foco. No caso do professor de Ensino Religioso é absolutamente importante e satisfatório o conhecimento de outras disciplinas.

Objetivando considerar o Ensino Religioso e sua prática docente numa relação transdisciplinar, serão estabelecidas aqui algumas ligações possíveis com outras disciplinas e áreas de conhecimento selecionadas tendo-se como eixo conceitual comum a compreensão de que esse diálogo é necessário para a melhor compreensão do fenômeno religioso e dos resultados positivos de se buscar aportes em outros campos do saber. Dentre esses resultados positivos possíveis estão o fomento da tolerância religiosa, a

melhor compreensão de outras práticas religiosas reduzindo assim caricaturas e estigmas, e a confirmação da própria crença religiosa no interior de uma tradição religiosa específica, num processo de amadurecimento.

Seguindo, portanto, neste esforço, pode-se inicialmente considerar a necessidade de diálogo do Ensino Religioso com as Ciências da Religião. Aliás, em alguns Estados do Brasil já se exige, inclusive, licenciatura em Ciências da Religião para poder assim atuar no ensino do Ensino Religioso.

Pode-se definir “Ciências da Religião” como sendo uma área de estudos que busca compreender o fenômeno religioso em sua multiplicidade. Observe-se que se trata de um estudo fenomenológico, diferente da abordagem teológica que constitui uma abordagem a partir da fé em grande medida, o que é afirmado pelo brilhante teólogo católico Clodovis Boff ao discorrer, extensivamente, sobre a relação entre a fé e a razão, no capítulo quatro de sua obra, intitulado *A racionalidade própria da Teologia* (BOFF, 2015, p. 61ss)<sup>5</sup>.

As Ciências da Religião buscam entender as religiões com toda a complexidade que comportam sua linguagem, seus mitos, a relação entre o sagrado e o profano, a relação com a sociedade e dentre outros elementos. Esse conhecimento se torna fundamental ao professor de Ensino Religioso, pois lhe dará o suporte teórico necessário para produzir aulas que sejam descritivas – não valorativas – auxiliando assim os seus alunos a perceberem as especificidades, semelhantes e diferenças entre as várias religiões. E é a partir daí que se constrói um caminho para a dialogicidade, o respeito e a abertura ao outro sem, necessariamente, prescindir das próprias crenças religiosas.

Noutra mão está a Teologia, igualmente importante para os esforços no campo do Ensino Religioso. As religiões de modo geral possuem as suas teologias. Na verdade, a palavra “teologia” surge no cenário grego antigo,

---

<sup>5</sup> Na página 61 da referida obra, o autor chega a apresentar como uma das “regras de articulação” para o método teológico a ideia de que “a fé deve ter a primazia absoluta na teologia”.



em pensadores gregos que utilizaram esta palavra não com a conotação que conhecemos hoje no senso comum (“estudo sobre Deus”). O filósofo italiano Nicola Abbagnano (1901-1990) comenta:

Aristóteles denominou Teologia a sua “ciência primeira”, isto é, a metafísica; que ele considerava ao mesmo tempo como ciência do ser enquanto ser da substância e como ciência da substância eterna, imóvel e separada, isto é, Deus [...]. Este conceito da Teologia como metafísica resistiu por longos séculos. O estóico Cleantes incluía a Teologia entre as partes da filosofia [...]. (ABBAGNANO, 1982, p. 914)

Atualmente, o termo “Teologia” denota uma ciência propriamente dita. Ciência porque emprega método, tem o seu objeto de estudo, lança hipóteses e chega a resultados concretos, não só no campo teórico, mas também no campo teórico-prático. Conforme a tradição religiosa à que está vinculada, a Teologia apresentará as reflexões em torno dos dogmas, crenças e práticas religiosas dessa tradição.

A Teologia assume, portanto, um caráter confessional e apologético, mas não apenas isto. Ela também busca contribuições e oferece contribuições em e para outras áreas de conhecimento, como a Filosofia, por exemplo. Logo, teologar não implica necessariamente em fechamento dialogal, ou fechamento disciplinar, mas a própria Teologia, hoje, faz o seu percurso transdisciplinar. Ela consegue habilmente fazer suas afirmações, a partir do seu próprio *ethos* epistemológico, sem cair num relativismo vazio na mesma medida em que evita um fundamentalismo cego e arrogante.

Para o docente do Ensino Religioso é importante estabelecer nexos com a Teologia, a fim de conhecer sua teoria, sua metodologia e seu objeto de estudo. Naturalmente haverá variações conforme a Teologia que se está abordando em relação a outras teologias, mas há pontos em comum que podem ser explorados e que podem ser úteis no trabalho de pesquisa e de docência, por ser possível identificar um *modus operandi* metodológico similar.

Tomando-se como exemplo a Teologia Pentecostal, um ramo ou uma derivação da Teologia Protestante, podem ser levantadas as seguintes perguntas: Quais são as suas principais ênfases teológicas? Sobre o que se

assentam suas principais ênfases teológicas? Qual o seu objeto de estudo? Quais são algumas das contribuições possíveis dessa abordagem teológica para as comunidades de fé em que se reflete a partir da Teologia Pentecostal?

Observe-se que estas mesmas perguntas podem ser levantadas em relação, por exemplo, à Teologia Católica: Quais são as suas principais ênfases teológicas? Sobre o que se assentam suas principais ênfases teológicas? Qual o seu objeto de estudo? Quais são algumas das contribuições possíveis dessa abordagem teológica para as comunidades de fé em que se reflete a partir da Teologia Católica?

Naturalmente, haverá diferenças nas respostas, como, por exemplo, na resposta à pergunta “Sobre o que se assentam suas principais ênfases teológicas?” Um teólogo pentecostal responderá que dois fatores principais podem ser destacados, conquanto não sejam os únicos: a Bíblia e a experiência. Um teólogo católico, por sua vez, responderá que a Bíblia e o magistério da Igreja são dois desses elementos essenciais para o fazer teológico católico. Um ponto em comum são as Escrituras (a Bíblia), mesmo havendo diferença de ênfases.

É esse conhecimento (mesmo que seja prolegômeno) que será muito útil ao docente do Ensino Religioso no sentido de permitir a ele falar aos seus alunos a partir do seu próprio contexto de crenças e convicções religiosas que, por sua vez, são derivadas em grande medida, do que afirma e reafirma a sua Teologia. Deve-se lembrar que tradição religiosa e tradição teológica estão profundamente imbricadas. A correta compreensão de determinados hábitos religiosos, crenças, liturgia dentre outros elementos de uma religião passa, em grande medida, pela compreensão da sua própria Teologia.

Como se pôde ver, o percurso transdisciplinar se coloca como uma necessidade, não apenas como uma opção para a atividade docente no Ensino Religioso. E numa realidade tão plural como a nossa, de fato é mesmo inviável insistir num modelo de ensino, em qualquer disciplina, que não se abra a outras contribuições de cunho epistemológico e mesmo prático. Naturalmente, poderiam ser elencadas diversas outras disciplinas

como a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e outras com as quais o professor de Ensino Religioso pode dialogar. Mas as considerações feitas em torno das duas disciplinas escolhidas servem muito bem para evidenciar essa necessidade de se pensar e praticar o Ensino Religioso em termos transdisciplinares, bem como das contribuições possíveis, decorrentes desse percurso transdisciplinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento de que o Ensino Religioso precisa dialogar com outras áreas de conhecimento é fundamental tanto para o docente quanto para a instituição escolar que acolhe essa disciplina. O conhecimento, de modo geral, não se move de maneira rígida e isolada em áreas específicas, mas sempre em diálogo.

É um processo em curso, observável, inevitável. O Ensino Religioso, igualmente, precisa ser pensado em diálogo com outros campos do saber, tendo em vista que o próprio fenômeno religioso se mostra multifacetado, conectado à sociedade e dependente de uma realidade que é múltipla e que se coloca para o homem contemporâneo.

Faz-se necessária essa afirmação, de que o Ensino Religioso necessita dialogar com outras disciplinas e campos do saber, porque ainda persiste a ideia de que o Ensino Religioso é uma forma de proselitismo religioso e de valorizar uma religião em detrimento de outras. Mas a religião – e a religiosidade humana – vem recebendo atenção de pesquisadores de fora da Teologia ou mesmo das Ciências das Religiões. E não é de se estranhar esse interesse, tendo em vista que o Brasil, como já foi mencionado, é um país essencialmente religioso. Até o ateu convicto, por vezes, afirma “Meu Deus!”.

A identificação do *status* epistemológico do Ensino Religioso é outro resultado fundamental da presente investigação, pois esse conteúdo teórico que orienta a forma de relação com ele e a forma de ministrá-lo em sala de aula, contribui para que se respeite assim o ambiente de laicidade da

Educação. Praticar o Ensino Religioso de forma proselitista em sala de aula é infringir o próprio *status* teórico-epistemológico do Ensino Religioso.

Por fim, e não se poderia deixar de destacar, a explicação do conceito de transdisciplinaridade e a evidência da sua importância para a prática docente no Ensino Religioso é outro importante resultado da pesquisa deste trabalho. A transdisciplinaridade, embora não tão citada e talvez menos ainda utilizada, se coloca como um conceito teórico de grande importância na medida em que “abre” os horizontes de pesquisa para o professor e pesquisador do Ensino Religioso, permitindo que ele colha assim contribuições para o seu próprio trabalho num campo específico de trabalho e de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad.: Alfredo Bossi. 2ª ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

ARANHA, Maurício. Fenômeno religioso: uma perspectiva antropológica e psicológica. *Ciências e Cognição*, v. 06, pp. 44-50, 2005.

COSTA, Carlos Odilon. KRUGER, Clóvis Maciel. Epistemologia e Ensino Religioso: limites e possibilidades. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*. Ano VI, nº 27, [s.d.], pp. 107-27.

COZZER, Roney R. *Enciclopédia Teológica numa perspectiva transdisciplinar*. Vol. 1. São Paulo: Editora Reflexão, 2020.

FILHO, Naomar de Almeida. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*. vol. 2, n. 1-2, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81231997000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231997000100005)>. Acesso em 01 abr. 2021.

PIERRE, Weil. *Rumo à nova Transdisciplinaridade*: sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

## CAPÍTULO IX

---

# O REINO, A IGREJA E O ESTADO SEGUNDO OSCAR CULLMANN

THE KINGDOM, THE CHURCH AND THE STATE ACCORDING TO  
OSCAR CULLMANN

Evandro Roque Rojahn<sup>1</sup>

Samuel Cândido Henrique<sup>2</sup>

Roney Ricardo Cozzer<sup>3</sup>

Júlio César Pinheiro do Nascimento<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Mestre em Leitura e Ensino da Bíblia. Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento. Graduado em Arte, Letras, Filosofia e Teologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7810556561003076>.

<sup>2</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Pós-graduado em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira-Inglês, Pós-graduado em Direito Público, Pós-graduado no Novo Testamento, Graduado em Teologia, Filosofia, Letras-Português e Direito, e doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É Advogado. Contato: [samuelhenriquec@gmail.com](mailto:samuelhenriquec@gmail.com).

<sup>3</sup> Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), formado em Psicanálise e licenciado em Pedagogia e História. Docente, conteudista e coordenador pedagógico no Centro de Ensino Superior FABRA. Contato: [roneyricardoteologia@gmail.com](mailto:roneyricardoteologia@gmail.com) | Currículo Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3443166950417908>.

<sup>4</sup> Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade FUMEC; Pós-graduado em Teologia, Leitura e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Conflitos pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Liderança Corporativa pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Projetos Sociais pela FABAPAR; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior com Ênfase em EAD pela Faculdade IPEMIG; Pós Graduado em Direitos Humanos e Ressocialização pela Faculdade Dom Alberto; Pós Graduado em Prevenção à Violência Doméstica pela FAVENI; Pós Graduado em Direito Militar pela Faculdade Dom Alberto; Graduado em Tecnologia e Gestão da Segurança Privada pela Universidade FUMEC; Graduado em Tecnologia em Segurança Pública pela PMMG; Graduado em Educação Física. É Terceiro Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais. Contato: [professorjullao@outlook.com](mailto:professorjullao@outlook.com) | Lattes: Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3273557003731752>.

## RESUMO

A obra mais famosa de Cullmann “Cristo e o Tempo” retorna ao mercado brasileiro após décadas. Chega em momento oportuno, para ventilar o estudo de alguns temas importantes da Teologia Bíblica no campo acadêmico nacional. Em *Cristo e o Tempo*, Cullmann apresenta uma nova perspectiva sobre o Reino de Cristo. Seu esquema coloca a Igreja e o Estado, isto é, a totalidade dos poderes visíveis e invisíveis sob o Senhorio de Cristo. Mesmo sob o mesmo domínio, igreja e Estado desfrutam de uma relação distinta com Cristo, o Rei. Essa nova concepção se apresenta como um forte argumento na luta para superar de vez a velha falácia de que Igreja e Estado, religião e política não se misturam.

**Palavras-Chave** : Cristo. Reino. Igreja. Estado. Senhorio.

## ABSTRACT

Cullmann's most famous work "Christ and Time" returns to the Brazilian market after decades. It arrives at an opportune moment, to ventilate the study of some important themes of Biblical Theology in the national academic field. In *Christ and Time*, Cullmann presents a new perspective on the Kingdom of Christ. Its scheme places the church and the state, that is, the totality of the visible and invisible powers under the Lordship of Christ. Even under the same dominion, church and state enjoy a different relationship with Christ the King. This new conception presents itself as a strong argument in the struggle to overcome once and for all the old fallacy that Church and State, religion and politics do not mix.

**Keywords**: Christ. Kingdom. Church. State. Landlord.

## INTRODUÇÃO

Oscar Cullmann (1902-1999) apresenta uma perspectiva interessante sobre o Reino de Cristo. Ele não trata do Reino de Deus necessariamente, mas sua abordagem diz respeito apenas ao *regnum Christi*, isto é, ao reino de Cristo. Neste artigo será abordada a concepção dualista de Cullmann sobre esse Reino de Cristo. A obra mais famosa de Cullmann “Cristo e o Tempo” estava praticamente extinta no Brasil até o ano de 2020, quando foi

trazido novamente ao mercado literário pela Fonte Editorial. É essa edição que foi utilizada para embasar este artigo. Infelizmente essa edição não é das melhores. Apresenta erros de ortografia, diagramação e a capa é simplória. Independente das falhas de editoração, a obra de Cullmann é atual e seu conteúdo da mais alta relevância para os estudantes de Teologia.

O primeiro ponto a ser abordado é a dualidade do Reino. A perspectiva de Cullmann apontará para uma dualidade entre o Reino de Deus e o Reino de Cristo. O esquema que será apresentado na obra de Cullmann modifica a perspectiva comum sobre o Reino de Deus ao abranger, em nossa opinião, adequadamente também a soberania de Deus sobre o Estado. O que facilitará e reforçará a concepção do Estado sob o domínio de Cristo, visto que, conceber qualquer ambiente do universo como independente da soberania divina é violar sua onipotência.

No segundo tópico será apresentada a perspectiva da igreja em relação ao centro que é Cristo. A forma como Cristo reina sobre a igreja é distinta daquela por meio da qual ele reina sobre o Estado. Para trazer novamente o assunto a debate, a obra de Cullmann reposiciona a relação entre a Igreja e o Estado rejeitando a posição do luteranismo tardio, segundo a qual as coisas de Deus não podem se misturar com as coisas de César.

E para finalizar, no terceiro tópico apresentaremos o Estado sob o domínio de Cristo. Enquanto Cristo governa a igreja por meio do amor e da misericórdia, o não-crentes são governados por meio da lei. O mecanismo da lei não leva em consideração o aspecto sentimental, antes, visa punir os maus e recompensar os bons. O Estado mesmo em sua ignorância acerca de Deus, não está isento de sua submissão a Cristo. A distinção básica entre a Igreja e o Estado se dará necessariamente sobre o reconhecimento de Cristo como Rei. Na esteira do reconhecimento de Cristo como Rei está também inserida a função da Igreja diante do Estado. Sobre a igreja recai a responsabilidade de proclamar que Cristo Reina sobre o universo.



## O SENHORIO DE CRISTO

Na perspectiva de Oscar Cullmann, o Senhorio de Cristo diz respeito ao espaço/tempo que está sob o domínio de Cristo. Por isso o Reino de Cristo em Cullmann vai assumir uma perspectiva distinta. O Reino de Deus é uma realidade inaugurada, presente e futura, oposta ao poderio secular, contudo, Igreja e Estado assumem posições distintas. O Reino de Cristo não é apenas a igreja, mas a Igreja e o Estado, contudo, mas o meio pelo qual Cristo reina em ambos é distinto.

### *Oscar Cullmann*

Oscar Cullmann (1902-1999) foi um erudito neotestamentário, especialista em Teologia Bíblica. Nasceu em Estrasburgo, França, concluiu seu doutorado em 1930. Durante a maior parte de sua carreira, foi professor do Novo Testamento, História e Teologia na Universidade de Basiléia, na Suíça e na Sorbonne de Paris.<sup>5</sup>Cullmann foi um dos pioneiros do movimento ecumênico do século XX. Entre 1938 e 1972 (quando lecionou em Basle) formou um centro de teologia ecumênica e promoveu encontros com teólogos católicos romanos e ortodoxos.<sup>6</sup> Oscar Cullmann morreu em Chamonix, França, em 1999 aos 96 anos.

As obras de Cullmann dialogam com Albert Schweitzer, C. H. Dood, Rudolf Bultmann e com o pensamento católico.<sup>7</sup> Foi na época em que lecionou na Universidade de Basiléia que Cullmann iniciou o longo período de polêmicas teológicas com Rudolf Bultmann. A relação entre as obras de Cullmann e Bultmann ganhou importância no século XX, sendo que, a leitura de Cullmann ajuda a entender Bultmann e vice-versa, não porque

---

<sup>5</sup> GONZÁLEZ, Justo L. Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé; tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. – São Paulo: Hagnos, 2008, p. 205.

<sup>6</sup> CULLMANN, Das origens do Evangelho à formação da Teologia Cristã; tradução de Daniel Costa. – São Paulo – SP: Fonte Editorial, 2020.

<sup>7</sup> CULLMANN, Cristologia do Novo Testamento; tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. – São Paulo – SP: Editora Liber, 2001, p. 11.

eles pensem de maneira semelhante, mas porque trataram das mesmas questões, em um mesmo contexto histórico e sociocultural e porque ambos estavam preocupados em dar respostas às mesmas ansiedades do cristão contemporâneo, ainda que suas respectivas soluções sejam fundamentalmente divergentes.<sup>8</sup>

As obras de Cullmann traduzidas para o português são: A Formação do Novo Testamento (1994),<sup>9</sup> Cristologia do Novo Testamento (2008),<sup>10</sup> Das Origens do Evangelho à Formação da Teologia Cristã (2020),<sup>11</sup> Batismo – Em Diferentes Visões (2013)<sup>12</sup> e Cristo e o Tempo (2020).<sup>13</sup> As obras que tratam do assunto deste artigo são Cristo e o Tempo e Cristologia do Novo Testamento. Pode-se dizer que são as obras mais abrangentes e que expõe a maturidade da teologia de Cullmann. No Capítulo II de Cristo e o Tempo, Cullmann trata da Soberania Universal de Cristo e a História da Salvação. Nesse capítulo ele apresenta a soberania de Cristo sobre o Estado e a Igreja. Na Terceira Parte de Cristologia do Novo Testamento, Cullmann retoma o assunto da soberania de Cristo sobre a Igreja e o Estado, desta vez, trata o

---

<sup>8</sup> CULLMANN, Oscar. Cristo e o Tempo; tradução de Daniel Costa. – 2ª Ed. – São Paulo - SP: Fonte Editorial, 2020, p. 12.

<sup>9</sup> Publicado pela Editora Sinodal. Disponível em:

<<https://www.editorasinodal.com.br/produto/a-formacao-do-novo-testamento/67890>>.

<sup>10</sup> Publicado pela Editora Hagnos. Disponível em <<https://www.amazon.com.br/Cristologia-Novo-Testamento-Oscar-Cullman/dp/8577420175>>.

<sup>11</sup> Publicado pela Fonte Editorial. Disponível em:

<[https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/das-origens-do-evangelho-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA\\_Kz-BRAJEiwAhjNY7wRuCjQScdCS5VMXXLcvHimrOaXUR8wnmwOBQhuXR1kxZeMFadr2rxoCMcQQA\\_vD\\_BwE](https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/das-origens-do-evangelho-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA_Kz-BRAJEiwAhjNY7wRuCjQScdCS5VMXXLcvHimrOaXUR8wnmwOBQhuXR1kxZeMFadr2rxoCMcQQA_vD_BwE)>.

<sup>12</sup> O batismo nas visões de Cullmann e Barth foi publicado pela Fonte Editorial. Disponível em:

<[https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/batismo-em-diferentes-visoes-karl-barth-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA\\_Kz-BRAJEiwAhjNY79IhWxqqyHaSbaG5GbULkGh4D8O4ePH3EqVhSPXwl\\_vjrnH7\\_RWIGRoCGrkQA\\_vD\\_BwE](https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/batismo-em-diferentes-visoes-karl-barth-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA_Kz-BRAJEiwAhjNY79IhWxqqyHaSbaG5GbULkGh4D8O4ePH3EqVhSPXwl_vjrnH7_RWIGRoCGrkQA_vD_BwE)>.

<sup>13</sup> Publicado pela Fonte Editorial. Disponível em:

<[https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/cristo-e-o-tempo-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA\\_Kz-BRAJEiwAhjNY75qOk5zQYhZnTZUj68xVtAQbHNSaaQ5ctKf7iU31\\_HRIjkGUEHpC3xoC6SsQAvD\\_BwE](https://www.livrariasfamiliaricrista.com.br/cristo-e-o-tempo-oscar-cullmann.html?gclid=CjwKCAiA_Kz-BRAJEiwAhjNY75qOk5zQYhZnTZUj68xVtAQbHNSaaQ5ctKf7iU31_HRIjkGUEHpC3xoC6SsQAvD_BwE)>.

assunto no Capítulo I ao discorrer sobre o *Kyrios*, título cristológico de Jesus. As duas obras, portanto, servem de fonte primária para abordar O Reino, o Estado e a Igreja na perspectiva de Cullmann.

### ***A Regência do Reino***

O Reino é sempre o Reino de Deus. Isso é abundantemente declarado no Novo Testamento.<sup>14</sup>

No entanto, de acordo com João e Paulo, o Reino também é de Cristo.<sup>15</sup> Não há dois Reinos, mas o mesmo Reino de Deus é que está sob a Soberania de Cristo. Tal poder foi dado a Cristo pelo Pai durante sua primeira vinda<sup>16</sup> e será devolvido ao Pai no final desta era, quando todos os inimigos de Deus forem, com efeito, vencidos.<sup>17</sup> Até lá, Cristo é o Regente do Reino de Deus.<sup>18</sup>

É preciso ter em mente que Cullmann faz distinção temporal entre o Reino de Deus e o Reino de Cristo. O Reino de Deus remete àquela glória do paraíso que será estendida sobre toda a terra no final desta era. O Reino de Cristo é o Senhorio atual de Cristo sobre o Estado e a Igreja. Não se trata de dois domínios, isto é, um dualismo, mas de apenas um domínio sobre duas entidades distintas, isto é, uma dualidade.

---

<sup>14</sup> Mc 1.15, 4.26, 10.45, Mt 6.33, Lc 13.18-21, 29, Jo 3.3-6, Rm 14.17, I Co 6.9-11, Gl 5.19-21 etc.

<sup>15</sup> Em João 18.36 Jesus declara três vezes “meu Reino”. Em Efésio 5.5, Paulo menciona o “Reino de Cristo e de Deus”.

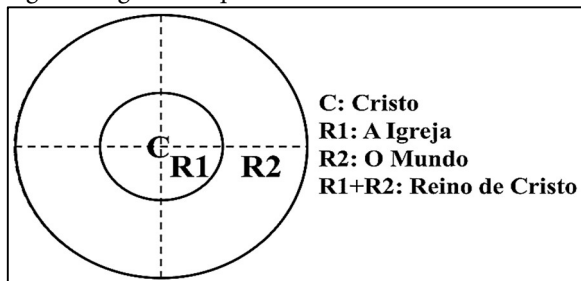
<sup>16</sup> Jesus, depois da ressurreição, afirma: “é me dado todo o poder no céu e na terra”. Cristo é o Rei do universo.

<sup>17</sup> Paulo declara isso em I Co 15.24: Então virá o fim, quando Ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, potestade e poder.

<sup>18</sup> ROJAHN, Evandro Roque. O Reino de Deus e a Missão da Igreja. – Curitiba: A.D. Santos Editora, 2018, p. 259.

## *O Esquema do Senhorio de Cristo*

Para elucidar a posição de Cristo, da Igreja e do Estado, Oscar Cullmann sugere o seguinte esquema:<sup>19</sup>



Como foi afirmado anteriormente, no primeiro advento, Cristo recebeu o Reino sob sua regência, portanto, Cristo é o Rei do Universo. Significa que Cristo domina sobre toda a criação, e nada, absolutamente nada escapa do seu poder. Imaginar que algum aspecto da realidade não esteja sob o poder de Deus é diminuir sua soberania. Não há um milímetro do universo que não esteja sob o poder de Cristo.<sup>20</sup>

De acordo com Cullmann em Colossense 1.18,<sup>21</sup> o apóstolo, depois de ter mencionado que “tudo foi criado por Ele e para Ele (v.16)”, as “coisas visíveis e invisíveis”, “tronos, soberanias, principados e potestades”, afirma que Cristo é o “cabeça do corpo, (i.e.) da igreja”. Logo após (v.20),<sup>22</sup> ele acrescenta que, pelo sangue da Cruz de Cristo “reconciliasse consigo todas as coisas” na terra e no céu. Da mesma maneira, lemos em Cl 2.10, que “Cristo é o cabeça de todo principado e potestade”. A mesma ideia pode ser observada em Efésios 1.10,22. Assim, fica evidente que em Cristo estão congregadas todas as coisas e que Ele é o cabeça do mundo e da igreja.<sup>23</sup>

---

<sup>19</sup> CULLMANN, 2020, p. 234.

<sup>20</sup> Chega-se a essa conclusão a partir de uma inferência das seguintes passagens: Mt 28.18 e Fp 2.9-10.

<sup>21</sup> Na obra aparece a citação de Cl 1.17. Possivelmente um erro de edição.

<sup>22</sup> Na obra aparece o verso 19. Idem.

<sup>23</sup> CULLMANN, 2020, p. 232.

No entanto, é preciso atentar para algo explícito nas passagens mencionadas acima: Cristo é designado como o *Cabeça* da Igreja e do *Universo*, contudo, somente a igreja é designada como *corpo* de Cristo sobre a terra.<sup>24</sup> Essa perspectiva nos permite ter uma noção mais ampla da relação entre Cristo, a Igreja e o Mundo.

A igreja enquanto corpo de Cristo prossegue a obra do Senhor sobre a terra. É a partir da igreja que Cristo reina sobre as coisas visíveis e invisíveis. De acordo com a passagem de Ef 3.10 é “pela igreja que a multiforme sabedoria de Deus” pode ser “conhecida dos principados e potestades nos céus”. A igreja, portanto, está no coração da soberania de Cristo e, na medida em que Ele se forma (Gl 4.19) nela, ela também reina com Ele (2 Tm 2.12).

Por isso, a igreja e o mundo não podem ser representados separadamente,<sup>25</sup> isto é, justapostos.<sup>26</sup> Daí a necessidade de representar o Reino de Cristo por meio de dois círculos concêntricos cujo centro é formado por Cristo.<sup>27</sup> A superfície total (R1+R2) é o *regnum Christi*, o Reino de Cristo; a superfície do círculo interior é a igreja (R1); a superfície compreendida entre o círculo maior e o menor é o mundo (R2).

No Reino de Cristo, já presente, os dois domínios, o da igreja e o do mundo, estão submetidos a Cristo,<sup>28</sup> mas eles ainda permanecem distintos,

---

<sup>24</sup> CULLMANN, 2020, p. 233.

<sup>25</sup> Paul Tillich segue o mesmo pensamento ao afirmar que: “O universo é o santuário de Deus”, “a religião é a substância da cultura; a cultura é a forma da religião” e “uma tal conexão definitivamente impede o estabelecimento de um dualismo entre religião e cultura”. Cf. TILLICH, Paul. *Textos Seleccionados*. – São Paulo: Fonte Editorial, 2020, pp. 54,55.

<sup>26</sup> Lado a lado, emparelhados como se fossem realidades passíveis de separação absoluta.

<sup>27</sup> A. -D. Sertillanges afirma a duplicidade do mundo, no qual, reinam a Filosofia como ciência secular e a Teologia como ciência divina. A Teologia, portanto, pertence a outro mundo. SERTILANGES, Antonin-Dalmace. *A Vida Intelectual – Seu espírito, suas condições, seus métodos*; tradução de Roberto Mallet; prefácio de Olavo de Carvalho. – Campinas, SP: Kíron, 2019, p. 104. Também Alphonse Gratre afirma que a teologia é a ciência de Deus e a filosofia é a ciência do homem. GRATRY, Alphonse; *Conselhos para a direção do espírito: as fontes*; tradução de Roberto Mallet. – Campinas, SP: Kíron, 2019, p. 49

<sup>28</sup> TILLICH, 2020, p. 61. “A igreja e a cultura são íntimas, não uma ao lado da outra. O Reino de Deus inclui a ambas, enquanto, por outro lado, transcende a ambas”.

pois é somente no Reino de Deus que eles coincidirão,<sup>29</sup> quando Cristo terá conduzido a seu termo seu papel de Mediador.<sup>30</sup>

## A IGREJA SOB O SENHORIO DE CRISTO

A igreja, apesar de estar no mesmo plano que o Estado, com relação a Cristo, ela está mais próxima ao centro. Isso significa que a igreja, por ser composta de santos e justos, desfruta de uma relação diferenciada, pois, apenas ela é designada como corpo de Cristo. Na igreja, Cristo reina por meio do amor e da misericórdia, enquanto no Estado a forma de governo é totalmente outra. A velha falácia de que igreja e Estado não se misturam, deve ser revisitada aqui também.

### *A Igreja*

A igreja, na perspectiva de Cullmann é representada pelo círculo interior que se encontra mais perto de Cristo que o círculo exterior; e, todavia, Cristo forma o centro comum.<sup>31</sup> A igreja é o corpo de Cristo, isto é, a expressão visível do seu reino. Como dito anteriormente, Cristo é o cabeça do Estado e da Igreja, mas somente esta é corpo de Cristo e não aquele. Isso significa que Cristo reina na igreja de forma distinta daquela em que reina no Estado. O Estado imagina – e anseia – um tipo de emancipação, isto é, parafraseando o salmo 2 “um sacudir de ataduras e um romper de cordas” com relação a Deus e ao seu Ungido. Significa que o Estado se recusa a reconhecer Jesus como seu Rei, como seu *Kyrios* e, ao mesmo tempo almeja ser independente de Deus e absoluto.

Em contrapartida, a Igreja, como entidade mais íntima de Cristo, reconhece este como seu Rei abertamente. Após a ressurreição e ascensão de Cristo, Pedro, ao discursar no dia de Pentecostes afirma, sobre Jesus, que

---

<sup>29</sup> CULLMANN, 2020, p. 246.

<sup>30</sup> I Co 15.28.

<sup>31</sup> CULLMANN, 2020, p. 234.

“Deus o fez Senhor e Cristo”, isto é, Deus os fez *Kyrios* e Cristo.<sup>32</sup> A forma sutil, quase imperceptível com a qual Lucas encerra o livro de Atos, sugere que Jesus era anunciado entre os gentios como *Kyrios*,<sup>33</sup> isto é, como Senhor.<sup>34</sup> O Estado com suas forças visíveis e invisíveis<sup>35</sup> rejeitou Jesus abertamente ao passo que proclamou que seu único rei era César.<sup>36</sup> Aí reside exatamente a distinção na relação entre Cristo e a Igreja e entre Cristo e o Estado. A igreja é formada apenas por pessoas regeneradas que reconhecem o Senhorio de Cristo e sua pertença a seu Reino. Por isso a igreja é formada por Cristo e reina com ele. Dessa forma, a igreja tem prioridade diante de Deus, por sua relação de intimidade com Cristo.

### ***Cristo Reina na Igreja***

Certamente, o domínio interior é, ele também, formado de homens pecadores; mas esses homens creem na redenção por Cristo e, nessa fé, eles sabem que Ele reina sobre eles como sobre o mundo inteiro. Cullmann, em seu esquema, coloca Cristo exatamente no centro da igreja, o que significa que, esta é a entidade mais próxima de Cristo e que é por meio dela que Cristo se manifesta ao mundo.

George Eldon Ladd apontou, em sua Teologia do Novo Testamento, o erro grotesco na identificação do Reino com a Igreja.<sup>37</sup> Como Cullmann não trata diretamente da forma como Deus reina sobre a igreja, vale citar aqui também o ponto de vista de Ladd, que estudou as obras de Cullmann.<sup>38</sup> Segundo Ladd (2003), a igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino.<sup>39</sup> O Novo Testamento não iguala os crentes ao Reino.<sup>40</sup> A

---

<sup>32</sup> Atos 2.36.

<sup>33</sup> CULLMANN, 2001, p. 268.

<sup>34</sup> Atos 28.31.

<sup>35</sup> Segundo Cullmann, representados visivelmente nas pessoas de Pilatos e Herodes.

<sup>36</sup> João 19.15.

<sup>37</sup> LADD, George Eldon. Teologia do Novo Testamento; tradução de Degmar Ribas Júnior. – São Paulo: Hagnos, 2003, p. 149.

<sup>38</sup> LADD, 2003, p. 95.

<sup>39</sup> LADD, 2003, p. 149.

igreja é a entidade que faz a vontade de Deus. A igreja é composta de pessoas regeneradas, isto é, nasceram de novo<sup>41</sup> para fazer parte de uma nova realidade na qual é possível ter um relacionamento paternal com Deus. Somente na igreja as pessoas estão livres da condenação que virá sobre mundo. Por isso os crentes são chamados de salvos.

O Reino que estava próximo, de acordo com a pregação de Jesus, pode ser visto na realidade da igreja. A igreja é a entidade na qual Cristo Reina empregando sua realiza diretamente, pois a igreja, nesse momento, é a única entidade que reconhece a Cristo como Rei. Cristo reina com amor e misericórdia somente na igreja. Mesmo que os crentes ainda sejam pecadores, vacilantes, não pertencem mais à realidade do mundo, isto é, não seguem mais o fluxo dos costumes mundanos, mas aguardam a consumação desta era e o segundo advento. O Reino de Deus não funciona no vazio, é confiado a homens e funciona por meio de homens redimidos que, por intermédio de Cristo, já se entregaram ao governo de Deus. Esse grupo de pessoas redimidas que se entregaram a Cristo e o reconheceram como Rei, passaram a ser a igreja e, dessa forma, a igreja é um reino porque compartilha o governo de Cristo.<sup>42</sup>

### ***A Relação Entre a Igreja e o Estado***

A igreja sabe de sua pertença a Cristo, diferentemente do Estado. No Estado reina a ignorância acerca de Deus.<sup>43</sup> Tal ignorância é bem ilustrada por Paulo na passagem de I Coríntios 2.8, logo após mencionar (v.7) a sabedoria de Deus, oculta em mistério: “a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória”. A ignorância do Estado acerca de Deus é causada por um

---

<sup>40</sup> LADD, 2003, p. 150.

<sup>41</sup> CARSON, D. A. O Comentário de João; tradução de Daniel de Oliveira e Vivian do Amaral Nunes. – São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 197.

<sup>42</sup> LADD, George Eldon. O Evangelho do reino: estudo bíblico sobre o reino de Deus; tradução de Hope Gordon Silva. – São Paulo: Shedd Publicações, 2008, p. 125.

<sup>43</sup> TILLICH, 2020, p. 67.



desinteresse consciente. O mundo não busca a Deus, por isso Deus decidiu buscar os que serão salvos no mundo. Os pecadores não são capazes de encontrar a Deus pelo mesmo motivo que os criminosos não são capazes de encontrar um policial: não o estão procurando!<sup>44</sup>

A relação entre a igreja e o Estado<sup>45</sup> é absolutamente oposta àquela do luteranismo tardio que defende a separação absoluta entre o Estado e a Igreja. Sabe-se que o intuito de Lutero era distinguir as coisas de “Deus” das coisas de “César”,<sup>46</sup> contudo, seu ponto de vista foi evidentemente ampliado e, de certa forma, deturpado ao longo do tempo. É evidente que, na perspectiva de Cullmann, a ideia de que o Estado e a Igreja não devem, de certa forma, se misturar, é excluída. Isso não significa que, em Cullmann, Igreja e Estado são uma e a mesma coisa, nem que são excludentes, mas antes, que a relação entre ambos se dá pela proximidade com Cristo que está no centro.<sup>47</sup>

A igreja é o corpo de Cristo, o que indica que é por meio da Igreja que Cristo se manifesta visivelmente ao mundo, ao Estado. O Estado, por estar mais distante de Cristo, mas ainda dentro de seu domínio, é a expressão da hostilidade humana a Deus, isto é, o Estado é a personificação e a expressão visível da corrupção humana em todos os seus estágios. À medida que o Estado cumpre sua função de executar a lei punindo os maus e recompensando os bons ela faz a vontade de Deus. Quando, porém, o

---

<sup>44</sup> Billy Sunday em WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: Volume I, Pentateuco; traduzido por Suzana E. Klassen. – Santo André – SP: Geográfica Editora, 2006, p. 37.

<sup>45</sup> Várias obras oferecem diversos pontos de vista sobre a relação entre a Igreja e o Estado. Por exemplo: LUTERO, Martinho. Sobre a autoridade secular. CALVINO, João. Sobre o governo civil; tradução de Hélio de Marco Leite de Barros e Carlos Eduardo Silveira Matos. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005; MALMESBURY, Thomas Hobbes de. Leviatã; tradução de Daniel Moreira Miranda. – São Paulo: EDIPRO, 2015; AQUINO, Santo Tomás de. Do reino e outros escritos; tradução de Carlos Nougué. – São Luis – MA: Resistência Cultural Editora; Santo André – SP: Armada, 2017.

<sup>46</sup> CULLMANN, 2020, p. 249.

<sup>47</sup> CULLMANN, 2020, P. 249.

Estado resolve inverter os valores<sup>48</sup> em uma tentativa de “se emancipar”,<sup>49</sup> isto é, declarar-se independente de Cristo<sup>50</sup>, Deus destrói aquele império ou aquele governante. O caso de Nabucodonosor, dentre outros,<sup>51</sup> é um exemplo da atitude de Deus diante daqueles que são abatidos, pois “a soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda”.<sup>52</sup>

O Estado só é preservado por Deus à medida que serve no espaço/tempo como entidade que abriga aqueles a quem Deus pretende salvar. Significa que Deus governará e “suportará” o Estado somente até o final desta era, após, os eventos finais desta era, o Estado será extinto e o Reino de Deus será composto exclusivamente de salvos e a antiga glória do paraíso será estendida a toda a terra,<sup>53</sup> naquilo que João, no Apocalipse, descreve como “Novo Céu e Nova Terra”.<sup>54</sup> Entre as duas entidades, o Estado e a Igreja, somente esta faz a vontade de Cristo na terra. Quando o Estado, em sua corrupção, persegue a igreja, seja por meio de leis injustas que cerceiam a liberdade da igreja, seja por meio de perseguição física, a igreja está desobrigada de sua relação amistosa com o Estado. Em casos assim, desobedecer ao Estado passa a ser a ordem do dia. Na relação com Cristo a Igreja tem prioridade. Significa que a Igreja pode interferir positivamente no Estado, mas o Estado não pode se meter nos negócios da Igreja.

---

<sup>48</sup> Cf. Isaías 5.20. “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem das trevas luz, e da luz trevas; e fazem do amargo doce, e do doce amargo”!

<sup>49</sup> TILLICH, 2020, p. 54. “O elemento secular tende a tornar-se independente e a estabelecer uma esfera sua própria. E, em reação a isto, o elemento religioso tende a estabelecer-se também como uma esfera especial”.

<sup>50</sup> Como no Salmo 2, por exemplo.

<sup>51</sup> Herodes que morreu comido de bichos porque não quis dar glória a Deus, antes, quis a glória para si mesmo.

<sup>52</sup> Provérbios 16.18.

<sup>53</sup> CULLMANN, 2020, p. 246.

<sup>54</sup> Apocalipse 21.

## O ESTADO SOB O SENHORIO DE CRISTO

Mesmo sem ter ciência disso, o Estado é parte do Reino de Cristo e, portanto, está sob seu domínio. Cullmann defende a tese de “poderes invisíveis” como agentes por detrás da história do mundo, não como agentes do Reino de Cristo necessariamente.<sup>55</sup> Segundo Cullmann, a crença do judaísmo tardio segundo a qual todas as nações são governadas por anjos é largamente atestada, particularmente no livro de Daniel. Essa perspectiva também é atestada implicitamente na passagem de Filipenses 2.10 quando diz que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão “nos céus, na terra e debaixo da terra”. Certamente isso não se refere somente aos gentios, mas a todos os seres visíveis e invisíveis que se encontram em todas as dimensões espaço temporais. Essa crença nos faz compreender de que maneira o poder terrestre e palpável do Estado está submetido aos poderes angélicos deste gênero<sup>56</sup>, isto é, eles estavam por detrás das autoridades que crucificaram a Cristo.<sup>57</sup>

### *O Estado*

Considerando que, segundo o esquema de Cullmann, o mundo é representado pelo círculo exterior e, portanto, mais afastado de Cristo, contudo, semelhantemente sob seu domínio, essa segunda entidade pode ser chamada de Estado. O Estado, em sua ignorância, acredita ser uma entidade distinta e até superior à igreja, contudo, está igualmente sob a soberania de Cristo e sob a soberania da igreja. De acordo com a passagem de II Timóteo 2.12 “se sofremos, também com Ele reinaremos”. Significa que, embora ambos estejam sob o domínio de Cristo, a igreja, enquanto corpo dEle, reina com Ele, isto é, expressa sua realeza.

---

<sup>55</sup> CULLMANN, 2020, p. 238.

<sup>56</sup> CULLMANN, 2020, p. 239.

<sup>57</sup> A passagem de I Co 6.3 também sugere que os poderes angélicos estão por detrás das forças do Estado terrestre.

Esse esquema de Cullmann, no qual a igreja está mais próxima do centro que é Cristo e, portanto, reina com Ele, talvez tenha ganhado o prestígio do catolicismo romano, pois a noção de que a Igreja tinha proeminência sobre o Estado era frequente na teologia política medieval, principalmente em Tomás de Aquino. De fato, o esquema de Cullmann não sugere que a igreja deva reinar sobre o Estado necessariamente, mas, em linhas gerais, essa concepção pode ser inferida. A igreja e o Estado estão necessariamente sobre o mesmo Reino e é exatamente por isso que a igreja deve se interessar por tudo o que se passa no mundo fora dos seus limites.

### ***Cristo Reina no Estado***

O Estado, mesmo em sua ignorância, está posto sob a soberania universal de Cristo. Isso significa que, mesmo sem saber, o mundo, o Estado está submetido ao domínio de Cristo. A ideia de que o Estado está sob o domínio de Deus já estava presente no Antigo Testamento, principalmente em Daniel. No Novo Testamento a relação entre a igreja e as autoridades do Estado (invisíveis e visíveis) deveria ser amistosa<sup>58</sup> tendo em mente a função salvífica da igreja, isto é, proclamar ao mundo, ao Estado, a soberania de Cristo.

A forma como Cristo reina sobre o Estado é distinta daquela por meio da qual Ele reina sobre a igreja. Enquanto na igreja Cristo reina pelo amor e misericórdia, no Estado Ele reina por meio da lei. É por isso que a lei é para os maus e não para os justos. Por isso mesmo os justos não temem a lei, pois estão sob um regime de amor e misericórdia. Segundo Paulo em I Timóteo 1.9-10: “a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os

---

<sup>58</sup> Esse tema é bem trabalhado por Wayne Grudem. Cf. GRUDEM, Wayne. Política segundo a bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer; tradução de Suzana Klassen. – São Paulo: Vida Nova, 2014.

perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina”. O temor não é compatível com a fé verdadeira. A igreja está sob o regime do amor. O autor de I João define a relação distinta entre Cristo e a igreja e entre Cristo e o mundo na passagem de 4.18: “no amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor”.

A passagem mais clara acerca do domínio de Deus sobre as autoridades Estatais (invisíveis e visíveis) é apresentada por Paulo em Romanos 13.1-7. Paulo declara que “não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus” e que a potestade “é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal”. Dessa forma, o Estado não é um deus<sup>59</sup>, mas uma entidade por meio da qual Cristo governa os não-crentes. A lei é o instrumento por meio do qual no Estado Cristo pune os maus e recompensa os justos.

### ***O Papel da Igreja no Estado***

Na perspectiva de Cullmann a igreja tem um papel definido e imprescindível sob o Senhorio de Cristo: a igreja tem o dever de anunciar ao mundo inteiro que todos se encontram sob o Reino de Cristo quer pertençam ou não a igreja. É exatamente pelo fato de a igreja ser a única entidade que conhece a Cristo, que cabe a ela anunciar o Evangelho do Reino aos que, sem saber, Lhe estão igualmente submetidos, preenchendo a função que Lhe está destinada.<sup>60</sup>

Certamente Cullmann está correto a afirmar o papel da igreja como proclamadora do Reino de Deus ao mundo, ao Estado, mas é devedor de maiores explicações sobre pontos importantes desta função. Faltam explicações sobre a ética da Igreja com relação ao Estado e maiores detalhes sobre a dualidade Igreja/Estado dentro do Senhorio de Cristo. Cullmann também acerta em fornecer um ponto de vista excepcional da dignidade do

---

<sup>59</sup> Contrariando Hobbes na obra *Leviatã*.

<sup>60</sup> CULLMANN, 2020, p. 234.

Estado em relação a Cristo. Segundo ele, o Estado está em uma posição de honra por estar sob o domínio de Cristo, mas essa dignidade é válida somente pelo fato de estar sob o domínio de Cristo, o que implica na tese de que o Estado viola a si mesmo e torna-se desonroso quando tenta se emancipar, isto é, tornar-se independente de Deus. Enquanto isso, somente a igreja desfruta de uma realidade divina, pois somente ela reconhece Cristo como Rei.<sup>61</sup>

A igreja deve reconhecer a posição de honra do Estado e se submeter a ele, contudo, deve reconhecê-lo apenas como realidade provisória, pois, no final desta era, o Estado será totalmente absorvido pela igreja. Para entender melhor a concepção de Reino segundo Cullmann é imprescindível ter em mente que o Reino de Cristo não é o Reino de Deus. O Reino de Deus sucederá no fim do Reino de Cristo.<sup>62</sup> No Reino de Cristo há uma dualidade, isto é, dois domínios, o da Igreja e o do Estado e, somente no Reino de Deus não haverá mais dois domínios, pois “Deus será tudo em todos”.<sup>63</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oscar Cullmann nos ofereceu uma perspectiva sobre o Reino que é capaz de contestar outros pontos de vista de diversos teólogos do nosso tempo. A distinção entre o Reino de Deus e o de Cristo apresentada por Cullmann como dualidade de entidades sob apenas um domínio, em nada contradiz a posição bíblica sobre o tema. Sabe-se que o conceito de Reino na bíblia é estreitamente dependente da concepção da onipotência divina. Significa que, uma perspectiva do Reino de Deus que não leva em consideração a soberania universal de Deus é devedora de maiores explicações. E essa é exatamente a limitação da maioria das posições acerca do Reino de Deus.

---

<sup>61</sup> CULLMANN, 2020, p. 251.

<sup>62</sup> CULLMANN, 2020, p. 255.

<sup>63</sup> I Co 15.28.

Cullmann defende que Cristo recebeu, por sua morte e ressurreição, o poder absoluto sobre as coisas visíveis e invisíveis, sobre o universo como um todo. Dessa forma, a realidade como um todo está sob o Senhorio de Cristo. Segundo Cullmann (2020), o *regnum Christi* durará até o final desta era, momento em que todos os inimigos de Deus serão efetivamente derrotados e então, o Reino será entregue ao Pai, que então, será tudo em todos. De acordo com Cullmann, o Reino nesta era é o Reino de Cristo e não o Reino de Deus. A diferença entre ambos pode ser percebida nas entidades que estão sob seus domínios; sob o Reino de Cristo estão a Igreja e o Estado, portanto, salvos e não salvos, bons e maus, ímpios e justos vivem sob o mesmo domínio, mas no Reino de Deus, que se realizará no final desta era, quando a morte, o inferno e todos os inimigos de Deus forem vencidos, o Reino de Deus será composto, portanto, somente de salvos, de justos e santos.

Nesse momento Cristo é Rei e Senhor do universo. Ele governa a Igreja e o Estado. Significa que a ideia arcaica de separação total de Igreja e Estado recebe aqui mais um golpe certo, vindo de um dos maiores teólogos do século 20. O fato de Cristo reinar sobre a igreja e o Estado não significa que não haja distinção efetiva entre ambas as entidades. As passagens citadas no corpo desse artigo apresentaram Cristo como cabeça do Estado e da igreja, contudo, desses dois, apenas sobre a igreja é dito que é o corpo de Cristo. Significa que Cristo tem maior intimidade com o povo de Deus e que se forma nele e ele reina com Cristo. A Igreja, portanto, é governada por Cristo sob um regime de amor e misericórdia, pois é formada de pessoas regeneradas. O Estado, no entanto, vive sob as trevas da ignorância, acreditando em sua falsa moralidade, buscando emancipação e desejando ardentemente sua independência de Deus, atitude digna do riso e zombaria divinos.

O Estado está em uma posição de honra exatamente por estar sob o domínio de Cristo. Mas essa honra só é valorizada à medida que o Estado cumpre o seu papel de exercer a lei, punindo os maus e recompensando os justos. Qualquer forma de arrogância e altivez é julgada por Cristo, o

legítimo Rei. O julgamento de Cristo sobre o Estado vem sob a forma de juízo, destruição, extinção de impérios etc.

A igreja também tem um papel fundamental na realidade efetiva; proclamar aos não-crentes que Cristo reina. A posição de maior honra da igreja se dá exatamente por seu conhecimento de Cristo e em reconhecê-lo como Rei do universo. Em tempos de ignorância quase dogmática e repetição de ideias inócuas, o esquema de Cullmann chega para ventilar os estudos sobre o Reino, abrindo a possibilidade de sepultar de vez a falácia de que Igreja e Estado, religião e política não se misturam.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Santo Tomás de. *Do reino e outros escritos*. Tradução de Carlos Nougué. São Luis – MA: Resistência Cultural Editora; Santo André – SP: Armada, 2017.

BÍBLIA, Português. *Bíblia de Promessas*. Almeida Revista e Corrigida; tradução de João Ferreira de Almeida. – 2ª Edição 2009. – São Paulo: King's Cross Publicações, 2020.

CARSON, D. A. *O Comentário de João*. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CULLMANN, Oscar. *Cristo e o Tempo*. Tradução de Daniel Costa. – 2ª Ed. – São Paulo - SP: Fonte Editorial, 2020.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. – São Paulo – SP: Editora Liber, 2001.

CULLMANN, Oscar. *Das origens do Evangelho à formação da Teologia Cristã*. Tradução de Daniel Costa. – São Paulo – SP: Fonte Editorial, 2020.

GONZÁLEZ, Justo L. *Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé*. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. – São Paulo: Hagnos, 2008.

GRATRY, Alphonse; *Conselhos para a direção do espírito*: as fontes. Tradução de Roberto Mallet. – Campinas, SP: Kíron, 2019.

GRUDEM, Wayne. *Política segundo a bíblia*: princípios que todo cristão deve conhecer. Tradução de Suzana Klassen. – São Paulo: Vida Nova, 2014.



LADD, George Eldon. *O Evangelho do reino: estudo bíblicos sobre o reino de Deus*. Tradução de Hope Gordon Silva. – São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. – São Paulo: Hagnos, 2003.

LUTERO, Martinho. *Sobre a autoridade secular*. CALVINO, João. *Sobre o governo civil*. Tradução de Hélio de Marco Leite de Barros e Carlos Eduardo Silveira Matos. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã*. Tradução de Daniel Moreira Miranda. – São Paulo: EDIPRO, 2015.

ROJAHN, Evandro Roque. *O Reino de Deus e a Missão da Igreja*. Curitiba: A.D. Santos Editora, 2018.

SERTILANGES, Antonin-Dalmace. *A Vida Intelectual – Seu espírito, suas condições, seus métodos*. Tradução de Roberto Mallet; prefácio de Olavo de Carvalho. – Campinas, SP: Kírión, 2019.

TILLICH, Paul. *Textos Seleccionados*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: Volume I, Pentateuco*. Traduzido por Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica Editora, 2006.

## CAPÍTULO X

---

# A TEOLOGIA DA SALVAÇÃO: A PRÁTICA DO APELO EVANGÉLÍSTICO NAS IGREJAS EVANGÉLICAS

THE THEOLOGY OF SALVATION: THE PRACTICE OF THE EVANGELISTIC APPEAL IN THE EVANGELICAL CHURCHES

Wellerson David Baptista<sup>1</sup>

Márcia Ferreira Sales<sup>2</sup>

## RESUMO

Observa-se a prática relacionada às pregações e seus ritos finalísticos, como regra, na maioria das pregações nos púlpitos ao findar dos sermões, como forma para avaliar quem entendeu a mensagem, se sentiu “tocado” por tais palavras e queira entregar sua vida naquele exato momento a Jesus. Neste artigo propõe-se uma discussão acerca das diversas estratégias adotada pelos líderes das igrejas evangélicas, após a pregação, para levar a confissão de fé, por meio de ato público, ao maior número de pessoas possível, por meio do apelo não poucas vezes apelado, cujo intuito, na sua primeira avaliação é que o pregador queira levar a pessoa a reconhecer Jesus como seu salvador publicamente.

**Palavras-chave:** Apelo. Aceitar Jesus. Salvação. Culto. Igrejas Evangélicas.

## ABSTRACT

It is observed the practice related to the preaching and its finalistic rites, as a rule, in most of the preaching in the pulpits at the end of

---

<sup>1</sup> Pós-graduado em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduado em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista de Minas Gerais. Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. Graduando em Psicologia pela Faculdade Pitágoras. É Segundo Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Gestão de Pessoas pela Fundação Dom Cabral. Pós-graduação em Teologia Sistemática. Graduada em Letras pela PUC. Email: marciafsales777@gmail.com; pag 157, alterar o ano de Erickson PARA 1992; pag 158, idem; inserir na referência “ERICKSON, M. Introdução a Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1992”; pag 164, Murray, 2008.

the sermons, as a way to assess who understood the message, felt “touched” by such words and want to give their life in that right moment to Jesus. This article proposes a discussion about the various strategies adopted by the leaders of the evangelical churches, after preaching, to take the confession of faith, by means of a public act, to as many people as possible, through the appeal often appealed, whose purpose, in its first assessment, is that the preacher wants to lead the person to recognize Jesus as their savior publicly.

**Keywords:** Appeal. Accept Jesus. Salvation. Cult. Evangelical Churches.

## INTRODUÇÃO

Uma das disciplinas do estudo da Teologia Sistemática é a Soteriologia (doutrina da salvação). No início do séc. XVII entra em cena a controvérsia quinquarticular<sup>3</sup>. Independente de controvérsias sobre calvinismo e arminianismo e seus debates milenares em concílios, o artigo abordará a prática do apelo nas igrejas evangélicas, englobando-o como instrumento da evangelização considerando como tal a pregação nos púlpitos e, portanto, no interior das igrejas na busca de transparecer o Ide de Cristo como plano maior.

Nos dias atuais, as pregações em muitos segmentos se concretizam com a chamada ao altar daquele que ainda não fez, mas que entendeu a palavra exposta e queira aceitar a Jesus. Esta chamada passou-se a ser recorrente e denominada como “O apelo”.

Segundo alguns pastores e teólogos, tal prática não está explícita na bíblia. Sendo assim, quando começou e quem são seus principais defensores e opositores? Afinal, é bíblico ou antibíblico? Aceitou o convite já está “salvo”? Busca argumentar, debruçando-se em pensadores contra e a favor

---

<sup>3</sup> Termo usado para se referir puramente aos confrontos teológicos calvinista-arminiano do período de 1609 até 1618 está relacionado com os cinco pontos de discordância levantados pelo partido arminiano em sua publicação dos cinco artigos da remonstrância em 1610.

da prática do apelo nas igrejas evangélicas, com vista a evidenciar os limites que se deve estabelecer para o não constrangimento do membro visitante.

## O APELO EVANGELÍSTICO

Grande parte dos cristãos protestantes confessa terem vindo a Cristo por meio do apelo. Este sistema estabelecido como apelo é inclusivo de variadas práticas como o “banco dos Ansiosos”, “banco dos Contristados”, a “chamada para decisão”: reconciliação pela ideia de que terão como resultante um determinado grau de certeza que se expressa pelo ato de um movimento físico e demonstrações emocionais, que serve, em última análise, a uma finalidade utilitária de ser a resposta adequada para quase qualquer preocupação religiosa (DOWNING, 2015).

Esta é uma prática recorrente na maior parte das igrejas evangélicas que, portanto, possuem características de religião dos tempos antigos; todavia, esta prática não é tão antiga, e traz consigo um “novo e essencial afastamento da fé bíblica e histórica que experimentou momentos de grande bênção sem tal por mais de 1800 anos”, conforme Downing:

Muitas vezes há um retorno ao “altar” em busca de um renovado senso de sentimento religioso. A conseqüente paz... é confundida com alegria espiritual. O amor-próprio é claro, conduz a uma gratidão espúria e o faz elogiar isso; e faz com que o coração ame as circunstâncias, os meios e os companheiros de sua deliciosa intoxicação. E agora temos os “ouvintes pedregais” reproduzidos (Mateus 13:20-21). O coração morto não tendo nenhuma verdadeira vitalidade para gerar emoção espiritual interior, afunda em um frio e triste vazio quando está sozinho; e, portanto, é mais propenso por um tempo, a almejar um retorno ao local e às circunstâncias onde os dispositivos emocionantes foram aproveitados. (DOWNING, 2015)

Assim, os sermões assumem grande responsabilidade [...] “podemos escrevê-los de modo que sejam mais persuasivos” afirma Olyott (2005). Jesus ensinou os seus discípulos a respeito da caridade, oração e jejum. Em cada ensino Ele lhes disse primeiro o que não fazer; depois, o que deviam fazer. Segundo o autor:

O negativo deve preceder o positivo. Da mesma maneira, o abstrato deve anteceder o concreto; o falso vir antes do verdadeiro; afirmações antes de apelos e exortações. Por que roubar de uma mensagem a sua força, quando, por meio de uma pequena consideração e reorganização podemos torná-la mais convincente? (OLYOTT, 2005)

Corroborando com a citação de Olyott, Richard Baxter (2015), embora em seu tempo não existisse o apelo realizado como Finney e Billy Graham, afina o chamado ao pecador em seu sermão intitulado “Uma palavra sincera aos não convertidos” da seguinte forma:

Ele vê o dia terrível à mão, quando seus sofrimentos começarão e vocês deverão lamentar tudo isso com clamores infrutíferos em tormento e desespero; e, então, a lembrança de sua insensatez rasgará seus corações, se a verdadeira conversão não impedir isso agora. [...] tem feito disto o nosso dever, falar com vocês em Seu nome (2 Coríntios 5:19) e falar claramente do seu pecado e miséria, e qual será o seu fim, e como é triste a mudança que vocês verão em breve, se assim ainda continuarem um pouco mais [...]. (Baxter, 2015)

### ***As portas de Entrada do Apelo***

Ao longo dos séculos algumas práticas das igrejas foram misturadas e paulatinamente, seus dogmas e costumes geraram também a prática do apelo. Dois grandes momentos foram registrados nesse fenômeno: o reavivamento wesleyano nos Estados Unidos da América, e o segundo grande despertar do XVIII e início do século XIX na Inglaterra.

Neste período havia grandes concentrações de pessoas em acampamentos em média uma vez por ano, onde a prática de se congregar em uma igreja local. As pessoas iam a esses grandes encontros. Havia ainda os pregadores itinerantes, sendo este apontado como o nascimento de duas práticas: O altar dos lamentadores (banco) e a prática dos exortadores.

Quanto à primeira, o pregador atuava mais a lateral ao lado oposta do referido banco. As pessoas ao ouvirem os sermões se comoviam e ao final eram orientadas pelo pregador ou sua equipe. Na prática dos exortadores, estes observavam as pessoas e no final iam até estas que percebiam mais tocadas e apelavam de forma contundente e emotiva para que o indivíduo

desloque até ao banco das emoções. Em continuidade a estas práticas, começa-se a lidar com inovação teológica. Tais inovações são apresentadas por meio do Deísmo, Universalismo, Unitarismo, Pietismo e do Reduccionismo.

O Deísmo, em suma, refere-se à fé extremamente racionalista que defende a bondade inata do homem, ele nasce bom. O Individualismo, por sua vez, o povo é mero assistente e apenas o “sacerdote” fala, revela as coisas de Deus - catolicismo. O Pietismo ou Subjetivismo está ligado a um sentimento mais egocêntrico, individual do eu, onde importa o indivíduo pessoalmente ser tocado. Por fim, o Reduccionismo é a corrente de pensamento que dá importância cada vez menor aos credos, aos pensamentos teológicos, cuja finalidade é explicar as partes constituintes de algo, incluindo a fé, de forma mais simples.

Tais correntes influenciam as inovações nos sermões e nas pregações, quanto à forma de ver a palavra de Deus. Assim, se abre o espaço para o apelo avaliado em Charles Finney, que embora seja considerado o pai do apelo, práticas semelhantes já haviam sido vistas, Finney não aplicava apenas um modelo.

A teologia de Finney demonstra uma visão e, portanto, ênfase na depravação humana, não defende nem o arminianismo, nem o calvinismo, mas, o pelagianismo outrora combatido por Agostinho no século V. Finney afirma que a depravação humana não é por natureza, mas é por escolha. Porém, os cristãos defendem que a depravação é inata a partir do Édem, não é natural.

Charles Finney, avivalista do fim do século XVIII e meados do século XIX, é por diversos estudiosos apontado como o “pai do Apelo”. Para Horton (2011), a pergunta de Finney para qualquer ensinamento era: “é útil para converter pecadores?”. Segundo o autor, esta era uma pergunta revivalista e que teve como resultante “a divisão dos presbiterianos da Filadélfia e Nova York nas facções Arminiana e Calvinista”. Daí por diante, Finney passa a adotar “Novas Medidas” que incluíam o “banco do aflito” sendo este o “(precursor da Chamada do Altar, de hoje)”, táticas emocionais

que levam ao desmaio e ao choro, e outros “estímulos” como os chamava Finney e seus seguidores” (HORTON, 2011).

Encontra-se em Horton (2011) a primeira definição de apelo. Segundo o autor, o que chamamos de apelo é “a chamada ao altar”. O dicionário português define a palavra apelo referente ao verbo apelar, e significa: o próprio ato de apelar, pedido de auxílio, de providência. Dirigir um apelo a autoridade, está ligado ao direito, invocação, recurso, apelação.

Segundo o manuscrito original de “As memórias de Charles Grandison Finney (1792-1875)”<sup>4</sup> começou a pregar em um edifício da escola Evans Mills, interior do Estados Unidos, onde muitas pessoas corriam para ouvi-lo. Elas gostavam de suas pregações e assim, naqueles dias, vivia um tempo de avivamento. Insatisfeito por estar a aguardar uma comoção geral de seu público, “depois de pregar dois ou três domingos e de realizar vários cultos vespertinos durante a semana”, relata: “eu estava ali com o objetivo de levá-los à salvação em Cristo.” Para o pregador, o simples fato de estarem gostando de sua pregação não era o suficiente. “De nada valeria gostar de minhas pregações se continuassem rejeitando o Senhor” (FINNEY, 1876).

### ***Apelo e sua relação com a salvação***

Este é o ponto. Um dos textos mais utilizado a justificar-se esta ação é Romanos 10:9 que diz: “A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”.

Para Erickson (2015), a salvação está ligada à aplicação da obra de Cristo aos seres humanos. A doutrina está relacionada com as necessidades mais básicas da vida humana e tem apelo e relevância especial. Segundo o autor a palavra salvação pode parecer óbvia para quem está familiarizado,

---

<sup>4</sup> Tirado do texto original do próprio Charles G. Finney, que está preservado nos arquivos da Faculdade de Oberlin, Ohio, onde Finney foi catedrático de teologia e presidente, de 1851 a 1865. Após a morte de Finney, o seu sucessor James Harris Fairchild, preparou o manuscrito para a primeira edição publicada em 1876.



mas por menor que seja o círculo que ela é destacada existirá “concepções muito diferente sobre o que a salvação abrange”, ou seja, perpassa por divergências na área da dimensão do tempo, onde é possível compreendê-la em suas variadas formas como único processo sendo do início da vida, ao decorrer de “toda a vida cristã ou um evento futuro”<sup>5</sup>.

Outro é a natureza e *locus* da necessidade, onde em uma concepção evangélica tradicional a deficiência humana básica é considerada vertical: uma separação de Deus. Segundo Erickson, o pecado é uma violação que separa o homem de Deus por resultar em inimizade com Ele e, assim, é necessária a “restauração do relacionamento rompido” entre Deus e a criatura”. Essa concepção evangélica, revela o autor, se caracteriza por expressões como conversão, perdão, reconciliação e adoção.

No entendimento de Grudem (2017, p. 593) a Confiança pessoal em Cristo, significa não apenas acreditar nos fatos a respeito dele. A palavra *confiança*, é melhor compreendida na contemporaneidade do que os termos outrora pronunciados como a palavra Fé ou Crer. Explica que, pode-se crer que algo é verdade mesmo sem se comprometer pessoalmente e, assim, não haja dependência alguma envolvida. Diz que, a palavra *fé* atualmente “às vezes é usada para se referir a um comprometimento quase irracional com alguma coisa, mesmo quando há forte evidência do contraditório”. Exemplifica que “se um time de futebol continua a perder os jogos, alguém pode encorajá-lo a ter “fé” mesmo que todos os fatos indiquem a direção oposta”.

Nestes dois sentidos populares, as palavras “Crer” e “Fé” tem um significado contrário ao sentido bíblico. A palavra *confiança* é a que representa adequadamente a ideia bíblica, uma vez que todos os dias nos relacionamos com pessoas que confiam. Ao conhecer a pessoa com a característica da confiança nos pegamos confiando nela, nas suas promessas e no que ela pode vir a fazer. Este é o sentido mais pleno de confiança pessoal”. Ou seja, a conversão nasce a partir da confiança da pessoa em Jesus

---

<sup>5</sup> Teologia Sistemática. Erickson, Millard. Vida Nova, 2015. p. 865.

e isso pode significar relacionamento. Afirma o teólogo. Verifica-se que como resultante do pecador “incrédulo” ir a frente no mínimo houve confiança naquilo que foi exposto para que levasse a tal exposição e entrar no processo de conversão, perdão, reconciliação e adoção, explícito por Erickson.

### ***Apelo e seus efeitos subjetivos***

Em Bennett (2000), é possível perceber que há na bíblia referências relevantes que se aplicam a prática do apelo e estes orientam como deve se aplicar e chamar o pecador para salvação em Cristo, o modelo bíblico difere das práticas hoje aplicadas. No sentido de chamar o pecador à salvação, Grudem (2017) afirma que [...] “ao se desejar obter uma fé salvífica mero conhecimento não basta”. Para uma pessoa ser salva, envolve-se mais do que simples conhecimento, pois, conhecer a morte e ressurreição de Jesus não é o bastante, afinal, alega Grudem, as pessoas podem conhecer algo e ainda assim rebelar-se contra ele ou não gostar dos argumentos. Mas apesar de conhecer, a aprovação também não será suficiente, pois, Nicodemos é o exemplo que referência este posicionamento.

Para Grudem (2017), todo aquele discurso de Nicodemos em João 3:2, deixou claro que embora, bem próximo da fé salvífica, lhe faltava uma coisa, afirma: “faltou a Nicodemos depositar sua confiança em Jesus para receber a salvação”. Nesse sentido, o ato da aceitação ao apelo ainda é insuficiente para que a pessoa se considere salva. Pois até esse momento, a pessoa é, ainda, um observador interessado nos fatos da salvação e nos ensinamentos da bíblia. A fim de que seja salvo; será necessário ao ouvinte manifesto, entrar num novo patamar de comunhão com Jesus Cristo, como uma pessoa viva, deixando a posição de observador para dependente, ato que envolve confiança pessoal.

Os convites do evangelho devem ser dirigidos a todos, e que a garantia para crer está nos mandados e nas promessas das Escrituras — levam-nos ao âmago da disputa entre o calvinismo evangélico e o hipercalvinismo. O conflito diz respeito ao lugar da responsabilidade, ou, para usar uma

expressão equivalente, à sua livre agência - não confundir com livre arbítrio.  
(MURRAY, 2008)

## A BÍBLIA E PRÁTICA DO APELO

Observa-se em MC. 1:14-15, que o ministério de Jesus começa com apelo. Há uma urgência ao dizer que o tempo está se cumprindo, e observando o texto, o que Jesus está exigindo é arrependimento e fé e não que as pessoas venham à frente. Pode entender-se então que Jesus espera corações resolutos.

Para Bennett (2000), é possível ir até Jesus fisicamente, andar com ele, falar e não ter ido a ele de fato. A atitude exterior nem sempre reflete a realidade do coração. Para este autor, quando Jesus está dizendo vinde a mim, não se trata de uma atitude exterior. Portanto, é diferente, não se identifica com os apelos sistematizados atualmente. Outro texto é a parábola do semeador LC. 8:11.

11 Este é o significado da parábola: A semente é a palavra de Deus.

12 As que caíram à beira do caminho são os que ouvem, e então vem o diabo e tira a palavra dos seus corações, para que não creiam e não sejam salvos.

13 As que caíram sobre as pedras são os que recebem a palavra com alegria quando a ouvem, mas não têm raiz. Creem durante algum tempo, mas desistem na hora da provação.

14 Às que caíram entre espinhos são os que ouvem, mas, ao seguirem seu caminho, são sufocados pelas preocupações, pelas riquezas e pelos prazeres desta vida, e não amadurecem.

15 Mas as que caíram em boa terra são os que, com coração bom e generoso, ouvem a palavra, a retêm e dão fruto, com perseverança’.

16 “Ninguém acende uma candeia e a esconde num jarro ou a coloca debaixo de uma cama. Pelo contrário, coloca-a num lugar apropriado, de modo que os que entram possam ver a luz.

17 Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz.

18 Portanto, considerem atentamente como vocês estão ouvindo. A quem tiver, mais lhe será dado; de quem não tiver, até o que pensa que tem lhe será tirado.

Outro texto muito citado que traz um aparente embasamento para o apelo é o sermão de Pedro em Atos 2. Evidentemente ali existe um chamado efetivo ao arrependimento e a urgência de se aceitar a palavra de Deus em Jesus. Tal característica do sermão é semelhante ao que Jesus demonstrava, porém, a novidade em Pedro está na referência do batismo como sinal e selo de uma caminhada inicial e exterior de confissão, Agostinho vai chamar de “graça exterior”.

### *Apelo e conversão para finney*

Para Grudem, a pessoa em um único ato dá as costas para o pecado em arrependimento que difere do remorso e volta-se para Cristo em fé no começo da vida cristã. Para Finney (1876), o ato de fé seria o confessar dos lábios de Romanos 10:9; professar publicamente e saber as reais intenções, é que demonstra uma indubitável fé.

Vocês reconhecem que o que prego é o evangelho. Professam publicamente que creem nisso. Agora, querem recebê-lo? Pretendem recebê-lo? Ou pretendem rejeitá-lo? Forçosamente, vocês já têm opinião formada a respeito do assunto. [...] "Agora, preciso conhecer vossas reais intenções. Quero que aqueles que resolveram tornarem-se cristãos, assumindo o compromisso de firmar imediatamente a paz com Deus, se levantem; e que, ao contrário, aqueles que estão decididos a não se tornarem cristãos e desejam que eu saiba disso e que Cristo assim entenda, fiquem como estão". Revelei-lhes, ainda, que sentia haver algo de errado - ou em mim ou neles; que o interesse que manifestavam por minha pregação não lhes seria de proveito algum; que eu não podia dedicar meu tempo a eles a não ser que se dispusessem a receber o evangelho. Em seguida repeti as palavras do servo de Abraão: “ Agora, se quiserem mostrar fidelidade e bondade a meu senhor, digam-me; e, se não quiserem, digam-me também, para que eu decida o que fazer (Gn 24:49). [...] Disse-lhes. (FINNEY, 1876)

O sistema de apelos tem a tendência de promover uma “crença-fácil”. Há uma grande diferença entre a conversão bíblica e o “decisionismo” religioso. A conversão à luz da Bíblia significa o início de uma vida transformada. É a manifestação imediata e inevitável da graça regeneradora. (DOWNING, 2015). A conversão para Finney é o resultado direto da

persuasão moral pelo uso apropriado de meios. A pregação evangelística era uma batalha de vontades entre ele mesmo (Finney) e os seus ouvintes, na qual a sua tarefa era levá-los ao ponto de ruptura.

Finney “estava convencido de que os pastores poderiam produzir avivamento usando os métodos corretos e que, chamar pecadores arrependidos à frente era necessário para tirar os pecadores do meio da massa de ímpios para levá-los a uma renúncia pública de seus caminhos pecaminosos” (BARBOSA, 2012). As pessoas ficavam ansiosas com as pregações e se deslocavam à frente sentando-se no banco que estava destinado a estas pessoas; este lugar especial foi denominado “Banco dos Ansiosos”. A partir de então recebiam uma oração individual e uma palavra especial.

[...] Eles ficaram furiosos comigo. Levantaram-se todos e começaram a andar em direção à porta. Quando estavam no meio do caminho, fiz uma pausa. Eles voltaram-se a fim de ver por que razão eu havia interrompido a fala. Então continuei: tenho pena de vocês e digo-vos que só pregarei aqui mais uma vez, se Deus quiser, amanhã à noite”. Todos retiraram-se, menos o irmão John McComber, diácono da igreja batista. (FINNEY, 1876)

## ***A pregação***

No livro de Atos 2: 14 ao 37, Pedro realiza seu discurso no dia de pentecostes, a cidade de Jerusalém estava cheia devido às festividades. Disse o autor Lucas: Pedro pôs-se em pé e disse aos homens Judeus em voz alta: *V. 21*, “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. Pregação<sup>6</sup> é a “apresentação humana por intermédio do Espírito Santo, dos atos salvadores de Deus por meio de Jesus Cristo”. A palavra pregação vem do latim, que significa *praedicare*, proclamação da palavra de Deus, visando à divulgação do conhecimento divino, a conversão dos pecadores e a consolidação dos fiéis. O objetivo da pregação é a conversão<sup>7</sup>. Esta última, é

---

<sup>6</sup> Dicionário Teológico, edição revista e ampliada, ed. CPAD, 2014;

<sup>7</sup> Dicionário Teológico, edição revista e ampliada, ed. CPAD, 2014.

“a nossa resposta espontânea ao chamado do evangelho, pela qual sinceramente nos arrependemos dos nossos pecados e colocamos a confiança em Cristo para recebermos a salvação” (GRUDEM, 2017).

Afirma que para que se obtenha uma fé salvífica pessoal e não um mero conhecimento, antes, é necessário que se tenha “algum conhecimento de quem Cristo é, e do que ele fez”. Para o autor, ainda assim não será suficiente. Pois as pessoas poderão ter essa noção do que Cristo fez, mas rebelar-se contra eles ou não gostarem desses fatos. Pois afirma: “Até mesmo os demônios conhecem quem é Deus e os fatos que norteiam a obra salvífica e a vida de Jesus”. É necessário decidir-se. Decidir depender de Jesus para que seja salvo. Ao decidir ele “deixa a posição de um observador que simplesmente interessa nos fatos da salvação para tornar-se alguém que numa nova comunhão com Jesus Cristo, uma pessoa viva”. Para Finney havia algo errado ou nos seus ouvintes ou nele, disse:

Eles olharam uns para os outros e para mim — e todos ficaram sentados sem se mexerem, como eu esperava que viesse a acontecer. Depois de olhar para todos eles por alguns momentos, falei: "Então, estão comprometidos. Tomaram posição. Rejeitaram a Cristo e ao evangelho. São testemunhas uns contra os outros e Deus é testemunha contra vocês todos. Isto foi manifesto e é um fato que podem guardar na lembrança enquanto viverem: vocês assumiram um compromisso público contra o Salvador, dizendo: 'Não queremos esse homem, Jesus Cristo, reinando sobre nós'". (FINNEY, 1876)

Charles Grandison Finney foi pregador, professor, teólogo e avivalista nos EUA, considerado um dos líderes do Segundo Grande Despertar. Seu tempo de atuação antecede ao de Lloyd Jones, e está concentrado no século XIX. Para Finney, o apelo é visto como “uma ferramenta muito persuasiva para mudar a vontade humana”. Porém, há aqueles que discordam deste posicionamento como o próprio Lloyd Jones, Asahel Nettleton,<sup>8</sup> contemporâneo de Finney. Estes rejeitam essa

---

<sup>8</sup> Asahel Nettleton (1783 - 1844) foi um teólogo reformado e pastor americano de Connecticut, influente durante o Segundo Grande Despertar. É conhecido principalmente por sua participação

credibilidade que Finney dava ao apelo e, conseqüentemente, não acreditavam na “capacidade humana e sua dependência no sistema de apelo”. No entendimento desses autores últimos, alinhados ao historiador Iain Murray, desde o nascimento a natureza da pessoa já é pecaminosa e, diante desta natureza, ela é incapaz de confiar, por si só em Cristo, “até que Deus mude o coração”.

Poderia um homem ver a si mesmo como um pecador condenado ao inferno, sem sentir qualquer emoção? Poderia um homem olhar para o interior do inferno sem qualquer emoção? Poderia um homem ouvir as trovoadas da Lei e nada sentir? Ou, vice-versa, poderia um homem contemplar de veras o amor de Deus, em Cristo Jesus, sem sentir qualquer emoção? Toda essa ideia é totalmente ridícula. Lastimo que muitas pessoas hoje em dia, na sua reação contra os excessos e o emocionalismo, chegam a uma posição tal que, em última análise, estão virtualmente negando a Verdade. O Evangelho de Jesus Cristo envolve o homem inteiro, e se o que passa pelo Evangelho não faz tal, então isto não é o Evangelho. (JONES, 1998)

Para o historiador Iain Murray (2008), muitos oponentes ao apelo alegavam que o chamado para uma resposta pública confundia um ato externo com uma mudança espiritual interna. Além disso, diz Murray, o apelo efetivamente “instituiu uma condição de salvação que nunca apontava para Cristo”. Os críticos argumentam que o evangelismo realizado dessa forma resultou em uma falsa segurança, já que uma grande parcela daqueles que iam à frente para “receber a Cristo” logo se apostataram.

O hipercalvinismo afirma que não se pode exigir que os pecadores façam o que eles não podem fazer, a saber, crer em Cristo para salvação. A capacidade de crer pertence unicamente aos eleitos, e isso no tempo determinado pelo Espírito de Deus. Por isso, o pregador chamar os seus ouvintes ao imediato arrependimento e fé é negar tanto a depravação humana como a soberania da graça (MURRAY, 2008). Nettleton apresenta esta forma de ver a salvação, em sua participação na Conferência New

---

na Conferência New Lebanon, em 1827, durante o qual se opôs aos ensinamentos de Charles Finney e Lyman Beecher.

Lebanon, em 1827, quando se opôs aos ensinamentos de Charles Finney e Lyman Beecher, por acreditar que “a salvação é uma obra de Deus somente”, portanto, rejeitava a prática de chamarem as pessoas durante os cultos para aceitarem a Jesus. Giorgiv, apud Nettleton (2005), acreditava que essa prática era uma negação das doutrinas do pecado original e da depravação total. Ressalta que a história forneceu evidências mais tarde de que “a acusação de Nettleton<sup>9</sup> de que a nova abordagem militarista contra a convicção do pecado, estava correta. Foi quando o evangelicalismo passou a aceitar cada vez mais o sistema de apelo, que o fenômeno da convicção do pecado gradualmente foi desaparecendo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de posicionamentos contrários a prática do apelo, existe ainda a alegação dos pastores e líderes que, apesar do apelo ser em suas igrejas uma prática recorrente. Entende-se que não é obrigatório fazer o apelo nos cultos e muito menos terá que ser no final, pois, trata-se de um mover ou ação do Espírito Santo, portanto livre de tempo, mas, sempre sob o direcionamento espiritual.

A questão levantada trata-se de uma reflexão à prática do apelo nas igrejas evangélicas, que se norteia na prática do ato e sua legalidade bíblica. Há um consenso, portanto não unânime, de não o identificar como antibíblico, e este posicionamento foi maior verificado entre os reformadores, porém, é possível perceber que na prática, se trata de um rito comum e cultural nas igrejas evangélicas, ou melhor, em grande parte delas.

É possível encontrar autores como M. L. Jones (1998) afirmando que esta prática se perpetua por ser viável a identificação imediata dos resultados para o trabalho de salvação, não só para angariar membros para aquela comunidade de fé, mas, pelo fato de possibilitar ao interessado - visitante e

---

<sup>9</sup> Dictionary of American Biography, s.v. “Nettleton Asahel”. Nettleton read about the founding of missionary societies in England in the Connecticut Evangelical Magazine and in Melville Horne’s Letters on Missions.



afins, o início imediato do cuidado e direcionamento da caminhada em Cristo. Respalhado sobre o pensamento de autores consistentes como Charles Finney, D. M. Lloyd Jones e William R. Downing, conclui-se que não são poucos são os críticos ao considerado pai do apelo evangelístico, afinal, assim também são vastos os motivos percebidos nos relatos dos autores em relação aos problemas nocivos com o advento da prática apelativa.

A dificuldade de encontrar material acadêmico específico deste assunto exige grande esforço, apesar do debate acerca do assunto ser acalorado em *blogs* e vídeos nas plataformas digitais como *YouTube*. Não obstante, procurou-se fidelidade às literaturas acadêmicas acerca do assunto, o que proporcionou a aquisição dos dados por meio de livros e periódicos, buscando uma metodologia qualitativa, em fontes primárias de autores como Charles Finney, D.M. Lloyd Jones e W.R. Downing, dentre outros.

Este artigo não teve o objetivo de esgotar a temática proposta, mas sim dar continuidade à discussão de maneira relevante. Faz-se necessário mais estudo e pesquisas acerca desta temática.

## REFERÊNCIAS

- ALYOTT, Stuart. *Pregação Pura e Simples*. Ed. Fiel, 2005.
- BAXTER, Richard. *Uma Palavra Sincera aos Não Convertidos*. 1ª Edição, 2015.
- DOWNING, W. R. *Por que não usamos o sistema de apelos?* Ed. EC, 2015.
- FINNEY, C. G. *Autobiography*. NJ: Fleming H. Revell, n. d.
- FINNEY, C. G. *Lectures on Revivals of Religion*. New York: Fleming H. Revell, n. d. 445 pp.
- FINNEY, C. G. *Lectures on Systematic Theology*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1971.
- HAMBRICK-STOWE, C. *Charles G. Finney e o Spirit of American Evangelicalism*. Biblioteca de Biografia Religiosa. Ed. Mark A, 1996.

HORTON, MICHAEL SCOTT. *O legado de Charles Finney*. Editora os Puritanos, 2011.

JONES, Martyn Lloyd. *Pregação e Pregadores*. Ed. Fiel, 4ª edição 1998.

JONES, Martyn Lloyd, *Revival e Revivalism*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1994.

MURRAY, Iain. *Responsabilidade Humana*. Ed. PES, 2008.

NETTLETON, A. *Sermões do Segundo Grande Despertar, com uma introdução de Tom Nettles e um prefácio de Bennet Tyler Ames*. IA: International Outreach, 1995.

NETTLETON, A. *Nettleton read about the founding of missionary societies in England in the Connecticut Evangelical Magazine and in Melville Horne's Letters on Missions*. Disponível em: <https://www.emmanuel.ro/wp-content/uploads/2014/06/P-3.2-2005-Adrian-Giorgio-Asahel-Nettleton-Revivalist-of-the-Second-Great-Awakening.pdf> . em 30 Nov. 2019.

PACKER, J. I. A. *Evangelização e a Soberania de Deus*. Ed. Cultura Cristã, 2002.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**Júlio César Pinheiro do Nascimento** é mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). MBA em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade FUMEC; Pós-graduado em Teologia, Leitura e Interpretação Bíblica pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Religioso pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Conflitos pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Liderança Corporativa pela FABAPAR; Pós-graduado em Gestão de Projetos Sociais pela FABAPAR; Pós-graduado em Capelania e Aconselhamento pela FABAPAR; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior com Ênfase em EAD pela Faculdade IPEMIG; Pós Graduado em Direitos Humanos e Ressocialização pela Faculdade Dom Alberto; Pós Graduado em Prevenção à Violência Doméstica pela FAVENI; Pós Graduando em Direito Militar pela Faculdade Dom Alberto; Graduado em Tecnologia e Gestão da Segurança Privada pela Universidade FUMEC; Graduado em Tecnologia em Segurança Pública pela PMMG; Graduando em Educação Física. É Terceiro Sargento da Polícia Militar de Minas Gerais. Contato: professorjullao@outlook.com | Currículo Lattes disponível para acesso em: <http://lattes.cnpq.br/3273557003731752>.

**Roney Ricardo Cozzer** é mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), formado em Psicanálise e licenciado em Pedagogia e História. Docente, conteudista e coordenador pedagógico no Centro de Ensino Superior FABRA. E-mail para contato: roneyricardoteologia@gmail.com | Currículo Lattes disponível para acesso em: <http://lattes.cnpq.br/3443166950417908>.



